

LETRAS, LINGUISTICA e LITERATURA: *Discursos*

Resiane Silveira e Jader Silveira (Orgs.)

1
2022

LETRAS, LINGUISTICA e LITERATURA: *Discursos*

Resiane Silveira e Jader Silveira (Orgs.)

1
2022



Editora
REALCONHECER

© 2022 – Editora Real Conhecer

editora.realconhecer.com.br

realconhecer@gmail.com

Organizadores

Jader Luís da Silveira

Resiane Paula da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Real Conhecer

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S5871 Silveira, Resiane Paula da
Letras, Linguística e Literatura: Discursos - Volume 1 / Resiane Paula da Silveira; Jader Luís da Silveira (organizadores). – Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2022. 121 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84525-21-4
DOI: 10.5281/zenodo.6824479

1. Letras. 2. Linguística. 3. Literatura. 4. Discursos. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 410
CDU: 80

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Real Conhecer
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
editora.realconhecer.com.br
realconhecer@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://editora.realconhecer.com.br/2022/07/letras-linguistica-e-literatura.html>



AUTORES

ANA PAULA TRIBESSE PATRÍCIO DARGEL

CLARICE CRISTINA CORBARI

DANIEL SEIDEL RUPPENTHAL

DRIELLY SANTOS DE SOUZA

KELIN REGINA BERGAMINI DO NASCIMENTO

LARA BEATRIZ A. TEIXEIRA

LUCIRENE DA SILVA CARVALHO

MARIA DE LOURDES MAZZA DE FARIAS

MARIDELMA LAPERUTA-MARTINS

NATHALIA EMANUELE OLIVEIRA

RAQUEL TEREZINHA RATAJCZYK

SHIRLENE BEMFICA DE OLIVEIRA

SILMARA CRISTINA BATISTA DA SILVA

THAÍS ELLEN ROMUALDO DE OLIVEIRA

APRESENTAÇÃO

A obra nos remete a linhas de leituras e pesquisas, as quais são fundamentais e que norteiam o conhecimento atrelado a prática; os trabalhos científicos aqui apresentados, estão todos ligados às Letras, a Linguística e a Literatura, com excelentes contribuições de autores, que se utilizaram de muitos objetos de estudo para que essa contribuição fosse de fato positiva e tivesse um resultado significativo no que tange a área estudada.

É de extrema importância lembrar que as Letras, a Linguística e a Literatura possuem papéis fundamentais na vida do ser humano, estando vinculada à sociedade em que se origina; um instrumento de comunicação e de interação social, que cumpre o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade dentro da sociedade.

A obra apresenta linhas de estudos, dos quais muitos profissionais se deparam em suas carreiras e assim ajudará a desenvolver e otimizar as atividades propostas, disponibilizando as contribuições necessárias, para que o sucesso chegue juntamente com o conhecimento atrelado a prática.

Esperamos que os diferentes enfoques e pontos de vista, compartilhados pelos autores desta obra, possam contribuir com mais discussões e novas informações sobre Letras, Linguística, Literatura e seus discursos com a cultura, a sociedade e a história, dentro da Educação, bem como no âmbito da pesquisa, da extensão, e de várias outras metodologias que inovem as instituições de ensino, contribuindo para a formação de profissionais que capacitados que contribuam em sua área de atuação.

SUMÁRIO

Capítulo 1 ANÁLISE DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA <i>Drielly Santos de Souza; Maria de Lourdes Mazza de Farias</i>	8
Capítulo 2 UM ESTUDO DO GRAFEMA <h> COMO VALOR ETIMOLÓGICO OU NÃO: UMA BREVE ANÁLISE <i>Lara Beatriz A. Teixeira; Lucirene da Silva Carvalho</i>	29
Capítulo 3 TOPONÍMIA E ENSINO: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA LEXICULTURAL NOS LOGRADOUROS DO MUNICÍPIO DE MUNDO NOVO/MS <i>Silmara Cristina Batista da Silva; Ana Paula Tribesse Patrício Dargel</i>	43
Capítulo 4 MITOS VELADOS DA UTÓPICA EPOPEIA PEDAGÓGICA <i>Kelin Regina Bergamini do Nascimento; Maridelma Laperuta-Martins</i>	66
Capítulo 5 NARRATIVAS DAS MEMÓRIAS DO MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: DA INVISIBILIDADE AO DESTAQUE <i>Shirlene Bemfica de Oliveira; Nathalia Emanuele Oliveira; Thaís Ellen Romualdo de Oliveira</i>	78
Capítulo 6 ANGLICISMOS NA MODA E NO SETOR ALIMENTÍCIO: REFLEXOS DE TRANSFORMAÇÕES NA REALIDADE SOCIAL <i>Clarice Cristina Corbari; Raquel Terezinha Ratajczyk; Daniel Seidel Ruppenthal</i>	96
AUTORES	118

Capítulo 1
ANÁLISE DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA
Drielly Santos de Souza
Maria de Lourdes Mazza de Farias

ANÁLISE DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA¹

Drielly Santos de Souza

Pedagoga, graduanda do Curso de Metodologia do Ensino Superior e EAD, pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL.

Maria de Lourdes Mazza de Farias

Orientadora, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná e Doutora em Educação pela PUC/SP.

RESUMO

O presente artigo visa através de uma avaliação comparativa entre uma reportagem do Jornal Nacional e outra do Jornal do SBT, analisar o estilo de linguagem empregados por ambos ao transmitir suas notícias. Como metodologia realizou-se uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos, de modo a obter-se um estudo de caso a qual terá como instrumento a observação e a transcrição de dois fatos diferentes, exibidos um por cada programa. Conhecendo assim, um pouco do histórico do telejornalismo, de sua trajetória até a atualidade, sua postura e aceitação diante da sociedade, dando ênfase à maneira com a qual se constrói este veículo de comunicação, principalmente a construção de textos jornalístico e suas característica relevante. Grandes autores como: Lage, Bakhtin, Mattos, Becker, entre outros oferecem suporte teórico para esse trabalho para se poder obter uma pesquisa satisfatória. Esta pesquisa então mostrou-se de suma importância tendo em vista que evidenciou o jornalismo e sua linguagem observando seus aspectos em detalhes proporcionando um maior conhecimento desta área tão apreciada no país.

PALAVRAS-CHAVES: Jornal Nacional. Jornal do SBT. Reportagem. Telejornal.

INTRODUÇÃO

A televisão é um dos meios de comunicação mais utilizados pela população na atualidade, a partir de sua programação diversificada e capacidade de interação oferece ao seu público o conforto de receber em casa notícias, entretenimento e informativos do cotidiano. Pode-se observar desta forma que o telejornalismo é um

¹ Artigo apresentado ao Curso de Metodologia do Ensino Superior e EAD, pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL.

veículo de comunicação indispensável para quem quer e precisa manter-se informado.

Apesar de serem tão comuns, por ter exibição diária, suas falas exigem cuidados especiais, pois possui um estilo próprio que encanta e atrai telespectadores.

Sabe-se que existem várias formas de expressar uma mesma notícia, assim, como os estilos de linguagem utilizados pelas empresas jornalísticas afetam a compreensão de mundo de quem assiste? Neste sentido o presente estudo objetiva analisar a linguagem que os telejornais utilizam para satisfazer seu público que é composto de grande diversidade linguística, observando-a tanto na forma verbal quanto a não verbal. Para isto, duas reportagens foram selecionadas, sendo uma de cada assunto.

Esta pesquisa está dividida em três etapas, sendo a primeira um levantamento da história dos telejornais pioneiros do Brasil, mostrando a televisão em seus primeiros anos no país. Em seguida será discutido a definição de linguagem, como esta pode ser expressa e um pouco sobre as diversidades linguísticas; e o discurso jornalístico, suas características, a imagem do telejornal, o comportamento dos jornalistas diante das câmeras e a relação entre realidade do repórter e fatos por ele relatados.

Na última etapa será mostrada a transcrição de duas reportagens voltadas para o tema saúde, uma do Jornal Nacional, exibido pela Rede Globo, e outra transmitida pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), onde será observada cada uma das falas de todos os envolvidos durante toda a notícia.

Após as etapas mencionadas acima será realizada uma análise comparativa das reportagens, observando as diferenças e semelhanças das reportagens, enfatizando sempre o que chama a atenção e desperta no público a curiosidade e interesse por estes telejornais.

Esse trabalho visa conhecer melhor a linguagem jornalística no sentido de trazer à luz as ideologias subjacentes aos seus discursos e as formas narrativas das quais muitos noticiários utilizam para transmitir o acontecido, bem como a maneira que se encontra para aproximar cada vez mais o público, sendo esse de fácil controle, pois acreditam muitas vezes em tudo propagado pela mídia.

Portanto, justifica-se esta pesquisa acerca da importância de conhecer a forma em que são transmitidas as notícias jornalísticas principalmente com temas relacionados à saúde.

2. O TELEJORNAL EM UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL

Nas décadas de 40 e 50 no Brasil os meios de comunicação mais utilizados pela população, para se manter informados e até mesmo para o entretenimento, eram o rádio e os jornais impressos. As pessoas recebiam as notícias através deste, e somente desta forma, poderiam saber o que se passava dentro de seu estado, ou sua cidade. Fora do país a tecnologia avançava e com ela crescia a comunicação. Então em 1950, ocorre uma grande mudança na comunicação, chega ao país a televisão, trazida por Assis Chateaubriand sua primeira exibição no Brasil possuía traços semelhantes ao rádio:

A televisão brasileira foi inaugurada oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, em estúdios precariamente instalados em São Paulo, graças ao pioneirismo de Assis Chateaubriand. [...] surgiu em uma época em que o rádio era o veículo de comunicação mais popular no país. Ao contrário da televisão norte-americana que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve de se submeter a influência do rádio, utilizando sua estrutura, formato, seus técnicos e artista. (MATTOS, 2010, p.23)

De acordo com Mattos (2010), nos primeiros anos a TV não fazia muito sucesso com a população, por não ser tão popular teve que recorrer então às agências de publicidade estrangeiras que estavam no Brasil, deixando-as usar este meio de comunicação para fazer seus anúncios e como eram patrocinadores, eles acabaram interferindo nos programas que passava na televisão.

Ao passar do tempo, com formação técnica, aperfeiçoamento e organização os conteúdos foram sendo diversificados, trazendo novela, programas humorísticos, e os telejornais.

Os telejornais são programas jornalísticos transmitidos pelas redes de televisão. Segundo a Enciclopédia do Millennium (2014) “o jornalismo é o estudo de técnicas de pesquisa e divulgação de notícias sobre os fatos, revista rádios, redes de TV a cabo, televisão e internet.” Sendo assim, o telejornalismo é a prática do jornalismo emitido pelas emissoras de televisão que transmite notícias de todo o mundo.

A história do telejornal tem início em agosto de 1928, nos Estados Unidos, quando foi ao ar o primeiro noticiário, trazendo informações eleitorais. A partir de então começou a se espalhar pelo mundo, está a maneira mais prática de manter-se

informado. No entanto, no Brasil, o primeiro telejornal surgiu somente em 19 de setembro de 1950, chamavam-se Imagens do Dia e era transmitido pela TV Tupi que também fora inaugurada na mesma época.

O improviso marcou o primeiro telejornal, “Imagens do Dia”, que era ao vivo, com poucas imagens, em preto e branco, e apresentava algumas notícias frias sobre o dia a dia da cidade de São Paulo. Não havia ainda sido desenvolvido o conceito de reportagem, pois muitas vezes o cinegrafista ia sozinho colher as imagens que iriam ilustrar o telejornal (KNEIPP, 2010, p.251).

Os telejornais não tinham um tempo limitado para sua apresentação, utilizavam o tempo que fosse preciso para transmitir as notícias do dia. Estas, realizadas de longas frases e muitos detalhes, algumas continham imagens que eram transformadas em filmes e mostradas em preto e branco sem som, assim, o “Imagens do Dia” durou apenas 3 anos. Mais tarde, no ano de 1952, surgiu um telejornal chamado “Reporte Esso” que fez muito sucesso. Com duração limitada de trinta e três minutos, este telejornal recebeu o nome de seu patrocinador e era uma adaptação de um rádio jornal para a televisão. O Reporte Esso foi um exemplo de pontualidade, iniciava sua exibição fielmente às vinte horas todas as noites. Tendo como término o dia 31 de dezembro de 1970.

O “Reporte Esso” ia ao ar com informações produzidas e controladas por uma agência de publicidade, a quem competia fazer toda observação em relação ao programa. Tido como um marco do telejornalismo brasileiro, sua experiência vitoriosa foi repetida em todas as emissoras inauguradas por Assis Chateaubriand (MATTOS, 2010, p.29).

No entanto, nesta época, era de suma importância que os jornalistas fizessem o uso da palavra com muita cautela. Segundo Abreu (2003, p. 25): “Até o início dos anos 1980, vivíamos em um regime político que censurava os meios de comunicação e privava a maioria da população dos seus direitos civis e políticos. ” Observa-se assim, que a televisão tinha seu espaço, porém, delimitado e oprimido pela política: ela influenciava as emissoras. Sendo assim, as notícias deveriam ser cuidadosamente analisadas. Desta forma, o telejornal que ousasse noticiar algo que não soasse bem aos ouvidos dos políticos acabaria sendo punido ou até mesmo retirado da programação.

Em 1977, teve início o “Bom dia São Paulo” o primeiro telejornal a usar a Unidade Portátil de Jornalismo, onde vários repórteres espalhavam-se por diferentes pontos da cidade para transmitir as notícias ao vivo. O Bom Dia São Paulo era emitido pela rede globo e seu sucesso influenciou o “Bom Dia Brasil” que iniciou em 1983, transmitido até hoje.

Em 1988, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) colocou no ar o “TJ Brasil”. Em 1991, esta emissora resgata o “Aqui Agora”, que havia sido criado pela TV Tupi, mas este durou apenas alguns meses por ter uma programação incerta. Já na nova emissora o “Aqui Agora” era marcado por sua linguagem forte, exibida por sete anos. Em 1969, o diretor-geral da Rede Globo cria o “Jornal Nacional”. Este telejornal conseguiu em pouco tempo ser o mais famoso e o mais assistido em todo país. Foi o primeiro com exibição em cores e via satélite, podendo assim mostrar fatos internacionais em tempo real. Desde que iniciou o Jornal Nacional vem trazendo inovações, como a previsão do tempo, comentarista esportivos, vídeos humorísticos, tornando-se referência para os outros telejornais. Seu sucesso é visto até hoje, pois ainda é um dos campeões em audiência no Brasil (SOUZA, 2010).

Em 1991 o SBT transmite o Jornal do SBT sendo exibido 23h00min, este telejornal passou por várias alterações em seu cenário e apresentadores. Houve modificações também no horário de apresentação sendo exibido às 19h30min. No entanto, mais tarde volta ao seu horário inicial em que permanece atualmente. A partir de então o telejornalismo foi conquistando seu espaço na televisão, cativando cada vez mais seus telespectadores.

Muitos telejornais foram surgindo e atualizando-se conforme o passar do tempo. Hoje a televisão se expandiu e modernizou-se muito, obtendo várias emissoras, conseqüentemente diversos telejornais. Oferecendo aos seus telespectadores um leque, quanto aos horários, à linguagem utilizada pelo programa, à dinamicidade que eles apresentam. Dando aos receptores o conforto de receber em sua casa notícias até mesmo em tempo real.

Não seria exagero afirmar que a TV é um dos principais elos entre o homem e o mundo. Um mundo que se expandiu para o olhar do indivíduo, sobretudo no final do século passado, a partir da década de 90. Aliada a outros agentes de significados partilhados, a transmissão das mensagens jornalísticas através da TV é hoje um importante instrumento para a transformação dos indivíduos em cidadãos do mundo. Assim, os indivíduos assistem às mensagens jornalística e assimilam conhecimento, sentindo-se parte. (COUTINHO; MARTINS, 2008, p. 02)

Além de manter a sociedade informada acerca das notícias mundiais sobre políticas, economia, emprego e saúde os telejornais proporcionam entretenimento trazendo em suas reportagens, esportes, viagens, alimentação, festas, entre outros.

[...] a programação da TV, especialmente as novelas e os noticiários se consolidou. Estes programas são, sem dúvidas, os produtos de entretenimento e de informação de maior impacto na sociedade brasileira e as principais fontes de diversão e de maior impacto na sociedade brasileira e as principais fontes de diversão e de conhecimento dos acontecimentos sociais para a maioria da população (BECKER, 1995, p. 17)

Manter-se informado atualmente é essencial para que um cidadão tenha em sua vida social interação e comunicação. Desta forma, os meios de comunicação são de suma importância para que a população possa desfrutar de seus direitos. Assim, a imprensa tem papel fundamental na sociedade.

É evidente que a informação é um dos elementos fundamentais para que o indivíduo possa exercer plenamente seus direitos. A imprensa é o veículo que fornece informações aos cidadãos e, simultaneamente, lhes dá a possibilidade de levar suas demandas até os responsáveis pelas decisões que afetam a vida em sociedade (ABREU, 2003, p.26)

Observa-se que desde quando o telejornalismo teve início sua influência sobre a população é muito grande. E a recepção da sociedade em relação a este programa também não é insuficiente. Pois, é através deste que as pessoas podem manter-se atualizadas acerca dos acontecimentos da sua cidade, estado, país e de todo exterior.

3. LINGUAGEM JORNALISTICA

Linguagem é a capacidade do ser humano de usar o sistema de signos e sinais utilizados para comunicação. Sistema este ao qual se define como língua. “Linguagem seria um subsistema de uso da língua, subconjunto de itens do dicionário e subconjunto de regras de determinado idioma selecionados para emprego em situação particular” (LAJE, 1999).

Sendo assim, a linguagem é um ponto essencial para a execução dos direitos dos cidadãos. É através da mesma que as pessoas podem estabelecer relacionamentos, manter-se informado, comunicar-se.

Atualmente ouve-se falar em diferentes linguagens, tais como: linguagem verbal expressa por palavras, não verbal que é aquela que não faz o uso das palavras para se comunicar, podendo ser transmitida por sinais, gestos, placas entre outros.

A norma culta é a linguagem que segue rigorosamente as regras gramaticais; a linguagem padrão é aquela que se aproxima da norma culta, no entanto, não é tão rigorosa, e a linguagem coloquial é a mais utilizada pela população, onde a normativa não é muito cobrada.

A linguagem nacional não é um conjunto homogêneo. Dentro dela abrigam usos regionais, discursos especializados e pelos mesmos dois registros de linguagem: o formal, próprio da modalidade escrita e das situações tensas, e o coloquial, que compreende as expressões correntes na modalidade falada, na conversa familiar, entre amigos (LAGE, 1999, p.36).

Portanto, existem várias alternativas para haver uma comunicação adequada, sendo assim, deve ocorrer uma associação entre a fala e o meio onde o indivíduo esteja inserido. Segundo Saussure (2006, p.17): “[...] a linguagem é multiforme e heteróclita; [...] ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar por nenhuma categoria de fatos humanos”. No entanto, uma parte da população, na maioria das vezes pessoas que não têm ou não tiveram acesso à escola, não conhecem e nem sabem o que é a variação linguística, com isso acabam se comunicando da maneira que aprenderam desde criança, independente do lugar onde estão.

É importante ressaltar aqui que mesmo que estas pessoas não adéquem sua linguagem conforme o ambiente onde estão não quer dizer, que estas estão falando errado, elas apenas exercem a linguagem conforme sua cultura. Para Santos (2000) “cultura é o conjunto de tudo que o ser humano já produziu. Sejam estas produções materiais ou imateriais como crenças, músicas, artes, lendas, ferramentas, literaturas, costumes, ciência, tecnologia”.

Assim, observa-se que a linguagem de cada indivíduo, também está muito ligada à sua cultura. Como, por exemplo, uma pessoa que nasceu e cresceu no Rio Grande do Sul não fala como o nordestino. Estas comunidades, apesar de fazerem

parte do mesmo país, seus costumes e tradições são bem distintas. O que resulta nas variações linguísticas.

No Brasil, as variações são muitas, pois a cultura do brasileiro é muito diversificada. Desta forma, cada região do país utiliza-se de um tipo distinto de linguagem, e dentro destas, ainda há outras variações. Quem mora na capital, por exemplo, tem em sua fala traços diferentes de quem vive no interior mesmo fazendo parte da população do mesmo estado.

Mesmo em meio a tão grande diversidade, o Brasil é um país onde o preconceito linguístico ainda acontece, e com muita intensidade. Algumas pessoas não aceitam a maneira diferente que seu próximo tem de expressar sua fala, e acaba por zombar ou humilhar aquele que se comunica diferentemente.

Vale lembrar que este não é um transtorno causado somente por adultos, mas crianças também manifestam preconceito em relação aquele colega que fala diferente. Isto acontece nas escolas, com os vizinhos, e até mesmo na própria família.

Engana-se aquele que imagina que ocorre este preconceito apenas em grupos sociais menos favorecidos; acontece também com a classe alta da sociedade e na maioria das vezes, com um grau de ofensa ainda maior, pois as pessoas que compõem estas classes são cidadãos que puderam dispor de estudos, em boas escolas, faculdades, assim ofendem e discriminam o seu próximo sabendo muito bem o que estão realizando, mas, não deixam de zombar de uma pessoa com sotaque caipira ou nordestino.

Esta é uma realidade que tristemente não pode ser mudada tão facilmente, o preconceito é o pior dos manifestos humanos, e o mais difícil de ser eliminado.

3.1 TEXTOS JORNALÍSTICOS

A imprensa utiliza uma linguagem própria e coerente para transmitir as informações em seus programas. A linguagem jornalística é utilizada em jornais, revistas e telejornais e esta tem por principal característica a objetividade, realizada de frases curtas e afirmativas que procuram aproximar-se o máximo da norma culta, falando-se corretamente nas regras gramaticais, e não deixando de lado o coloquialismo para poder alcançar todo público, obtenha-se mais precisão e também para combinar com o atual estilo do jornalismo. Afinal, os jornalistas precisam alcançar

através de suas falas desde crianças até idosos, expressando-se de maneira clara e precisa.

O texto jornalístico conterá informação conceitual, o que significa suprimir uso linguístico pobres de valores referenciais, como frases realizadas da linguagem cartorária. Sua descrição não se pode limitar ao fornecimento de fórmulas rígidas (LAGES, 1999, p.36)

Contudo, nem sempre foi assim. Quando teve início, esta linguagem era composta de longas frases e muitos detalhes acerca da notícia transmitida. Pois, o telejornalismo não tinha a sua disposição a tecnologia que agora possui, então precisava chamar a atenção do telespectador de alguma maneira, e a forma encontrada era detalhar o quanto podia, a notícia. Os telejornais eram como um programa de rádio, porém transmitidos pela televisão, por isso os jornais apenas liam as reportagens em frente às câmeras, pois os recursos utilizados eram poucos, não dando assim alternativas às equipes, a não ser a longa notícia transmitida.

Com o passar do tempo e a tecnologia a seu favor, os telejornais foram evoluindo e modernizando suas exibições. Tendo, além do apresentador, um locutor que narrava os fatos de um lugar fora do estúdio.

No caso do telejornalismo, os primeiros noticiários eram lidos diante da câmera. Logo se constatou que o fator analógico da mensagem radiofônica ganhava nova dimensão com a presença da imagem do locutor e do apresentador (LAGE, 1999, p.27).

Mais tarde, além do locutor fora do estúdio, os telejornais tiveram imagens que ilustravam as reportagens. A princípio, filmes sem som e em preto e branco, que gradualmente foram sendo modernizados. Este recurso melhorou grandemente a compreensão dos telejornais, pois além de ouvir, agora os telespectadores poderiam também ver o que acontecia e desta maneira ainda que não entendesse o que os repórteres falavam, conseguia captar o foco da reportagem através dos vídeos.

Com o passar do tempo, além dos vídeos com áudio, os telejornais tiveram reportagens de lugares onde estava o foco da notícia, faziam entrevistas com os envolvidos para obter mais informações, mostravam o local onde acontecera o fato noticiado, e tudo isso foi exibido ao vivo durante a apresentação do programa. Estas inovações deram aos telejornais dinamicidade, conquistando assim ainda mais os

telespectadores, pois estes além do conforto de receber as notícias já narradas podiam também ver cenas que facilitariam a compreensão em relação ao que estava sendo noticiado.

Na televisão a transmissão de informação se caracteriza por usar todas as condições técnicas possíveis para conquistar diariamente o seu público, com grande investimento no seu sensacionalismo e na espetacularização da informação [...] para conquistar o receptor ou, nos termos utilizados pela televisão, a audiência (TEMER, 2010, p. 104).

Com os avanços alcançados, agora os telejornais não podiam se preocupar apenas com sua linguagem verbal, mas também com tudo a sua volta, pois o telespectador teria mais aspectos para analisar. Os repórteres precisavam passar uma boa impressão porque a partir de então eles seriam a principal imagem do programa. Agora eles teriam que transmitir a informação e forma verbal e não verbal, está no que lhe concerne seria através de suas vestes, gestos, expressões, “postos face a face, o espectador tende a encara nele o jornalismo, em sua expressão axiomática: aparência, entonação, e expressão facial tornam-se a moldura que determina o entendimento dos fatos” (LAGE, 1999, p. 27).

Como já foi citado o Brasil é rico em variações linguísticas, e para um repórter ou apresentador de telejornal, isso se torna um desafio. Bakhtin (2010) afirma que: “a língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual a consciência individual e peremptória para esta.” Em um programa de telejornal deve-se falar gramaticalmente correto, pois, é um programa de televisão não pode ter em suas falas gírias ou vícios de linguagens. E, ao mesmo tempo, deve ser utilizado o coloquialismo para que todo seu público que é bem diversificado possa entender claramente as notícias. É necessário buscar uma forma de expressar sua fala de maneira a agradar todos os telespectadores. De acordo com Melo (1985) “[...] para satisfazer às necessidades sociais, o jornalismo preenche algumas funções típicas: “a) observação; b) educação; c) diversão.”

Ao se transmitir um texto jornalístico é preciso que o emissor mantenha certa distância entre a sua realidade e os fatos que está narrando, pois, ao se envolver nos relatos o jornalista pode acabar expressando sua opinião em relação à notícia, fazendo assim com que ela não seja passada precisamente ao receptor, que pode ter uma opinião diferente. Deve o profissional desta área se mantenha neutro em relação

à reportagem sem dar palpites, conselhos, mudar radicalmente a expressão facial, entre outros cuidados. De acordo com Bakhtin (2010) a palavra tem grande valor na construção da consciência, já que esta é um signo carregado de ideologia, assim percebe-se que a linguagem está de maneira direta associada a um fator social, pois possui relações interpessoais entre o sujeito falante e sua interação na sociedade em tempo, da história do espaço e principalmente a partir do entrelaçamento dos discursos de todos os falantes em uma relação dialógica carregada de significados para sua compreensão.

[...] não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo, ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 2010, p.95)

O reporte ou apresentador não pode de maneira alguma deixar sua ideologia pessoal interferir em seu trabalho, isso comprometerá além da sua profissão a qualidade do telejornal. Através da coletiva dos discursos os sujeitos interagem dialeticamente entre linguagem, cultura e história. Só assim este se tornará um cidadão crítico e protagonista de suas ações, que conseguem ler nas entrelinhas dos discursos, tanto oral quanto escritos, o que estes realmente querem dizer. No entanto, apesar de tanto esforço por parte dos componentes de um telejornal ou de um jornal impresso, há uma parte da população que ainda vê o jornalismo como algo chato onde só se fala em tragédia e política.

Acabam não se atentando que o jornalismo é uma grande fonte de informação. Que muitas vezes, com a correria do dia a dia não se tem tempo para ler uma revista, para se informar dos acontecimentos, então é mais confortável chegar em casa após o trabalho se sentar em frente à televisão e receber ali mesmo, no conforto de sua casa e de seu sofá, as notícias nacionais, internacionais ou as que estão abalando a população. Enfim, o que acontece é que o ser humano está tão apto a reclamar e não percebe que tem a sua disposição tudo para ser um cidadão informado e crítico, para manifestar suas opiniões e conceitos, mas prefere ficar reclamando de tudo que recebe sem pensar no esforço que outros estão realizando para lhe proporcionar tamanho conforto. Contudo, há também uma grande parte da população que valoriza este trabalho, prova disto é a grande audiência que estes programas possuem e os prêmios que já existem para homenagear tanto os

telejornais quanto seus profissionais. Isto mostra que tanto cuidado e dedicação com a profissão vale a pena.

4. ANÁLISE DAS REPORTAGENS

4.1 QUASE METADE DOS BRASILEIROS ESTÁ ACIMA DO PESO: JORNAL SBT

Karyn Bravo: Quase metade dos brasileiros está acima do peso segundo o Ministério da Saúde.

Carlos Nascimento: Não é que a madrugada foi gélida, a madrugada está gélida. E com a queda de temperatura, chegada do outono e daqui a pouco o inverno aumenta as tentações a mesa. O ventinho sopra frio em São Paulo e tira do lugar agasalhos mais pesados guardados a meses. Para Cléo esse tempo tira mais que isso, tira paz com a balança.

Cléo: Não é possível, 71.

Repórter: Quanto é o seu peso certinho?

Cléo: Ah! 64 quilos.

Repórter: É o resultado de muitos pãezinhos no prato e na boca.

Na terça-feira de manhã em alguns pontos da cidade a sensação térmica era de sete graus. Em época de frio o corpo gasta mais caloria para se manter aquecido, o jeito é comer para repor o que se gasta. E quando a temperatura está baixa fica mais fácil de responder esta pergunta: além da gente, pensar em pegar um agasalho, pensa em que também?

Entrevistado 1: comida e um bom vinhozinho é o que mais gosto!

Repórter: Um lugar quentinho como este aqui é maravilhoso (padaria) quando está lá fora friozinho, melhor ainda se tiver sopa, e aqui tem seis tipos, olha só tem de feijão, tem de queijo e até de galinha. Comer no frio é ótimo. Tão bom que olha ali dá até fila, no caso aqui desce a escada, lá embaixo olha chega a dar voltas. Tanta gente que em um dia a padaria chega a vender quase mil sopas.

Você está tomando sopinha de que aí?

Entrevistado 2: uma canja.

Repórter: Opa! Está esquentando aí?

Entrevistado 3: É para esquentar o frio!

Repórter: O frio e o estômago. Dias frios podem ser traiçoeiro, comer sem critérios agora é uma preocupação para o futuro.

Começamos a dar preferências a alimentos mais calóricos como chocolates, doces, massas, pães, etc. Durante o inverno as roupas disfarçam o ganho de peso. Quando for usar um biquíni aí aparece o desastre. Para vencer a guerra contra a balança, manter as refeições equilibradas, se abusar no almoço controle no lanche. Vale o bom senso e não se esquece que atividade física é sempre bem-vinda tanto quanto um belo agasalho que aquece e não engorda.

4.2 ANVISA DECIDE SOBRE A PROIBIÇÃO DE CIGARRO COM SABOR: JORNAL NACIONAL

Willian Bonner: Aqui no Brasil a Agência Nacional de Vigilância Sanitária decidiu hoje proibir a venda de um tipo especial de cigarros. A repórter Poliana Brito explica:

Poliana Brito (repórter): O primeiro trago foi aos quatorze anos e para começar a fumar Matheus experimentou um tipo diferente de cigarro.

Matheus Guilherme (estudante): eu comecei com o cigarro mentolado e algum tempo depois experimentei o cigarro tradicional né, e acabei gostando, né?

Poliana Brito: Hoje no mercado existem vários cigarros com aditivos que alteram o aroma e o sabor do tabaco. Além do mentol a indústria usa cravo, canela, chocolate, baunilha e inclusive frutas. Segundo uma pesquisa feita com 17 mil estudantes, é assim que muitos adolescentes começam a fumar. Já experimentaram cigarros de 30% a 36% dos entrevistados entre treze e quinze anos 60% deles provaram cigarros com aditivos.

Vera Luiza da Costa (Escola Nacional de Saúde Pública-Fio Cruz): os aditivos, na verdade, são armadilhas para que a criança e os adolescentes comecem a fumar. O aditivo facilita a entrada para fumante regular e uma vez fumante regular, todos sabemos como é difícil parar de fumar.

Poliana Brito: Foi mais de um ano de debate, hoje a ANVISA decidiu proibir esses aditivos. Apenas oito substâncias vão ser permitidas. Entre elas corante e o açúcar. Para qualquer outra substância a indústria precisará de autorização da ANVISA. Mas os cigarros com sabor só vão sair do mercado daqui a um ano e meio.

Charutos e cigarrilhas vão ter que ser modificado em dois anos e as regras também valem para os importados. Para a indústria a decisão vai estimular o contrabando.

Carlos Fernando Costa Galant (diretor da Associação Brasileira da Indústria do Fumo): afetará consideravelmente o setor. Isso gerará uma abertura ao mercado ilegal, porque o consumidor continuará consumindo este produto.

Poliana Brito: este diretor da Agência considera um avanço para saúde pública.

José Agenor Alves da Silva (Diretor da Anvisa): todas as evidências científicas que existem hoje no Brasil e no mundo inteiro são claras ao afirmar que você restringindo o uso de aditivos, você restringe a iniciação de novos fumantes.

5. ANÁLISE COMPARATIVA

As reportagens escolhidas são relacionadas a saúde, tema que chama a atenção dos telespectadores, uma se refere a proibição de cigarros com aroma e sabor, e a outra que mostra o número elevado de brasileiros com obesidade. O tema foi escolhido por se tratar de um assunto que chama a atenção de grande parcela da população, considerando que é de suma importância que a sociedade se mantenha informada a este respeito, seja da mais relevante notícia ou a mais banal, sempre terá alguém esperando por ela.

Para esta análise foram escolhidos dois telejornais nacionalmente conhecidos e renomados, que já possuem diante da sociedade certo apelo, são programas respeitados e com grande audiência, o Jornal Nacional (Rede Globo) e o Jornal do SBT, apresentados respectivamente por Patrícia Poeta e William Bonner e Carlos Nascimento e Karyn Bravo. No entanto, aos fins de semana, feriados ou férias, estes apresentadores são substituídos por outros jornalistas excepcionais em suas funções.

Estes telejornais são de emissoras diferentes e o horário de exibição distintos, desta forma observa-se então as primeiras características de cada um dentro de suas possibilidades e limitações, pois esses programas devem analisar cada passo dado em seus bastidores levando sempre em consideração o modo de falar do jornalista ou repórter, até mesmo a pessoa que possa ser entrevistada.

Observa-se que o Jornal Nacional é exibido às 19h15min, um horário em que seu público torna-se composto tanto por adultos como por adolescente, então cada palavra a ser dita, ou notícia transmitida deve ser cuidadosamente selecionada, por que, a televisão brasileira tem em sua programação, indicadores de faixa etária

conforme o conteúdo de cada programa a ser transmitido, e os telejornais não diferem, devem seguir esta regra; e por mais que a notícia seja estrondosa, cabe às equipes jornalísticas realizarem as adaptações necessárias para satisfazer seu público sem precisar se manifestar inadequadamente.

Então o JN faz o uso de uma linguagem cautelosa e em suas reportagens procura sempre ter a participação de entrevistadores especialistas no assunto abordado ou mesmo de pessoas anônimas para dar mais dinamicidade ao relato. É muito comum também que realizem abordagens com pessoas nas ruas ou em lugares onde as reportagens estão sendo gravadas.

Deve as emissoras possibilitarem a interação entre ela e seu público, deixando-os darem suas opiniões e discorrerem sobre os temas abordados. Pois, quando o entrevistador/emissora possibilita esse contato, passa aos seus telespectadores a impressão/confiança de que eles são importantes, necessários e valiosos para o programa, que suas opiniões e participação são fundamentais para o bom funcionamento e andamento da programação do telejornal. Com isso o espectador fica motivado a assistir o telejornal com a possibilidade de melhor compreensão do tema apresentado.

Na reportagem sobre a proibição do cigarro o apresentador William Bonner começa falando sobre a proibição decerto. *“Aqui no Brasil a Agência Nacional de Vigilância Sanitária decidiu hoje proibir a venda de um tipo especial de cigarros”*. Seu tom de voz é sério, afinal se trata de assunto importante, logo em seguida passa para um repórter que está fora do estúdio, para ela falar mais a respeito do assunto. Esta no que lhe concerne conversa com um jovem fumante que diz quando começou a fumar e foi através do cigarro que agora seria proibido. *“O primeiro trago foi aos quatorze anos e para começar a fumar Matheus experimentou um tipo diferente de cigarro.”*

Matheus Guilherme (estudante): eu comecei com o cigarro mentolado e algum tempo depois experimentei o cigarro tradicional né, e acabei gostando, né?

Mais a seguir bem a opinião tanto de quem defende a decisão quanto de quem pensa que não é coerente, profissionais que trabalham na indústria e na ANVISA. Pode-se observar que mesmo com a participação de terceiros a precisão da reportagem não é afetada, mas pelo contrário enriquece e familiariza ainda mais a notícia com os receptores.

Percebe-se que a linguagem utilizada pelos profissionais difere, de certa forma da que o estudante usa, pois, é possível notar na fala do jovem um vício de linguagem muito comum na atualidade, o famoso “né” utilizado duas vezes pelo rapaz em poucos segundos de fala. Já nas falas das jornalistas e dos outros entrevistados não se percebe este tipo de palavras, pois o meio em que estão inseridos profissionalmente não permite o uso desta (expressão), pois são profissionais que devem interagir de forma padrão no meio em que estão inseridos.

O Jornal do SBT no que lhe concerne é exibido 00h: 00min, assim seu público é composto quase totalmente por adultos, pois para muitos é o único horário disponível para assistir um telejornal. Este programa também realiza o uso cauteloso das palavras.

Na reportagem escolhida, a notícia começa a ser passada pela apresentadora Karyn Bravo, que trabalha com a expressão séria pela gravidade do assunto. *“Quase metade dos brasileiros está acima do peso segundo o Ministério da Saúde”*. No entanto, seu companheiro de apresentação Carlos Nascimento quebra um pouco desta seriedade com um tom de voz mais ameno dando a notícia certa dinamicidade. *“Não é que a madrugada foi gélida, a madrugada está gélida. E com a queda de temperatura, chegada do outono e daqui a pouco o inverno aumenta as tentações a mesa”*.

Nesta reportagem, o Jornal do SBT não passou a notícia através de estatísticas ou gráficos, mas sim por um jeito que deixou a mesma mais agradável. Basearam-se no frio que estava fazendo e assim levaram os telespectadores a entender que durante o frio se come mais, conseqüentemente engorda-se na mesma proporção.

Em seguida a repórter fora do estúdio continua. A sua parte foi gravada pela manhã daquele dia, então ela faz filmagens em alguns lugares diferentes e em cada lugar aborda uma pessoa. Por fim ouve-se a opinião de uma especialista no assunto e alertando as pessoas que comer é bom, mas deve ser nos limites. E o fato do repórter misturar-se ao povo fez com que a notícia não chegasse ao público como uma bomba, mas sim, em forma de como um conselho de amigos, facilitando a compreensão dos relatos.

Ao observar os dois telejornais a primeira sensação é de que são iguais, pois ambos apresentados por dois jornalistas que ficam sentados em frente às câmeras passando as notícias que li são propostas. No entanto, pode-se analisar que até nesse

aspecto possuem suas diferenças. A bancada onde fica a vinheta inicial, o estúdio de gravação, são particularidades que as equipes decidem segundo a imagem que desejam passar.

No JN os jornalistas usam computador, e seu estúdio mostra ao fundo a equipe interna do telejornal trabalhando enquanto este vai ao ar. Já o Jornal do SBT é gravado em um cenário um pouco mais fechado onde também aparecem os funcionários que trabalham com a produção, sobre a mesa somente alguns papéis e ao lado um televisor de onde são transmitidas as reportagens externas.

A maneira de se vestir é algo com o qual se faz necessário um cuidado muito especial, porque a imagem do programa é fortemente analisada através do que os apresentadores e repórteres vestem durante a apresentação, assim transmitem a linguagem não verbal. Em ambos os telejornais esta não é uma preocupação, todos se vestem de maneira apropriada conforme o trabalho. Os homens sempre usam sofisticados ternos quando estão apresentando, caso estejam fazendo reportagens externas usam roupas sociais. As mulheres combinam lindos, terninhos, belas blusas ou vestidos, com a maquiagem e cabelo impecavelmente organizados e sem exageros mantendo a elegância e o profissionalismo.

É na ânsia de atrair o telespectador pela imagem também que houve grande investimento das redes de televisão em profissionais que, com a beleza física, deem aos telejornais mais, um ponto a favor. Gradualmente, apresentadores e repórteres começaram a ser enquadrados em um padrão: o blazer para as mulheres e o paletó para os homens. Cores e estilos tornaram-se, hoje, também uma combinação da notícia na hora de informar. Através desse sistema de signos acredita-se que se atribui seriedade e mais credibilidade à informação (CAMPOS, 2011, p.03)

Em hipótese alguma poderiam vestir-se mal para gravar programas como estes, transmitidos em rede nacional exposto a toda crítica. Se assim fosse com certeza não atrairiam audiência e não permaneceriam no ar. Percebe-se num contexto geral que o vocabulário de quem trabalha com o jornalismo são parecidos, sempre procurando as melhores palavras para deixar que os telespectadores percebam seu ponto de vista acerca da notícia. E quando acontece uma manifestação por parte do jornalista ou repórter, escolhem sempre uma maneira cautelosa de falar, porque dependem da audiência e muitas vezes o programa e o público possuem conceitos

diferentes; entretanto, nota-se uma diferença entre estes, devido os horários nos quais são trabalhados.

O JN passará as notícias com precisão e sem manifestar suas opiniões, por mais que o fato seja repugnante, o máximo que já se pode ver é um pequeno comentário acerca do assunto. O Jornal do SBT, por possuir um público mais adulto, dependendo do que precisa ser narrado, o apresentador faz uma crítica a respeito, nada que mostre sua ideologia, mas que de certa maneira manifesta seu parecer, entretanto não deixando de lado a precisão do fato.

Muitas vezes um mesmo fato é noticiado por todos os telejornais, porém a maneira como cada um trabalha se faz completamente distinta. O que em um pode ser a notícia principal, mostrando vídeos, entrevistas, comentaristas, em outro talvez seja feita apenas uma narrativa rápida pelo apresentador sem muitos detalhes.

Em cada emissora há no mínimo três telejornais diários, isso pode influenciar a intensidade com que a notícia é transmitida, porque se todos derem a mesma importância a um fato, as reportagens ficarão iguais e apenas um será assistido, pois, o público não parará para ver três programas que mostram a mesma coisa. Por esse motivo são produzidos em estúdios diferentes, com equipes e apresentadores individuais, para poderem conquistar sua audiência a partir de suas particularidades.

Um ponto ao qual não pode esquecer de citar aqui é o entretenimento entre apresentadores e repórteres, afinal, quando o público consegue perceber amizade e respeito entre os componentes do programa, torna-se mais agradável assisti-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste artigo foi possível conhecer um pouco da história do telejornal, saber como este chegou ao Brasil, sua linguagem e detalhes que no cotidiano devido à correria não se observa.

O telejornalismo brasileiro está repleto de profissionais de excelência, fazendo seu trabalho com grandeza, empenhando-se em todas as áreas para trazer a população o melhor do jornalismo, bem como mostrar que estes programas não precisam ser vistos como veículos de más notícias, mas sim para comunicação que pode proporcionar entretenimento e informação acerca de qualquer assunto. Através

das reportagens transcritas, pode-se notar o quanto o contato com o público enriquece a notícia e facilita sua compreensão, prendendo assim a atenção do telespectador.

Por ser uns dos veículos mais acessíveis à população, a televisão só tende a evoluir tecnologicamente. E com o auxílio da internet o jornalismo com sua grandeza continuará crescendo, abrindo assim novas portas para estudos voltados para este assunto tão cativante.

Conclui-se que a linguagem jornalística pode aparecer a mesma utilizada no dia a dia, no entanto, quando observada com atenção, percebe-se a precisão de seus detalhes, e como ela é cuidadosamente produzida para que seus telespectadores tenham o melhor do jornalismo.

Esta pesquisa mostrou-se de suma importância, tendo em vista que evidenciou o jornalismo e sua linguagem, observando seus aspectos em detalhes proporcionando um maior conhecimento desta área tão apreciada no país.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **Jornalismo Cidadão**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro 2003.

BAKHTIN, M. (Voloshinov, V. N. – 2010). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**: Um estudo da cobertura dos 500 anos. [S.l.: s.n.], 1995.

CAMPOS, Fernanda Medeiros. Telejornalismo e Pós- Modernidade: Uma análise de caso do Jornal Nacional e Jornal da Record. Belém-PA [S.d.]. In: VI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte - Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Belém- PA, [S.d]. Disponível em: <http://www.artigoscientificos.com.br>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2019.

COUTINHO, I.; MARTINS, S. **Identidade no Telejornalismo Local**: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e seu Público. Bahia: 2008. Dissertação (Trabalho Interação e Recepção Televisiva do I Colóquio Internacional Televisão e Realidade) - Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em: <<http://www.tvrealidade.ufba.br>> Acessado em: 18 de fevereiro de 2019.

ECO, Educación y Comunicaciones. **Manual de Como Usar os Meios de Comunicação em Grupos**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

ENCICLOPÉDIA do Millennium: São Paulo: DLC, 2004.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas-SP: Mercado de Letras: Associação de Letras do Brasil, 1996.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 10ª Edição, Campinas/SP: Pontes, 2007.

KNEIPP, Valquíria A. Passos. **60 anos de formação do profissional de telejornalismo no Brasil. In 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. 7º ED. São Paulo: Ática, 1999.

MATTOS, Sérgio. **A evolução histórica da televisão brasileira. In 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis. Vozes, 1985.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é Linguística**. 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PERISSÉ, Gabriel. **Ler, Pensar e Escrever**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

SANTOS, José Carlos dos. **Filosofia**: textos e exercício para reflexão. [S.l.: s.n], 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística Geral**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.

SOUZA, Karla Caroline Nery de. **Linguagem do Jornal Nacional**: como se constrói um telejornal? São Leopoldo: 2010. Dissertação (Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) -Universidade Vale do Rio dos Sinos- Unisinos, São Leopoldo- RS, 2010. Disponível em: <<http://www.artigoscientificos.com.br>> Acessado em: 1 de março de 2019.

TEMER, Ana Carolina Rocha. **A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

Capítulo 2

**UM ESTUDO DO GRAFEMA <h> COMO VALOR
ETIMOLÓGICO OU NÃO: UMA BREVE ANÁLISE**

Lara Beatriz A. Teixeira
Lucirene da Silva Carvalho

UM ESTUDO DO GRAFEMA <h> COMO VALOR ETIMOLÓGICO OU NÃO: UMA BREVE ANÁLISE

Lara Beatriz A. Teixeira

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

bialara56@gmail.com

Lucirene da Silva Carvalho

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

lucirenesilva@cchl.uespi.br

Resumo

Neste trabalho discutimos sobre o grafema <h> e seu valor como etimológico ou não, fazendo uma análise de jornais do século XX, para identificar como o grafema evoluiu dentro da língua. Trata-se de um estudo pouco explorado no curso de letras, mas que merece discussão, já que se trata de fatos pretéritos de grande valor para o conhecimento e evolução da língua. Ao analisar o tema, mostramos a relevância dos estudos historiográficos e etimológicos da língua portuguesa, dando destaque para a evolução do grafema 'h'. Nesse sentido, mostramos também a importância da observação dos fatos pretéritos para a compreensão do funcionamento da língua, considerando que é ainda bastante relevante esse “olhar” mais atento com relação à ortografia, sobretudo, no tocante ao grafema <h> porque nos faz entender certos fatos linguísticos ligados ao uso que fazemos dos grafemas e principalmente da ortografia do início/meio século XX. Ressaltamos que o levantamento específico que fora realizado nos jornais é se o texto, em que se dá a ocorrência do grafema <h> nos jornais do século XX, se enquadra nos períodos etimológico ou pseudo-etimológico. Essa classificação é o enquadramento mais significativo, visto ser um dado que pode contribuir para a formação/evolução histórica da língua portuguesa.

Palavras-chave: Formação histórica. Grafema h. Língua portuguesa.

Abstract

In this work we discuss about the grapheme <h> and its value as etymological or not, making an analysis of 20th century newspapers, to identify how the grapheme evolved within the language. It is a study little explored in the course of letters, but it deserves discussion, since it is about past facts of great value for the knowledge and evolution of the language. When analyzing the theme, we show the etymology of the historiographical studies of the language, highlighting the Portuguese grapheme evolution. In this sense, we also show the importance of observing past facts for understanding the functioning of the language, considering that this “look” more especially attentive to spelling, regarding the grapheme <h>, is still quite relevant because it makes us understand certain linguistic facts linked to the use we make of

graphemes and especially of early/mid-twentieth century orthography. We emphasize that the specific survey that was carried out in the newspapers is whether the text, in which the grapheme <h> occurs in 20th century newspapers, fits into the etymological or pseudo-etymological periods. This classification is the most significant framework, since it is a fact that can contribute to the historical evolution of Portuguese.

Keywords: Grapheme h. Historical formation. Portuguese language.

1. Introdução

Essa pesquisa apresenta uma breve síntese a respeito de um estudo grafemático do <h> em jornais do séc. XX. É sabido que os estudos linguísticos recentes têm buscado cada vez mais analisar os fatos pretéritos da história da língua portuguesa, através de uma análise de estudos sociais da linguagem, com vistas a contribuir para o desenvolvimento da constituição histórica do português brasileiro. Nesse sentido, essa pesquisa tem o intuito de mapear os jornais do início do séc. XX, mostrando como e porque o grafema <h> era utilizado nos vocábulos da época. Nessa ótica, os estudos dos aspectos sócio-históricos do português têm servido de interpretação dos cenários linguísticos que se formaram no Brasil e que foram responsáveis pela fisionomia que a língua portuguesa apresenta atualmente.

Por isso, é importante salientar que a influência historiográfica deixada dentro da língua portuguesa, teve como uma das consequências a formação do léxico da língua. Os cenários sócio-históricos os quais foram debatidos e ainda protagonizado pelos usuários, é assaz significativo o estudo de fatos pretéritos da língua portuguesa. Os estudiosos observaram que não havia uma conformidade nos aspectos ortográficos e, por essa razão, foi preciso firmar-se os chamados Acordos Ortográficos, a fim de estabelecer um consenso, visto que cada autor tentava exprimir seu ponto de vista de maneira aleatória.

A metodologia adotada baseia-se na pesquisa bibliográfica, cuja atividade básica é a investigação em material teórico sobre o assunto de interesse. Ela parte do reconhecimento do problema, servindo, assim, de base para a delimitação do tema de estudo. Já a segunda, a pesquisa documental apesar de ter o mesmo intuito que a bibliográfica, que é trazer dados relevantes para embasar a argumentação, serve para gerar embate de ideias e contribuir para o aprofundamento do tema. Contudo, a matéria prima desse tipo de pesquisa é diferente, pois, ao invés de utilizar livros, teses, monografias, ou seja, publicações diversas, utiliza documentos para informar. Eles

podem ter origem primária - feitos pelo próprio autor do estudo - ou secundária, através de documentos de terceiros. No caso, desse trabalho, tomou-se os jornais, que são pesquisas bibliografias secundárias.

Dessa maneira, o corpus desse trabalho tomou como análise os Jornais digitalizados da Casa Anísio Brito (doravante Arquivo Público do Piauí), que são datados do início do século XX, como uma das principais fontes de dados para a investigação da história do português desta época, portanto, essa pesquisa busca apresentar o mapeamento da presença do grafema <h>, observando a variação ortográfica deste nos diversos jornais do período.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: tem-se uma introdução, que é onde se faz a apresentação do assunto e do tema, seguido do desenvolvimento, que apresenta o corpo do texto funções no qual se tem as informações sobre o assunto e também o ponto de vista acerca do tema proposto, seguido por uma divisão dos períodos abordados na pesquisa, sendo eles, Do século XIII a meados do XVI: período fonético, que aborda um dos primeiros períodos da língua, sendo caracterizados pelo o som da fala; do século XVI aos primeiros anos do século XX: pseudoetimológico, retratando a etimologia da palavra e vocábulos escritos de forma erudita; do século XX até os dias atuais: período simplificado, período dos acordos ortográficos e mudanças na língua; a evolução do grafema <h> no período fonético e pseudoetimológico, mostrando as diferenças que ocorreram nos primeiros períodos e como essas palavras perderam suas respectivas funções, e por fim, a conclusão ou ideias finais, que é onde se apresenta o desfecho dado ao texto, fazendo-se uma síntese das ideias desenvolvidas ao longo do trabalho.

2. Breve síntese histórica da ortografia brasileira

Antes de iniciar a investigação a respeito do grafema <h> em jornais do séc. XX, é pertinente recorrer à história da língua portuguesa para explicar algumas mudanças que esta vem sofrendo no decorrer do tempo. A ortografia da língua portuguesa é o sistema de escrita padrão utilizado para representar o léxico da língua e usa do alfabeto latino 26 letras complementado por sinais diacríticos, para compor a sua ortografia. Sendo assim, o desenvolvimento desse sistema padrão da língua que se conhece hoje teve que passar por diversas mudanças ao longo das décadas, sofrendo alterações em vocábulos, grafemas e mudanças em acentos gráficos.

O português manteve até ao princípio do século XX uma grande variedade de grafias não padronizadas, inspiradas na etimologia de outras línguas, como a ortografia grega e tendo a sua maior inspiração o latim. A história da ortografia portuguesa pode ser dividida em três períodos: o período fonético, o período pseudoetimológico e o período reformado ou simplificado.

Segundo Coutinho (1976, p. 46):

pode-se afirmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformando no grupo de línguas românicas ou novilatinas.

O uso da ortografia portuguesa no séc. XX, segundo William (1975, p. 40) é quase que predominantemente inspirada na grafia do latim, sendo assim, os vocábulos da época exigiam complementos e duplicações em sua grafia, desse modo era recorrente o uso do *h*, *ch*, *th*, *rh* entre outros grafemas nos vocábulos da época.

2.1 Do século XIII a meados do XVI: período fonético

Retomar ao início da ortografia é olhar diretamente para acontecimentos sociais que serviram de referência para as transformações artísticas e os escritos da época. Esse aspecto, relacionado ao histórico-social, muito tem hoje a oferecer dentro dos estudos da língua, inclusive no tocante à análise das reais necessidades de quaisquer alterações que se façam na ortografia do idioma. De acordo com Teyssier (2001, p. 20):

acreditou-se durante largo tempo que os mais antigos textos em galegoportuguês datavam dos últimos anos do século XII. Estudos recentes mostraram, no entanto, que não foi exatamente nessa época, mas no começo do século XIII que estes textos apareceram.

O período fonético coincide com a fase arcaica da língua portuguesa e caracteriza-se pela preocupação de escrever as palavras em harmonia com sua pronúncia, de acordo com Teyssier (2007), os primeiros escritos surgiram em meados do século XIII. Não havendo uma sistematização da grafia dos vocábulos, o som e a letra apresentavam relação tênue, que apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento.

Para Coutinho (1976, p. 71) “a língua era escrita para o ouvido”, havendo, assim, uma falta de coerência, já que o mesmo sinal gráfico era usado, às vezes, com valores diferentes. O grafema **h** era uma das maiores controvérsias entre os autores da época, possuindo distintas funções dentre os vocábulos, ora podendo indicar a tonicidade da vogal (*he* = *é*), ora marcar a existência de um hiato (*trahedor* = *traidor*; *cahir* = *cair*), substituir o *i* (*sabha* = *sabia*) ou ainda figurar sem função definida (*hobra* = *obra*); Além disso, uma mesma palavra aparecia grafada de maneiras distintas (*havia* ou *avia*; *hidade*, *idade*).

Apesar das complicações, a forma simplória de grafia dessa época e, principalmente o sentimento fonético estavam presentes dentro do português arcaico. Nesse período, havia vocábulos e diferentes grafemas com funções distintas, os autores utilizavam-se disso para, muitas vezes, “enfeitar” as palavras, adotando, também, palavras gregas ou latinas, para formar a grafia do português. Nesse aspecto, havia uma tendência em aproximar o som da palavra e a escrita, porque não havia uma sistematização para a escrita, por essa razão havia muita incoerência. Ressalta-se que os estudiosos acreditam que os escritores ou copistas tinha por finalidade facilitar a leitura e, por essa razão, faziam o possível para dar ao leitor a exata impressão da representação da fala.

Nos jornais *A Cruz* (1915) e *Alto Longá* (1918) as palavras são acentuadas, como *hé*, que segundo Gonçalves Viana (1930), serve para distinguir o emprego do <h> como: acompanhante de outras letras para representar sons palatalizados. Também serve para distingui-lo, como: (1) separador de vogais (hiato), como em *sahir* e na posição inicial, “para dar mais corpo a vários monossílabos”. Outros estudiosos, referem-se a este estudo como emprego (2) “impróprio” no início de palavra, como é o caso do ‘hé’ (3) o <h> figurava sem nenhuma função definida, como em *honde* = *onde*. Bacelar (1996), ao tratar do uso do <h> diz que este deveria ser eliminado e substituído por um acento agudo, excetuando os casos de palatalizados e etimológicos.

A seguir, será mostrado, no quadro 01, ocorrências do “h” em alguns vocábulos do período fonético, nos jornais *Alto Longá* e *Correio de Theresina*, datados do início do século XX.

Quadro 01: ocorrências do grafema h – período fonético.

Funções do “h”	Exemplos
Marcar um hiato	Dahi, Sahiu, Cahir, Bahia, Piahuy
Marcar a tonicidade da vogal	He, adesões
Dar mais corpo a monossílabos	Hum, hé. athé
Sem função definida	Hontem, hirmão, hidade

Fonte: pesquisa direta

Pelo apresentado nesse quadro, verifica-se a presença do grafema como hiato e o emprego do grafema seguido de acento e com valor monossilábico, nos demais grafemas. Pode-se observar que, no período fonético, que pertence à fase arcaica da língua, a grafia era realmente a veste da palavra e tinha a finalidade de representar, na escrita, os sons da fala.

Na visão de Rocha Lima (2003, p. 45) a falta de segurança em relação aos conhecimentos linguísticos, foi o que levou os autores a pregarem uma “ortografia pretensiosa e cheia de complicações inúteis, que desatendia aos princípios da evolução do idioma”.

2.2 Do século XVI aos primeiros anos do século XX: pseudoetimológico

O período etimológico ou pseudoetimológico tem o seu início nos primeiros anos do século XVI e estende-se até o ano de 1904, no qual surge a Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana, que acabou sendo o principal marco para o fim do período. Uma das maiores características desse período é que a grafia etimológica, nessa época, consistia em conservar as letras de origem das palavras, mesmo que não houvesse algum valor fonético, mantendo, dessa forma, o emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais indevidamente chamados gregos, o uso recorrente de letras como o y, k e w, sempre que ocorriam nas palavras originárias, também, dentro dessa lógica, tornaram-se correntes as grafias com ch (= [k]), ph, rh e th.

Na visão de Spina (1987, p. 10), é nessa transição que se verifica o uso de tais grafemas, sem que houvesse o seu uso no latim. Para ele:

a retomada de modelos clássicos, suscitada pelo movimento humanístico da segunda metade do século XV, motivou o aparecimento das primeiras gramáticas da língua portuguesa, e sob influência dos modelos latinos, os escritores portugueses reintroduziram latinismos, ‘aportuguesando as formas importadas e refazendo as formas arcaicas’.

Os vocábulos da época eram escritos de maneira equivocada e contrariava a etimologia da palavra e a evolução da língua. Coutinho (1976, p. 76) esclarece que os vocábulos utilizados na época eram muito distintos da fala e da escrita, justamente por essa divergência, havia uma confusão entre o falar e o escrever. Coutinho adverte que havia “um divórcio entre a língua falada e a escrita”.

A grafia desse período, em sua maior parte, vinha de inspirações gregas ou de uma suposta origem do latim, tal qual palavras como: *chimica*, *pharmacia*, *rheumatismo*, *theatro*, sendo de inspirações gregas, e o emprego de grafemas como o *ct*, *gm*, *gn*, *mn* e *mpt* nas palavras consideradas de origem latina: *fructo*, *augmento*, *digno*, *damno*, *prompto*. E na evolução do idioma, a duplicação de consoantes se reduziram a simples (*approximar* > *apoximar*, *abbade* > *abade*, *bocca* > *boca*).

Dada a flutuação de empregos do grafema <h> nessa época, os estudiosos dessa fase levaram os estudos mais a fundo e acabaram por decidir sistematizar a grafia portuguesa, aproximando-a da latina, devido à complicação que palavras inspiradas do grego eram mais difíceis de serem transcritas. Assim, na concepção de Melo (1972, p 241) isso

foi () complicando a grafia das palavras, por força da crescente influência latina e meia-ciência dos escritores e tratadistas, de modo que se chegou a um insuportável estado de confusão e balbúrdia

Nessa fase, ficou claro a não utilização de um método de pesquisa etimológica, a grafia presente apresentava muitas complicações e confusões por estar totalmente fora dos princípios evolutivos do idioma, mesmo com a pretensão de basear-se na etimologia da palavra, a maneira de escrever estava totalmente cheia de equívocos e tratadas de forma aleatória pelos autores, sem nenhuma alusão ao etimológico.

No caso dos vocábulos iniciados com <h>, como *hobra*, *hordenar*, *honde*, *huma*, *he*, Melo (1981, p. 159) nota que o **h** inicial quase não se utilizava, embora por vezes aparecesse em palavras que não o deveriam ter. Tais empregos de <h>, são tratados como pseudoetimológicos, surgindo de uma suposta “erudição”, que faz soar como um latinismo. J.J. Nunes (1989) reflete sobre isso, afirmando que “com o Renascimento, a admiração que já existia pelo latim, redobrou, subjugando os espíritos de tal forma, que a sua ortografia se tornou o modelo da nossa”. Desse modo, pode-se tomar como exemplo o caso de *authoridade*, *catholica*, *crhonicas*, *philosophimo*.

No quadro 02, a seguir, será demonstrado as ocorrências do período pseudoetimológico encontrados nos jornais no Arquivo Público do Piauí, como O Arrebol, Correio de Theresina, Alto Longá e A cruz.

Quadro 02: ocorrências do grafema h – período pseudoetimológico.

Funções do “h”	Exemplos
Origem grega - ch (= [k])	Psichologia, chronica, chimica
Latinismo	thesouro, therezina, catholica, autoridade
Origem grega	telegraphos, philosophimo, epigraphe, pharmaceuticos, profeta
Sem função definida	hobra, hordenar, honde, hontem
Sons palatalizados	Acompanhei-o
Hiato	prohibido/prohibe*

Fonte: Pesquisa direta

Pelo esboçado no quadro acima, verifica-se a presença do grafema <h> como hiato, sem função definida, origem grega e latina e o emprego do grafema antecipado de <c> formando, assim, o - ch (= [k]). Pode-se observar que, no período pseudoetimológico, a grafia era inspirada no exterior, por conta dessa “erudição” nos vocábulos do português havia muita duplicação de consoantes e principalmente o uso exacerbado do grafema <h>. Pelas explicações de J.J. Nunes (1989) os vocábulos da época tinham completa influência do grego e do latim, o que acabou causando certa confusão entre os autores, pois a escrita era feita de maneira aleatória sem possuir nenhum tipo de padronização.

Said Ali (1964, p. 45.) Esclarece também que “o espírito da Renascença, aproximando-se mais do latim, supriu <h> em algumas palavras, e restabeleceu-o em outras.” Essa linha de raciocínio fez com que os vocábulos proibido/prohibe pudessem ser considerados de origem etimológica, em outras palavras, tiveram suas grafias estabelecidas, conforme a grafia original latina.

2.3 Do século XX até os dias atuais: período simplificado

Após muitos conflitos com o uso aleatório dos grafemas, vogais dobradas e principalmente do uso aleatório do <h>, foi acordado entre os autores a partir da Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana (1940) uma padronização entre a grafia dos textos e a fala. Esse é o período das reformas e dos acordos ortográficos. O sistema simplificado busca orientar-se tanto pela pronúncia, assim como o período fonético, quanto pela a etimologia, como no período pseudoetimológico. Tendo em mente que

Gonçalves Viana, foi um dos principais autores que contribuiu diretamente para essa reforma, ele fez várias críticas a respeito do uso exacerbado do <h> e ao uso de palavras de origem estrangeira (grega ou latina),

o que é verdade, porém é que, ao lerem-se os vocábulos ou nomes próprios em que êsses grupos figuram, ninguém se importa com o h, cujo valor se ignora, parasita que na realidade nada representa, e é contra todos os princípios sensatos de transliteração, mesmo científica, visto que dêste modo se figuram por duas letras, uma delas sem valor apreciável, símbolos que em tais alfabetos são monogramas, e não diagramas. Acresce a esta consideração principal outra não menos ponderosa, a qual consiste que êsse h exerce funções diversíssimas, o que equivale a não exercer nenhuma. GONÇALVES VIANA, (1930, 67):

Após algumas tentativas Viana apresenta um sistema racional de grafia, com base na história da língua, devendo, portanto: A) banir em absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega: th, ph, ch (= [k]), rh e y; B) reduzir as consoantes dobradas a singelas, com exceção de rr e ss mediais, que têm valores peculiares; C) eliminar as consoantes nulas que não influem na pronúncia da vogal precedente; D) regularizar a acentuação gráfica.

De conformidade com os princípios por ele estabelecidos, há dois sistemas simplificados: o português e o luso-brasileiro. Brasil e Portugal, por meio de seus governos, começaram a elaborar os chamados Acordos Ortográficos, a fim de desfazer a confusão nas grafias ou na escolha de um ou outro tipo ortográfico, simplificando, contudo, ao máximo o sistema de grafia.

2.4 A evolução do grafema <h> no período fonético e pseudoetimológico

Afim de mostrar a evolução que o grafema teve ao longo dos anos, no quadro, abaixo, será demonstrado as ocorrências do <h> encontrados ao longo do *corpus* desta pesquisa e como esse grafema se modificou ao longo do tempo, apontando como os vocábulos eram escritos do período fonético para o pseudoetimológico e como essas palavras foram passadas para o período simplificado, com suas respectivas funções.

Quadro 03: mudanças do grafema h do período fonético para o simplificado.

Vocábulos – p. fonético	Funções do “h”	Vocábulos – simplificado	Deixou de:
Dahi, Sahiu, Cahir, Bahia, Piahuy	Marcar um hiato	Daí, Saiu, Cair, Bahia* Piauí	O <h> deixou de marcar hiato *Com exceção de Bahia que manteve-se como no período fonético.

He, adesões.	Marcar a tonicidade da vogal	e ou é, adesões	Deixou de marcar a tonicidade, pois o uso do <h> não tinha influencia.
Hum, hé. Athé, huma	Dar mais corpo a monossílabos	um, é, até, uma	A função do <h> era apenas para “encher” a palavra, deixou essa função pois não havia necessidade
Hontem, hirmão, hidade.	Sem função definida	Ontem, irmão, idade	O <h> não tinha nenhuma função nesses vocábulos, usado apenas para “enfeitar”

Fonte: pesquisa direta

Conforme visto no quadro 03, verifica-se a presença do <h> como hiato e o emprego do grafema seguido de acento e como monossilábico. Pode-se observar também que, na passagem do fonético para o simplificado, houve a perda de grande parte das funções que o <h> possuía, ele deixa de ter funções básicas tidas no período fonético, pertencente à uma fase arcaica e passa a não configurar como A) hiato, B) dar mais corpo a monossílabos C) marcar tonicidade da vogal ou D) não ter função definida.

No quadro 04, a seguir, serão apresentadas ocorrências do <h> encontrados no período pseudoetimológico comparadas aos vocábulos modificados do período simplificado. A partir daqui pode-se perceber como as ideias de Gonçalves Viana influenciou o acordo ortográfico que hoje se tem conhecimento.

Quadro 04 – mudanças do grafema h no período pseudoetimológico para o simplificado

Vocábulos – p. pseudoetimológico	Funções do “h”	Vocábulos – p. simplificado	Deixou de:
Psichologia, chronica, chimica	Origem grega - ch (= [k])	Psicologia, Crônica, Quimica	o <h> deixa de ter a figuração ch (= [k]) de origem grega
thesouro, therezina, catholica, autoridade	Latinismo	Tesouro, Teresina, católica, autoridade	O <h> nas funções dos vocábulos, não tinha nenhum som ou influencia, então ele deixa de existir no novo acordo.
telegraphos, philosophimo, epigraphe, pharmaceuticos, propheta	Origem grega	Telégrafos, filosofismo, epigrafe, farmacêuticos, profeta	O <h> com som de [f] de origem grega, deixa de esta presente pois essa figuração era apenas por inspiração grega
hobra, hordenar, honde, hontem	Sem função definida	Obra, ordenar, onde, ontem	A função do <h> era apenas para “encher” a palavra, deixou essa função pois não havia necessidade.
Acompanhei-o	Sons palatalizados	Acompanhei-o	Manteve-se da mesma maneira, pois o <h> ainda mantém a função de som palatalizado
prohibido/prohibe	Hiato	Proibido, proíbe	O <h> deixou de marcar hiato

Fonte: Pesquisa direta

De acordo com o quadro 04, percebe-se que a presença do <h> é majoritariamente de origem grega e latina, possuindo palavras com a função de hiato e para sinalizar sons palatalizados, ao passar para o período simplificado, as funções que o <h> possuía passou a não existir mais, perdendo seus usos em A) origem grega ch (= [k]) B) origem latina C) sem função definida D) Hiato E) sons palatalizados, contudo, nessa função o <h> permaneceu igual tanto no período pseudoetimológico quanto no simplificado.

3. Considerações finais

Conforme a pesquisa empreendida, é possível notar através da construção deste trabalho, que a ortografia do Português utilizada no Brasil vem sempre se alterando através dos tempos. Isso se dá porque a ortografia é responsável pelas alterações e mudanças, levando em conta a necessidade dos usuários e o contexto social em que se insere a língua. No decorrer do tempo, houve situações em que a grafia era flutuante e cada escritor escrevia de acordo com suas convicções, e somente a partir do século XX, após algumas reformas ela passou a ser preponderantemente fonêmica. Isso significa dizer que a escrita procura representar aquilo que é funcional no sistema de sons da língua, isto é, aquilo que possui valor contrastivo. Nesse aspecto, a língua acompanha o processo dinâmico e evolutivo que lhe é peculiar, buscando, dessa forma, sempre melhorar a capacidade de interações entre falante e ouvinte, escritor e leitor.

Assim, as Reformas e acordos Ortográficos vieram para servir como um ponto de conexão e padronização ao longo deste processo de uniformização da língua, a fim de não haver complexidades e confusões entre os autores. Nesse percurso, constatou-se, numa perspectiva histórica, diversos confrontos em relação a sistematização da ortografia, essa sendo carregada de diversos fatores externos à língua. A falta de uma uniformização da ortografia portuguesa sempre foi assunto de discussão entre os estudiosos, sendo assim, ao tentar classificar os períodos da língua, trouxeram três grandes períodos para situá-la, sendo esses: 1) período fonético, 2) período pseudoetimológico e o 3) simplificado.

O período fonético caracteriza-se, em geral, por uma flutuação na grafia das palavras, sendo sua escrita de acordo com o som das falas. O período pseudoetimológico caracterizava-se pela tentativa de se escrever conforme a lógica

greco-romana da palavra, junto a isso, também se intensificou dentro da língua portuguesa formas eruditas e semieruditas, baseadas no latim. Não é difícil imaginar as extravagâncias a que esses primeiros períodos trouxeram, consoantes dobradas e de grupos consonantais, como <ph>, <th>, <rh> foram sendo introduzidos dentro da língua portuguesa, alguns eram justificados pela sua etimologia, outros justificavam-se nos estudos que se julgavam eruditos e dominantes do latim e do grego. Coutinho (1976, p. 76) ao tratar desse aspecto, afirma que “não só vocábulos novos entraram para o nosso léxico com aspecto gráfico alatinado, mas também os que já tinham formas vulgares sofrem o travestimento etimológico”.

Por fim, a ortografia é de natureza fonêmica, garantindo a unidade do sistema de escrita. Se a escrita fosse fonética, como se verificava no período fonético, que representava exatamente os sons da fala, a diversidade de escrita seria tamanha que a unidade da língua ficaria comprometida, não havendo, outrossim, compreensão e entendimento entre as pessoas, ao ler um texto, por exemplo. A escrita deixaria de ser unificadora e de ter, também, seu papel social e interacional.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, I. de L. **Ponto de gramática histórica**. 7ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. 5 eds. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. **Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas**. Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.

NUNES, J.J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 5 a. ed. Lisboa: Clássica, p.186-196. 1989

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43.ed Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964, p.33-52.

SPINA, S. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, Série Fundamentos, Vol. III, p.10-11.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987.

WILLIAMS, Edwin B **Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. Trad. Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1975.

Capítulo 3
TOPONÍMIA E ENSINO: UM ESTUDO SOB A
PERSPECTIVA LEXICULTURAL NOS
LOGRADOUROS DO MUNICÍPIO DE MUNDO
NOVO/MS

Silmara Cristina Batista da Silva
Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

TOPONÍMIA E ENSINO: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA LEXICULTURAL NOS LOGRADOUROS DO MUNICÍPIO DE MUNDO NOVO/MS

Silmara Cristina Batista da Silva

Doutoranda em Estudos de Linguagens – UFMS – silsfc@hotmail.com

Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

Doutora em Letras – UEMS – tribesse@yahoo.com

RESUMO: A palavra nomeia as coisas e os seres existentes no mundo e desde os tempos mais remotos e imagináveis é agente transformador e revelador de realidades existentes na sociedade. A cultura de um povo, as variações da língua e toda a história que conhecemos e identificamos é efetivada por meio da palavra. Não são raras as afirmações de que o homem se reconhece como ser social a partir da linguagem, ou seja, a língua transforma o indivíduo em um agente ativo e importante no processo de construção da sua própria identidade. Dessa forma, a língua assume um papel primordial de promover a ascensão humana por meio da palavra que eterniza os registros históricos e a cultura de um povo. Este trabalho tem por objetivo discutir os resultados da intervenção didática em que se propôs o entrelaçamento Toponímia e ensino de Língua Portuguesa e retratar a motivação, a história, a língua de origem, a estrutura morfológica de cada uma das denominações dos logradouros do Município, além de resgatar, por meio de estudos em documentos oficiais e entrevistas, o sentido e a história de cada designativo e o que influenciou a nomeação das ruas existentes em Mundo Novo/MS, nesse sentido, foi realizado junto com os alunos de uma Escola Pública da periferia de Mundo Novo um estudo toponímico da área urbana da cidade de Mundo Novo - MS (Mato Grosso do Sul). A classificação dos topônimos que compõem o *corpus* deste trabalho foi subsidiada pelos princípios teóricos e metodológicos da Toponímia, atendendo ao modelo proposto por Dick (1990,1992) com as adaptações sugeridas pelo Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul). A incidência de antropotopônimos e corotopônimos apontaram para a rememoração de um passado reavivado pela história e as origens dos pioneiros de Mundo Novo/MS.

Palavras-chave: Cultura; léxico; Ensino; toponímia urbana; Mundo Novo.

ABSTRACT: The word names the things and beings existing in the world and, since the most remote and imaginable times, it has been a transforming and revealing agent of existing realities in society. The culture of a people, language variations and the entire history that we know and identify is effected through the word. Statements that man recognizes himself as a social being based on language are not rare, that is, language transforms the individual into an active and important agent in the process of

constructing his own identity. In this way, language assumes a primordial role in promoting human ascension through the word that perpetuates the historical records and culture of a people. This work aims to discuss the results of the didactic intervention in which it was proposed to intertwine Toponymy and Portuguese Language teaching and portray the motivation, history, language of origin, the morphological structure of each of the names of public places in the municipality, in addition to to rescue, through studies in official documents and interviews, the meaning and history of each designation and what influenced the naming of existing streets in Mundo Novo/MS, in this sense, it was carried out together with students of a Public School of the outskirts of Mundo Novo a toponymic study of the urban area of the city of Mundo Novo - MS (Mato Grosso do Sul). The classification of toponyms that make up the corpus of this work was supported by the theoretical and methodological principles of Toponymy, taking into account the model proposed by Dick (1990, 1992) with the adaptations suggested by the ATEMS Project (Toponymic Atlas of the State of Mato Grosso do Sul). The incidence of historiotoponyms and corotoponyms pointed to the remembrance of a past revived by history and the origins of the pioneers of Mundo Novo/MS.

Key-words: Culture; lexicon; Teaching; urban toponymy; New world.

1 Introdução

A pesquisa sobre os designativos da área urbana da cidade de Mundo Novo - MS suscita uma discussão de como a Toponímia reflete a interface entre a língua, a história e a geografia do município materializada nos nomes de lugares. Nessa perspectiva, buscamos retratar, por meio de uma abordagem pautada na pesquisa-ação, a motivação, a história, a língua de origem, a estrutura morfológica de cada uma das denominações dos logradouros do Município, além de resgatar, por meio de estudos em documentos oficiais e entrevistas, o sentido e a história de cada designativo e o que influenciou a nomeação das ruas existentes em Mundo Novo/MS.

A Toponímia articula os saberes linguísticos, geográficos, morfológicos, geomorfológicos, históricos, biológicos e antropológicos. Nesse sentido, configura-se o estudo toponímico como uma área interdisciplinar que se localiza no campo dos estudos lexicais e em uma disciplina da Linguística, a Onomástica - estudo dos nomes próprios - subdividida em Antroponímia - nomes próprios de pessoas - e Toponímia - nomes próprios de lugares -, características estas que orientará toda a pesquisa realizada pelos estudantes. O ato da nomeação de um lugar é uma forma de apropriação pelo homem do espaço onde habita e exerce suas atividades profissionais. Ao conferir um nome a um acidente físico (rio, córrego, monte) ou a um aglomerado humano (povoado, cidade, rua, bairro), o denominador imprime uma

marca identificadora sobre o referente nomeado e, como há variações, muitas vezes, na origem do topônimo também nos interessa o estudo dessas transformações.

É interessante assinalar que o léxico da língua em uso ultrapassa o próprio ato de nomear, uma vez que revela a cultura de uma sociedade, permitindo, assim, reconstruir os sujeitos protagonistas dos aspectos da história dos valores e costumes dos grupos humanos dos quais eles fazem parte. Para Dick (2001, p. 79), “É o simbolismo das formas linguísticas que transforma nomes em lugares existenciais e indivíduos em personalidades sociais. A configuração de um local só acontece a partir do nome, o antecedente sendo o não-lugar, o não simbólico, o inativo”.

A proposta de estudar a toponímia dos nomes de ruas da cidade de Mundo Novo/MS objetivou contribuir para o conhecimento da história da cidade, resuscitando, desse modo, a memória coletiva. Este trabalho pautou-se no estudo da toponímia dos nomes dos logradouros da cidade de Mundo Novo localizada no estado de Mato Grosso do Sul e toda a pesquisa foi realizada por estudantes do nono ano da Escola Estadual Professora Terezinha dos Santos Mendonça, localizada no município de Mundo Novo. As atividades envolveram basicamente os estudos dos topônimos (etimologia, motivação semântica, estrutura morfológica), seguidos de pesquisa de campo e análises, conforme classificação taxionômica proposta por Dick (1992) que foi adaptada por pesquisadores do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS).

2 Língua, cultura e sociedade

É por meio da língua que são expressas as mais variadas formas de difusão de uma cultura e, mais especificamente, é por meio da língua que os seres humanos se expressam de modo a divulgar seus valores e, assim, construir a sua história e identidade. Biderman (1981, p. 182) pontua que, “considerando a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade”. A língua e a cultura sempre estiveram relacionadas proporcionando a perpetuação de todos os signos representativos por meio dos conceitos cristalizados, fortificando o laço entre o povo de uma mesma comunidade.

A língua de um povo está relacionada a um de seus mais fortes retratos culturais, ou seja, podemos perceber a origem de alguém em uma simples conversa

informal considerando que cada um possui sua língua, cultura e história. Sapir discorre sobre a correlação entre língua e cultura e argumenta que

[...] a língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura. Em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. É uma ilusão pensar que podemos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem o auxílio do simbolismo linguístico, que torna esses lineamentos significativos e inteligíveis à sociedade(SAPIR, 1969, p. 20).

Nessa mesma linha de raciocínio, Abbade (2010, p. 141) assinala que “o homem só existe histórico e socialmente quando houver linguagem para expressar essa história social”. É bem verdade que sem a língua não há sociedade, não há possibilidade de vida humana e muito menos o seu desenvolvimento. A comunicação concretiza todos os passos de uma geração apoiando-se no léxico que fundamenta e cumpre o papel fundamental de perpetuar um passado construído por indivíduos integrantes de uma sociedade.

A língua desde os seus primórdios foi utilizada para a relação social entre as pessoas e, justamente, por objetivar essa socialização, sofre influências externas e todo esse dinamismo aponta para a sua heterogeneidade. Tarallo (1990, p. 57) enfatiza que a língua falada é heterogênea e variável e que a variabilidade da fala é passível de sistematização e, portanto, é um sistema de regras. Essas mudanças socioculturais advindas da língua são objetos de estudo da Sociolinguística que é uma das subáreas da Linguística. Segundo Mollica:

a Sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial, os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2010, p. 9).

No Brasil, no período colonial, houve um momento de interculturação de etnias diferentes que aqui se encontravam: o africano, o indígena e o português essas línguas advindas de outras sociedades e culturas diferentes deram início ao processo de variação linguística. Nessa perspectiva, Dick argumenta que “não apenas com as línguas indígenas brasileiras ocorreu esse processo de interculturação e trocas, mas

também com as línguas africanas, aqui faladas tanto na zona urbana como na zona rural” (DICK, 2001, p. 136).

Vivemos em um país multicultural com uma grande variedade de etnias com uma territorialidade muita extensa, fato que marca sobremaneira a variedade de expressões e costumes que marcam o português falado no Brasil. Assim, o idioma é multifacetado e, por meio da linguagem apresenta as suas faces mediante a integração dos indivíduos dentro de uma determinada comunidade e, conseqüentemente, a cultura surge como resultado da interação e da contribuição de cada ser humano.

as interferências ocorridas no campo da linguagem receberiam, assim, dos fatores mesológicos, a sua primeira conformação estrutural, organizando-se em unidades significativas, até posteriores e eventuais transformações e acomodações em novos esquemas conceptuais. De acordo com essa linha de raciocínio, o idioma tende a refletir a concepção dos falantes relativamente ao meio onde vivem. Os valores grupais assumem dessa forma, uma dimensão que transcende o próprio “eu” e se manifesta no pensamento comunitário, como forma única de sentir, desde que a projeção isolada de uma individualidade (DICK, 1990, p. 36).

Podemos afirmar que todo esse processo contribui para um enriquecimento inestimável da língua, contribuindo para a formação de um acervo de expressões de diferentes regiões ou que perseveram e resistem ao tempo.

O espaço pensado como meio de convivência deve estabelecer entre o dominador e o local uma espécie de afinidade social onde ele possa exercer todas as suas atividades valendo-se de uma autonomia que o faça perceber que o meio/espaço em que ele vive, de certa maneira, lhe é próprio, há o sentimento de pertencimento,

[...] o espaço percebido e sentido pelos homens em função tanto dos seus sistemas de pensamento como de suas necessidades. A percepção do espaço real, campo, aldeia ou cidade, vêm somar-se ou combinar-se elementos irracionais, míticos ou religiosos. Assim, as grandes montanhas constituem a morada dos deuses, desde o Olimpo para os gregos da antiguidade, até o Annapurna para as populações do Nepal. A água está pejada de significação; há fontes e lagos sagrados, mas a ideia de coisa sagrada pode associar-se a utilização precisa de um elemento do espaço. Cada agrupamento humano possui uma percepção própria do espaço por ele ocupado e que, desta ou daquela maneira, lhe pertence... (DOLFUSS *apud* DICK, 1990, p. 63).

O ambiente pensado como um espaço que seja favorável à vida, à socialização, à segurança e proporcionando ainda, a perpetuação da espécie humana faz com que reflitamos um pouco mais sobre o conceito de espaço (DICK, 1990, p. 61). O espaço habitável pelo homem sempre foi motivo de preocupação porque era

necessário que o território possuísse características a favorecer a organização da comunidade como um todo. Dick esclarece que,

apesar de geógrafos como Oliver Dolfuss procurarem estabelecer uma revisão dessa “noção” de espaço, a verdade é que o espaço geográfico ainda parece continuar sendo encarado em termos de sua “acessibilidade” aos homens desde que se não negligencie a influência da ação humana transformadora do “meio natural” em “meio geográfico”. (DICK, 1990, p. 62).

O Espaço necessário às condições de permanência do homem não depende só das condições climáticas e paisagens naturais, mas sim do uso e modificações que os indivíduos podem realizar no local, transformando em habitável o que antes parecia, geograficamente e socialmente, impossíveis. O homem com ferramentas e técnica é capaz de transformar os recursos naturais existentes em determinadas regiões em um meio que atenda às necessidades de uma sociedade de uma determinada época fazendo com que assim esse espaço também se torne propício às relações sociais existentes em qualquer comunidade.

A importância dessa relação do indivíduo com o espaço em que se vive é bem explicitado por Dick (2010, p. 179) quando ela diz que “assim como os indivíduos”, os lugares, depois de batizados ganham “alma”, tornam-se entidades capazes de significar e de transmitir sua significação: “nome” e “lugar” se unem, a partir daí, constituindo uma mesma identidade, referencializada e referenciável. É por meio do nome que delimitamos as linhas fronteiriças entre um espaço e outro. Seide (2010, p 131) argumenta que:

um nome de lugar, ao remeter a um espaço físico carregado de simbolismo, vai adquirindo certos sentidos que são resultados de tudo aquilo que se disse sobre ele, se viu e se viveu, sentidos que serão analisados enquanto “conotações” de um dado topônimo, conotações que podem ser reveladas quando se entrevistam moradores do lugar cujo nome está sendo estudados. (SEIDE, 2010, p. 131).

O sentimento de pertencimento ao espaço começa a ganhar significado quando o indivíduo se sente participante ativo e transformador do lugar onde vive, a partir daí todos se sentem pertencentes a uma mesma família. A magia da “alma”, citada por Dick (2010, 180), que parece se apossar de cada pessoa e que circunda uma comunidade em relação ao “lugar” em que se vive é expressada todas as vezes que esses mesmos integrantes declaram seu amor e admiração pelo espaço que ocupam e, por consequência, por todas as vezes em que desaprova qualquer comentário desprezível em relação à sua cidade, estado, bairro ou rua em que vive. A toponímia, pelo viés cultural e semântico, procura explicar a relação existente entre

a ocupação e a ressignificação de cada nome atribuído aos logradouros de uma cidade.

3 Onomástica: breve reflexão

A onomástica, que abarca a Antroponímia e a Toponímia, é uma ciência dos estudos da linguagem e como tal se relaciona diretamente com a Lexicologia. Dick (1990, p. 36) pontua que Toponímia e Onomástica estão envolvidas por uma relação de inclusão uma sempre estará incutida na outra, promovendo, dessa forma, uma dimensão variável.

Dick (1990, p. 144) explica que o estudo onomástico é muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população.

O ato de nomear, onomasticamente, diverge-se do processo de criação da palavra quando se trata de elemento do léxico integrante do enunciado de uma língua. Assim, o campo onomástico revela um processo intrigante voltado para as formas de como um nome é vinculado a uma entidade representativa. “Quando um objeto é migrado de um campo para outro (do linguístico para o semântico) revela-se a interferência do grupo dominante, tendência e temperamento social na construção da nomenclatura do objeto” (DICK, 1998, p. 102). E é justamente por esse processo que o texto onomasiológico se torna possível, a passagem da designação para uma significação, nesses termos, pode-se dizer que a partir daí há uma complementação da construção denominativa.

4 Toponímia: história e definição

A Toponímia sistematizada consolidou-se, primeiramente, na Europa e teve como berço a França por volta do ano de 1878. O seu precursor foi Auguste Longnon, na época os estudos toponímicos foram introduzidos por ele na *École Pratique des Hautes-Études* e no colégio da França. Em 1912, após sua morte, foi publicada a obra *Les nomes de lieu de la France*, considerada de extrema importância para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados.

No Brasil, um dos grandes estudiosos do assunto é Levy Cardoso que, apontando para um caráter histórico, suas publicações trouxeram um olhar voltado

para lexicologia indígena. Carlos Drummond também contribuiu sobremaneira com os estudos toponímicos dedicando-se a trabalhos do Bororo à toponímia brasílica.

A toponímia, segundo Dick (1990, p. 35), é, antes de tudo, “um imenso complexo línguo-cultural em que os dados das demais ciências se interseccionam agrupando-se para atingir seu ápice dentro do fenômeno toponomástico”. O trabalho toponímico nos encaminha para o conhecimento do modo de vida e das particularidades existentes em um espaço geográfico, seus traços históricos e sociais são evidenciados na forma de como essas comunidades nomearam e dividiram seus espaços.

5 Topônimo: características

Uma das características mais importantes do topônimo assinalada por Dick (1990, p. 42) dá conta de que se trata de um verdadeiro fóssil linguístico, na verdade essa expressão foi usada pelo francês Jean Brunhes e, assim, os estudiosos da toponímia concordam em razão da relevância da área como fonte de conhecimento da língua falada e também das regiões geográficas, históricas e sociais sempre testemunhadas pelo povo que habitou o espaço em caráter temporário ou definitivo. O topônimo tende a perpetuar o léxico que representa no momento da nomeação as circunstâncias linguísticas, sociais, históricas e geográficas que motivaram a denominação.

6 Taxionomias toponímicas: Dick

A primeira versão taxionômica brasileira foi proposta por Dick no ano de 1975 e que foi reformulada alguns anos mais tarde pela mesma autora. Dick propôs dessa forma um modelo taxionômico classificatório capaz de suprir as demandas de pesquisas realizadas na área. Surgiu, assim, um modelo que serve como instrumento de trabalho e também como aporte teórico, para que sirva de certa forma, como um pilar para a investigação objetiva da causa motivadora dos designativos.

conscientes da necessidade de se buscar os modelos taxionomias para os vários conjuntos de topônimos, um agrupamento macroestrutural, procurou-se, nos ordenamentos sistemáticos das ciências humanas afins à toponímia, e em algumas poucas obras alienígenas especializadas, os elementos que permitissem a apresentação de um quadro classificatório, de maneira a satisfazer a demanda da pesquisa (DICK, 1990, p. 24).

É preciso estar atento, pois a classificação é muito mais complexa e intrigante, é necessário se utilizar o emprego correto da expressão designativa que conceitue com uma possibilidade de erro quase nula em relação aos motivos toponímicos. O grande eixo norteador se encontra no vínculo existente entre o objeto nomeado e o seu denominador. Esses dois fatores estão intrinsecamente ligados na relação taxionômica às motivações do espaço geográfico nomeado. Dick (1990, p. 25) afirma que “o mecanismo de nomeação, causado, portanto, por influências externas ou subjetivas, transparece em topônimos das mais diversas origens e procedências.”

A proposta de Dick (1990, p. 26) revela um modelo enquadrado sob dois aspectos: físico e antropocultural. Tem-se, assim, a formulação de uma terminologia técnica constituída do “topônimo”, que vem antecedido de outro elemento genérico que define sua classe onomástica. Esse elemento deve ser explicado com clareza para que sua escolha seja justificada. Todos os elementos, por exemplo, filiados a elementos vegetais ou minerais receberam a classificação de fitotopônimos e litotopônimos. O primeiro termo da classificação sempre se refere à sua classe genérica e o segundo à sua procedência do campo de estudo.

A primeira versão do modelo teórico de Dick, elaborada em 1975 que, após ser revista pela autora, originou a última versão datada de 1992. O principal objetivo com a criação do modelo era “suprir as demandas das pesquisas”, uma vez que pode “ser interpretado como um instrumento de trabalho que permitirá a aferição objetiva das causas motivadoras dos designativos geográficos” (DICK, 1990, p. 26).

A partir dessa reformulação, que traz um quadro mais abrangente, Dick subdivide algumas categorias que antes da reformulação eram apenas de 19 (dezenove) e, posteriormente, passaram a ter 27 (vinte e sete) taxes, sendo 11 (onze) de natureza física e 16 (dezesseis) de natureza antro-po-cultural. Eis as categorias toponímicas de Dick (1992):

a) Taxionomias de natureza física

- Geomorfotopônimos: O termo utilizado foi escolhido por Dick em vez de orotopônimos por agrupar todas as características geológicas,

Preferiu-se empregar a expressão geomorfotopônimos para que se pudesse incluir não apenas as elevações do terreno, mas também as depressões, e as próprias formações litorâneas, a fim de melhor se sugerir a ideia mórfica pretendida (DICK, 1990, p. 114).

Essas características costumam enriquecer os topônimos com seus empréstimos no que tange a uma variedade de signos onomásticos. A topografia de um local costuma motivar sua nomeação de uma forma mais espontânea. O princípio de que o homem só nomeia o que conhece fez com que a peregrinação humana deixasse um legado nominativo de seres e coisas. O relevo geográfico permite que se possa analisar a história de sucessivas povoações em determinado local, a toponímia, sob um ponto de vista linguístico, aponta para as diversas nacionalidades ocupantes de determinado território. Córrego da Serra (AF/MS) no município de Antônio João, o Córrego de Cerro (AF/MS) Alegre na cidade de Aral Moreira e o Córrego Cerrito (AF/MS) em Juti. (TAVARES, 2004, p. 105-124).

- Litotopônimos: são aqueles de feitiço mineral e que se referem também à constituição do solo. Todo o processo de descoberta dos minerais na nova terra despertou o olhar para a nova perspectiva sociocultural instalada e que contribuiu muito para história do Brasil, pois foram atraídos para o país uma gama de pessoas que contribuíram para o desmatamento, facilitando, assim, a chegada de novos povoados. Córrego do Brejão (AF/MS) em Maracaju, o Córrego Barreiro Seco (AF/MS) em Dourados e o Córrego Ita (AF/MS) em Antônio João. (TAVARES, 2004, p. 105-124)

- Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade. Segundo Tavares (2004, p. 105-124) pode-se obter os seguintes exemplos extraídos do próprio estado de Mato Grosso do Sul como, Córrego Jacori (AF/MS) em Amambai, o Rio Bananal (AF/MS) na cidade de Antônio João e o Córrego Guapeí (AF/MS) no município de Caarapó. (TAVARES, 2004, p. 105-124)

- Hidrotopônimos: os topônimos de natureza hidronímica aparecem com muita facilidade por estarem intrinsecamente ligados à importância da água para as condições da vida humana. Como exemplos de hidrotopônimos podemos citar: o Córrego Água Azul (AF/MS) em Dourados, o Córrego Água Limpa (AF/MS), na cidade de Fátima do Sul e o Rio Brilhante (AF/MS) no município de Itaporã. (TAVARES, 2004, p. 105-124).

- Zootopônimos: são os topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos e não domésticos. Exemplo: Rio Dourados (AF/MS) em Laguna Caarapã, o Córrego da Formiga (AF/MS) em Maracaju e o Córrego das Araras (AF/MS) em Ponta Porã. (TAVARES, 2004, p. 105-124).

- Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Exemplos: Córrego Divisa (AF/MS) na cidade de Ribas do Rio Pardo, o Córrego do Meio I (AF/MS) em Aral Moreira e o Córrego de Baixo (AF/MS) no município de Costa Rica. (TAVARES, 2004, p. 105-124).
- Cromotopônimos: são todos os topônimos que se referem à escala cromática. Rio Verde (AF/MS) em Aral Moreira, Córrego Azul (AF/MS) no município de Ivinhema e Cabeceira do Verde (AF/MS) na cidade de Laguna Carapã. (TAVARES, 2004, p. 105-124).
- Dimensiotopônimos: Para os topônimos que expressem extensão, comprimento, largura, espessura, altura ou profundidade dá-se o nome de dimensiotopônimo por exprimir com mais clareza a ideia contida em cada dimensão. Lagoa Grande (AF/MS) localizado em Dourados, Córrego comprido (AF/MS) em Antônio João e Córrego Guaçu (AF/MS) em Mundo Novo. (TAVARES, 2004, p. 105-124).
- Meteorotopônimos: são todos os topônimos ligados aos fenômenos atmosféricos. Córrego do Vento (AF/MS) presente em Anaurilândia, Córrego do Raio (AF/MS) em Figueirão e Fazenda Nevasca (AF/MS) em Jardim. (TAVARES, 2004, p. 105-124).
- Morfotopônimos: são os topônimos que refletem as formas geométricas. Córrego Desbarrancado (AF/MS) em Nova Alvorada do Sul, o Córrego Redondo (AF/MS) em Naviraí e o Córrego Volta Grande (AF/MS) em Santa Rita do Pardo. (TAVARES, 2004, p. 105-124).
- Astrotopônimos: topônimos relativos aos astros celestes em geral. Rio Estrela (AF/MS) em Antônio João, Fazenda Céu Azul (AF/MS) localizada em Bela Vista e o Córrego Estrelada (AF/MS) em Santa Rita do Pardo. (TAVARES, 2004, p. 105-124).

b) Taxionomias de natureza Antropocultural

- Animotopônimos ou Nootopônimos: são os topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual levando em consideração todos os aspectos voltados ao psiquismo humano. Distrito de Formosa (AH/MS) na cidade de Dourados, Povoado União (AH/MS) localizado no município de Deodápolis e o Povoado Boa Esperança (AH/MS) no município de Batayporã. (TAVARES, 2004, p. 98-103).
- Antropotopônimos: são todos os nomes de lugares em que sobressaem os nomes próprios individuais sejam em prenomes ou em apelidos de família. Distrito Amandina

(AH/MS) e Povoado Cristina (AH/MS), ambos localizados no município de Ivinhema. (TAVARES, 2004, p. 98-103).

- Axiotopônimos: são os topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Povoado Presidente Castelo (AH/MS) pertencente ao município de Deodópolis, o Povoado Ministro Pestana (AH/MS) em Ponta Porã. (TAVARES, 2004, p. 98-103).

- Hierotopônimos: se refere a todos os topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana e tantas outras pertencentes ao cenário religioso mundial. Os hierotopônimos foram divididos em duas subcategorias: Hagiotopônimos que agregam os nomes de santos e santas dos escritos romanos; e mitotopônimos que tratam dos nomes de lugares que remetem a entidades mitológicas. Vila São Pedro (AH/MS) em Dourados, o Povoado Santa Maria (AH/MS) em Caarapó e o Povoado São José (AH/MS) no município de Taquarussu. (TAVARES, 2004, p. 98-103).

- Corotopônimos: são os topônimos relacionados aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Vila Vera Cruz (AH/MS) no município Taquarussu, o povoado Alegrete (AH/MS) em Rio Brillhante e o distrito de Cristalina (AH/MS) na cidade de Caarapó (TAVARES, 2004, p. 98-103).

- Cronotopônimos: se relacionam a indicadores cronológicos e são representados na toponímia pelos adjetivos - novo, nova, velho, velha. Córrego Nova Esperança (AH/MS), o Distrito Novo América (AH/MS) de Caarapó e o Distrito de Nova Esperança (AH/MS) em Glória de Dourados. (TAVARES, 2004, p. 98-103).

- Ecotopônimos: se referem às habitações de um modo geral. Distrito de Casa Verde (AH/MS) no município de Nova Andradina, Córrego da Tapera (AF/MS) em Amambai e o córrego Palhada (AF/MS) Vila Rica (AH/MS) no município de Caarapó. (TAVARES, 2004, p. 98-103).

- Ergotopônimos: esses topônimos se referem aos elementos de cultura material. Povoado Campanário (AH/MS) em Laguna Caarapã, e o povoado Placa (AH/MS) localizado na cidade de Itaporã. (TAVARES, 2004, p. 98-103).

- Enotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Povoado Guarani (AH/MS) em Bataaguassu, a Cabeceira do Cambaí (AH/MS) em Juti e a Vila Português (AH/MS) no município de Paranhos. (TAVARES, 2004, p. 98-103).

- Dirrematotopônimos: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Povoado Pouso das Araras (AH/MS) em Taquarussu, povoado Passa Tempo (AH/MS) no município de Rio Brilhante. (TAVARES, 2004, p. 98-103).
- Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Córrego Dois de Junho (AF/MS) localizado em Glória de Dourados, o Córrego Primeiro de Junho (AF/MS) em Iguatemi. (TAVARES, 2004, p. 105-124).
- Hodotopônimos (ou Odotopônimos): topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Distrito Picadinha (AH/MS) em Dourados, o Córrego Picada (AF/MS) em Fátima do Sul e o Córrego Tapei (AF/MS) no município de Vicentina. (TAVARES, 2004, p. 105-124).
- Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Povoado Quarto Arroio (AH/MS) na cidade de Sete Quedas, Povoado de Sete Placas (AH/MS) em Jateí e o Córrego do Dez (AF/MS) em Deodópolis. (TAVARES, 2004, p. 98-124).
- Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Povoado de Vila Sulina (AH/MS) em Paranhos, Povoado Colônia Tanaka (AH/MS) em Naviraí e Povoado Aldeia (AH/MS), no município de Japorã. (TAVARES, 2004, p. 98- 103).
- Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade como os largos, pátios, portos e praças. Povoado Porto Caiuá (AH/MS) em Naviraí, povoado Porto Mercedes (AH/MS) em Dourados. (TAVARES, 2004, p. 98- 103).
- Somatopônimos: topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal. Córrego Ipona (AF/MS) em Iguatemi, o Córrego Garganta de Tigre (AF/MS) no município de Bataguassu e o Córrego Calcanhar (AF/MS) localizado em Anaurilândia. (TAVARES, 2004, p. 98- 124).

A motivação toponímica tende a manter o topônimo vivo e cristalizado em uma comunidade. A opacidade, característica comum, nos signos linguísticos parece não abarcar os signos toponímicos que permanecem no tempo, revelando a cultura, a língua e as características particulares de uma determinada comunidade.

7 Metodologia

Sabe-se que o batismo de um logradouro é um registro histórico para uma localidade, porém, pouco se conhece sobre a origem ou a motivação de nomes da cidade de Mundo Novo. A pesquisa foi realizada com os estudantes da Escola Estadual Professora Terezinha dos Santos Mendonça, localizada na periferia da cidade, e apresentou à comunidade mundonovense os resultados sobre os logradouros existentes no Município.

Foram apresentados, primeiramente aos alunos, o conceito e o objeto de estudo da ciência toponímica, área da Onomástica que estuda os nomes próprios de lugares, além de uma explanação sobre as principais diferenças entre Toponímia e Antroponímia. Os estudantes, se mostraram bastante receptivos e animados com o novo conteúdo pois, não haviam mantido contato com a disciplina. Os questionamentos acerca dos conceitos toponímicos surgiam à medida que o estudo evoluía, todos os conteúdos foram assimilados com facilidade pela maioria dos alunos. Após a assimilação da teoria toponímica, os estudantes foram divididos em quatro grupos, em seguida, foram distribuídas as localidades onde os respectivos grupos fariam a catalogação dos nomes das ruas bem como, na medida do possível, entrevistas com os moradores para o levantamento de dados sobre a história do personagem homenageado. Com os dados inventariados, os estudantes, por meio do auxílio da professora da disciplina de História, elaboraram uma lista com os nomes dos pioneiros do Município e marcaram horários alternativos ao da escola para a realização de visitas e assim, registrarem os dados históricos obtidos por meio de entrevistas. Após a catalogação dos dados, os estudantes puderam analisar as fichas preenchidas e elaborar as análises pertinentes aos logradouros inventariados.

O embasamento teórico, sobretudo, pautou-se em Dick (1990; 1992; 2001; 1998; 2010); Abbade (2010), Biderman (2015). Para o embasamento catalográfico, foi utilizado o modelo de ficha proposto por Dick (1990), por ter sido elaborada especificamente para a realidade toponímica brasileira, e que foi reestruturada pela equipe do Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul - ATEMS que sugere dados específicos para a realidade sul-mato-grossense. Segundo esse modelo, o designativo é classificado a partir do significado básico do nome que lhe deu origem (literal e/ou regional, dependendo do caso). Assim, topônimos formados com unidades lexicais que nomeiam correntes hídricas (rio, córrego, nascente, vertente) recebem a

classificação de *hidrotopônimos*; os que se referem a nomes de pessoas, *antropotopônimos*; os que se reportam a nomes de santos, *hagiotopônimos* e assim por diante.

Como procedimento para o preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica, foram consultados dicionários de língua portuguesa, língua inglesa e língua espanhola, visto que o modelo reelaborado do projeto ATEMS sugere o significado dos nomes que deram origem aos topônimos.

Considerando-se a interdisciplinaridade como fator fundamental para a formação de estudantes para o efetivo exercício da cidadania nas diversas situações socioculturais foi contemplada na pesquisa, a partir do elemento linguístico - o topônimo -, na história, geografia e biologia explicações para o objeto nomeado. Dessa forma, o estudo abarcou diferentes conceitos e explorou de forma concomitante os vários saberes presentes nessas disciplinas. Entre as orientações propostas e contidas nos PCN (1998, 2000), ressalta-se o modo particular de como é explicitado o tratamento interdisciplinar no ensino de Língua Portuguesa:

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos. (PCN, 1998; 2000)

A interdisciplinaridade se faz necessária para que os conteúdos sejam trabalhados sob os diversos “olhares”, o estudante contemporâneo não se satisfaz apenas com um ponto de vista com as tecnologias ao alcance de todos que proporciona rapidez e múltiplas visões a respeito de um determinado tema. Nesse sentido, o professor precisa de aperfeiçoamento constante e de se adequar cada vez mais à tendência educacional inovadora, tendo como aliada a dinamicidade promovida pelo debate de várias disciplinas.

Tabela 01 – Modelo de Ficha Catalográfica elaborado por Dick

Localização – Município: _____
Topônimo: _____ A.G.: _____ Taxionomia: _____
Etimologia: _____

Entrada Lexical: _____

Estrutura Morfológica: _____

Histórico: _____

Informações Enciclopédicas: _____

Contexto: _____

Fonte: _____
Pesquisador: _____ Revisor: _____
Data de Coleta: _____

Fonte: DICK (1990)

Tabela 02 – Ficha Catalográfica proposta pelo Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul (ATEMS)

Localização/Município:
Mesorregião:
Microrregião:
Acidente:
Topônimo:
Variante cartográfico-lexical:
Tipo de Elemento Geográfico (físico/humano):
Área (rural/urbana):
Classificação Toponímica:
Língua de origem:
Etimologia:
Entrada lexical:
Estrutura Morfológica do topônimo:
Histórico:
Informações enciclopédicas:
Contexto:
Fonte:
Referências bibliográficas:
Coordenador:
Pesquisador:
Revisor:
Data da Coleta do Topônimo:

Fonte: ATEMS (2011).

Modelo de Ficha Preenchida com os dados toponímicos da Avenida Brasília.

Localização/Município: Bairro Berneck, avenida Brasília, Mundo Novo/MS
Mesorregião: Sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul
Microrregião: Iguatemi (MR-08)
Acidente: Avenida
Topônimo: Brasília
Variante cartográfico-lexical: não há
Tipo de Elemento Geográfico (físico/humano): humano
Classificação Toponímica: Corotopônimo
Língua de origem: Portuguesa
Área (rural/urbana): Urbana
Etimologia: BRASÍLIA – (Ferreira, 2004): Nome de um metal precioso encontrado no estado do Espírito Santo – Brasil. (Houaiss, 2001): Relativo ao nome brasílio. [Mineralogia] metal descoberto no Espírito Santo. top. <i>Brasil</i> + <i>-io</i> .
Entrada lexical: Brasília
Estrutura Morfológica do topônimo: Simples
Histórico: O nome da Avenida é uma homenagem à capital do Brasil.
Informações enciclopédicas: Total de endereços encontrados: 8 Domicílios particulares: 8 Quantidade estimada de moradores nesse logradouro: 27 Rendimento médio estimado de moradores nesse logradouro: R\$ 475,17
Contexto:
Fonte: Mapa Cartográfico
Referências bibliográficas: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. <i>Novo Aurélio Eletrônico versão 5.0</i> – o dicionário da língua portuguesa – Século XXI, Curitiba: editora Positivo, 2004. HOUISS, Antônio. <i>Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. http://informacoesdobrasil.com.br/rua/ms/mundo-novo/avenida-brasilia+3138
Orientadora: Ana Paula Tribesse Patrício Dargel
Pesquisador: Alunos do 9º ano
Revisora: Silmara Cristina Batista da Silva
Data da Coleta do Topônimo: 05/2017

Fonte: Elaboração a Autora

8 Análise geral dos dados segundo a classificação taxionômica

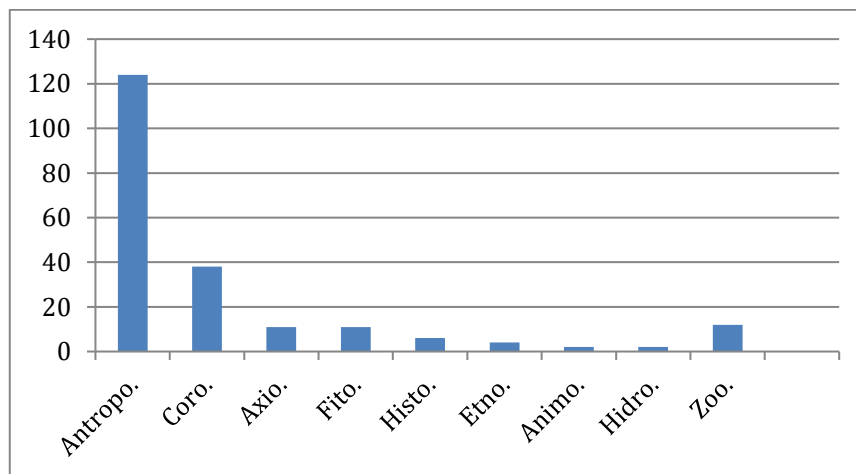
Em seu livro, *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, Dick explicita de forma clara que a partir do relevo geográfico pode-se elaborar um panorama histórico dos sucessivos povos que habitaram determinadas regiões e localidades.

Desse modo, a Toponímia contribui sobremaneira para a identificação, de um ponto de vista linguístico, sobre os estratos humanos que passaram por tal território. (DICK, 1990, p. 118)

Dessa forma, a taxionomia identifica não só os fatores linguísticos, mas também uma história social do denominador que não o faz de forma isolada, mas sim dissemina toda a mentalidade de seu grupo social. Em Mundo Novo, os Antropotopônimos se sobressaem, refletindo, assim, uma característica de valorização de antepassados da localidade e, assim, configura-se um resgate da memória daqueles que ajudaram na construção do processo histórico da cidade. Segundo Dick (1990, p.105), as relações existentes entre história e toponímia são percebidas diretamente nos fatos que os nomes revelam. Há um estado dinâmico que deve ser aproveitado pela onomástica, apesar de não alcançar uma amplitude de ressignificação pelo fato de o designativo avaliar apenas um contexto geográfico específico que é a própria rua ou praça.

9 Classificação geral taxionômica dos nomes dos logradouros de Mundo Novo

Gráfico 1 – Classificação Taxionômica dos logradouros



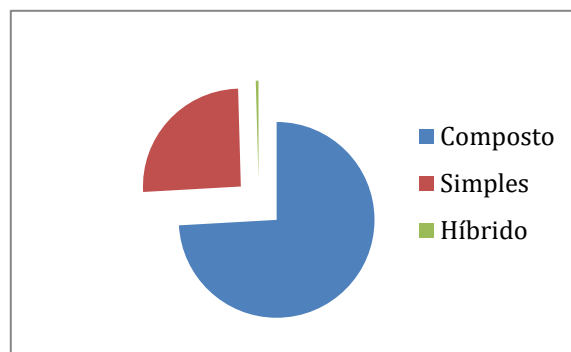
Fonte: Elaboração da Autora

10 Análise geral dos dados segundo a estrutura morfológica

A estrutura morfológica do topônimo, de acordo com Dick (1990, p. 12 e 13), apresenta a formação específica simples - aquele que se define por apenas um elemento, a formação composta que traz em sua estrutura elementos formado por dois ou mais formadores de origens diversas entre si considerando-se o conteúdo e,

por fim, o topônimo de estrutura morfológica híbrida que linguisticamente falando agrupa diferentes procedências, agrupam-se vocábulos cuja origem são distintas, essa diversidade linguo-cultural é incorporada na geografia do local, designando ruas, praças e monumentos, a consequência desse aspecto importantíssimo é um movimento de trocas de saberes que se perpetuam por meio dos topônimos empregados. Na cidade de Mundo Novo, os topônimos compostos alcançam sua maioria porque o *corpus* estudado apresenta um grande número de Antropotopônimos, personagens históricos, personalidades e ex-moradores integram quase em sua totalidade os nomes dos logradouros, caracterizando assim, a estrutura morfológica composta sobressalente.

Gráfico 2 - Morfologia dos topônimos de Mundo Novo

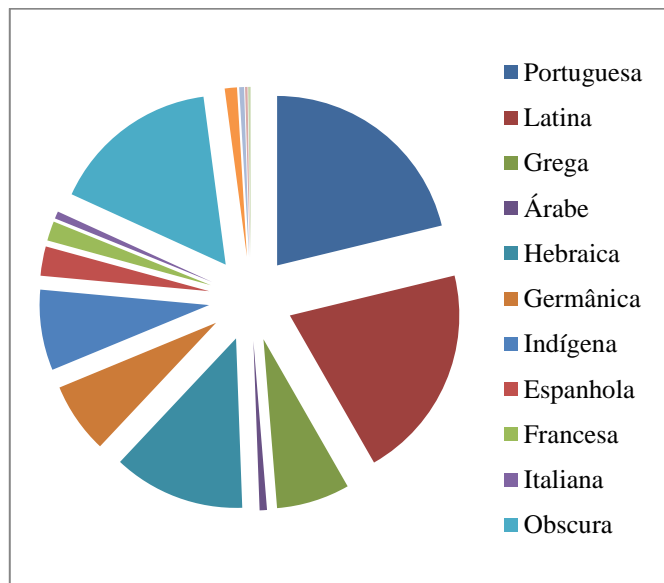


Fonte: Elaboração da Autora

11 Análise dos dados segundo a língua de origem

A localização geográfica do município de Mundo Novo permite uma estreita relação cultural com o país vizinho e fronteiriço: o Paraguai e, apesar de muitos moradores da cidade serem oriundos daquela região, não foram encontrados nos topônimos estudados uma relação significativa, que estivesse em consonância com a miscigenação existente entre os povos dos dois países.

Gráfico 3 - Língua de origem dos topônimos



Fonte: Elaboração da Autora

Considerações Finais

O trabalho objetivou apresentar um estudo dos nomes dos logradouros da cidade de Mundo Novo localizada no estado de Mato Grosso do Sul. A pesquisa foi realizada por estudantes do nono ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública. O estudo dos nomes logradouros da cidade de Mundo Novo primou por apresentar ao aluno a realidade dos logradouros de seu próprio bairro, assim como os personagens que denominavam essas ruas, avenidas e travessas. Nesse sentido, os estudantes puderam conhecer a história, as regiões e os pioneiros que contribuíram para a construção do processo histórico e cultural do Município. Dick (1998, p. 101) estabelece que o ato de nomear exige uma experiência seletiva e interpretativa que pressupõe que o denominador carregou de conceitos, valores, intenções e códigos a palavra, para que, só assim, se integre e passe a significar uma segunda língua que se originou na primeira formação. Daí a relevância de todas as atividades que foram desenvolvidas durante o projeto.

Todos os estudantes que participaram ativamente do trabalho desenvolveram notadamente uma comunicação mais eficiente, produziram textos de forma coerente, coesa, aprimoraram o vocabulário e aprenderam a usar o dicionário. O estudo voltado para a realidade do aluno despertou o interesse, o entusiasmo, a vontade de continuar

a desenvolver pesquisa e a buscar as respostas para os questionamentos sobre cada nome encontrado em uma praça, ou até mesmo nomes das cidades das quais já moraram. De maneira geral, os estudos do léxico, contribuíram profundamente para um desenvolvimento pleno do estudante, a partir da interdisciplinaridade proposta pelas disciplinas de Geografia e de História criou-se um tripé de base curricular que acompanhará o aluno por toda a sua vida acadêmica.

Referências

- ABBADE. C. M. S. Lexicologia Social: A lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: FINATTO, Maria José Bocorny.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico*. Vol. IV. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.
- ATEMS – ATLAS TOPONÍMICO DE MATO GROSSO DO SUL. Banco de Dados. UFMS, CCHS/DLE, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. A Estrutura Mental do Léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. São Paulo: EDUSP, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DICK. M. V. P. A. *A Motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: arquivo do Estado, 1990.
- DICK. M.V. P. A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- DICK. M.V.P.A. Os nomes como marcadores ideológicos. *Acta Semiótica et Lingvistica*. SBPL, São Paulo, 1998. v. 7, p. 91-122.
- DICK. M.V.P.A. O Português do Brasil Colonial. In: *Cadernos do CNLF*, vol. V, nº 06. 2001. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6_13.htm. Acesso em: 01 set. 2021.
- DICK. M.V.P.A. Etnia e Etnicidade. Um outro modo de nomear. Projetos ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri.; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). *As ciências do léxico*. Vol. IV. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010. p. 177-197.
- MOLLICA. M. C. BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed., São Paulo: Contexto, 2010, p. 9-14.
- SAPIR. E. Língua e ambiente. In: *Linguística e Ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969, p.43-49.

SEIDE. M. S. Nomes de lugares: o viés enunciativo e o viés onomástico. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri.; BARROS, Lídia Almeida. (Org.). *As ciências do Léxico*. Vol. V. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.

TARALLO. F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

TAVARES. M. *Toponímia Sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi, e de Nova Andradina*. 2004. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2004.

Capítulo 4
MITOS VELADOS DA UTÓPICA EPOPEIA
PEDAGÓGICA

Kelin Regina Bergamini do Nascimento
Maridelma Laperuta-Martins

MITOS VELADOS DA UTÓPICA EPOPEIA PEDAGÓGICA

Kelin Regina Bergamini do Nascimento

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino (Stricto Sensu) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Foz do Iguaçu.

Coordenadora pedagógica e professora da rede pública de ensino do município de Foz do Iguaçu. E-mail: kelinbergamini@gmail.com.

Maridelma Laperuta-Martins

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa - UNESPR-AR. Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Foz do Iguaçu. E-mail: chomsky1928@yahoo.com.br.

Resumo: O presente ensaio propõe-se a discutir os desafios corriqueiros concernentes a práxis pedagógica cotidiana especialmente no trabalho com alunos do Ensino Fundamental I. Em virtude da imprevisibilidade do fazer docente, frustração, desânimo e possível insegurança podem permear o ambiente educativo e influenciar o professor e sua práxis. Partindo da proposta de Marcos Bagno (2007), este estudo descreve cinco mitos escolares que assumiram o status de crenças sedimentadas historicamente e inundaram o cenário educativo brasileiro no decorrer das décadas de existência e estruturação da escola pública. Contribuições de Bortoni-Ricardo (2006), Carboni (2017), Cavalcanti e Maher (2009), Costa-Hübes (2017), Freire (1981, 1992), Ribeiro (2017), Santos (2017) e Soares (1988), relacionadas ao preconceito linguístico e às questões linguístico-culturais em cujas bases se consolidou a escola brasileira, agregam relevância ao texto e são abordadas numa linguagem crítica com toque poético. As análises apresentadas surgiram da experiência profissional de mais de vinte anos em escolas públicas da rede municipal de Foz do Iguaçu, região de tríplice fronteira, nas quais convive-se com plurilinguismo cotidianamente. Das reflexões propostas neste estudo distinguem-se dois posicionamentos possíveis ao professor: a postura passiva, resultado da alienação deformadora, e sua consequente práxis reprodutora, ou a postura reativa, resultado do inconformismo reprodutor, e sua consequente práxis libertadora.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Variações Linguísticas. Norma padrão. Escolas Multiculturais.

Abstract: The present paper seeks to discuss the everyday challenges regarding the daily pedagogic praxis, specially concerning students from the first part of elementary education. In virtue of the unpredictability, frustration, discouragement and possible insecurity of the teaching process that may impact the educational environment and influence the teacher and its praxis. Taking the proposition of Marcos Bagno (2007) as

the starting point, the study describes five school myths which assumed the status of historic fundamental beliefs and flooded the brazilian educational scene over the decades of existence and organization of public schools. Contributions from Bortoni-Ricardo (2006), Carboni (2017), Cavalcanti and Maher (2009), Costa-Hübes (2017), Freire (1981, 1992), Ribeiro (2017), Santos (2017) and Soares (1988), related to linguistic prejudice and cultural-linguistic issues on which the base of the brazilian school system were built bring relevance to the text and are approached with critic language and a poetic touch. The analysis presented is a result from over twenty years of professional experience in public schools from Foz do Iguazu – Brazil, a triple national border region in which the multilingualism is very present. From the reflections proposed in this study, two possible positions to be adopted by the teacher are highlighted: the passive position, a result from a deformed alienation and, consequently, its reproductive praxis; or the reactive position, a result from the reproductive nonconformity and its consequent liberating praxis.

Keywords: Linguistic prejudice. Linguistic variation. Standard norm. Multicultural schools.

INTRODUÇÃO

A jornada pedagógica constitui-se um grande desafio para a maioria dos docentes. Em posse dos conhecimentos obtidos na formação inicial, acredita-se estar suficientemente apto para o exercício da profissão... ledor engano. É no contexto da práxis² que a tão distorcida visão “engessada” e estática da realidade entra em xeque, à medida em que o “desajuste” da aplicabilidade da teoria é evidenciado, fomentando frustrações e desencontros; o tal “choque de realidade” que a maioria dos docentes relata como a primeira experiência no ato de ensino. Todavia, analisando as palavras de Nietzsche (2006, p. 10) em suas Máximas e Flechas: “Da escola de guerra da vida – O que não me mata me fortalece”, compreende-se que é justamente no confronto cotidiano onde se estabelecem caminhos alternativos ao combate.

Há de se considerar que nesta jornada laboral alguns se perdem, se alienam e lamentavelmente tornam-se promotores de alienação. Mas há outros seres sedentos (teimosos, rebeldes) que não se acomodam com as “coisas”, com as situações como elas se apresentam (ou como sempre foram) e desafiam a lógica continuísta e reprodutora.

² Neste estudo, o contexto de práxis docente ou educativa prevê a intencionalidade da ação pedagógica no processo de ensino visando a transformação da realidade dos educandos, ao mesmo tempo em que a realidade do sujeito professor também é afetada através da reflexão-ação-reflexão, em suas dimensões dialógica e histórica. Este conceito se baliza nos estudos freireanos (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007).

Neste íterim, a disciplina de Práticas de Ensino em Leitura, Escrita e Oralidade em contextos de plurilinguismo, ofertada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), provocou a reflexão, o reencontro e a ressignificação do “sonho de mudar o mundo” através da educação, com o qual a maioria de nós educadores adentramos na carreira. Mudar o mundo dos Joões, das Marias que sempre estiveram em nossas salas de aula, mas não foram satisfatoriamente atendidos por não se adaptarem às exigências da burocrática instituição escolar.

Este reencontro com os princípios éticos da profissão nos desafiou à introspecção, num exercício ao encontro da lucidez e do equilíbrio na nossa práxis educativa, através do desvelamento de alguns mitos que perpetuam-se na sociedade escolarizada e provocam tantas frustrações, tantos desencontros.

A inspiração deste ensaio surgiu através da obra de Marcos Bagno “Preconceito linguístico – o que é, como se faz”, onde, há mais de vinte anos o autor denuncia o preconceito linguístico através das crenças que o sustentam e o mantém vivo. Esta reflexão debruça-se sobre a realidade pedagógica do Ensino Fundamental I, especialmente no contexto da tríplice fronteira (mas não exclusivamente), evidenciando e discutindo as crenças (os mitos) que são propagadas e reafirmadas pelo exercício docente no cotidiano escolar, solidificadas pelos anos de conformismo e reprodução. Pontos nevrálgicos, dores persistentes...

A utópica epopeia³ pedagógica, não redigida em versos, não declamada em praça pública, mas disseminada no âmago da sociedade e da maioria dos sistemas escolarizados, além de alimentar as crenças, os mitos, esconde-os num lugar secreto – no ideário da práxis docente. Local que poucos ousam adentrar, pois sua exposição traz à tona as fragilidades do sistema de ensino, e conseqüentemente, do professor, comprometendo o heroísmo da sua profissionalidade.

Longe de esgotar as possibilidades, passemos à análise de cinco desses mitos, pinçados da celeuma ignorada, em prol da manutenção não apenas dos sistemas de ensino, mas da sociedade tal como é.

³ Epopeia trata-se de um gênero literário datado da Antiguidade, constituindo-se de poesia narrativa, com o intuito de narrar feitos heroicos, bem como os perigos, as guerras enfrentadas durante a conquista. As narrações miraculosas e invencíveis objetivam exaltar um herói ou uma nação, e para tal, utilizam-se de recursos ou elementos para engrandecer os atos históricos, conferindo um viés lendário à composição (SANTANA, 2021).

MITOS VELADOS – A CAIXA DE PANDORA

Na busca pela compreensão dos embates, dos fracassos que se processam no cotidiano escolar, deparamo-nos com os mitos professados, mesmo que velados, ou até mesmo ignorados, que permeiam grande parte das práticas pedagógicas da escola brasileira.

Já de antemão é mister salientar a árdua e hercúlea tarefa da desmitificação e reprogramação da práxis de ensino solidificada numa base conservadora⁴, cuja bitola engessou o sistema escolar brasileiro – séculos de fazer igual o que sempre foi assim, séculos de alguns valentes que precisam remar contra a maré.

Vamos ao primeiro mito – a “homogeneidade do corpo discente” – ideal de muitos professores, diga-se de passagem. Há muita confusão no emprego de termos do estilo “somos todos iguais”, pois associando-os aos direitos inerentes a todos os indivíduos (fato previsto na lei), olvida-se o princípio de acesso e manutenção contínua desses. Deve-se ter em mente, portanto, que para usufruir-se dos direitos básicos comuns a todos, cada sujeito necessita de aportes diferentes, pois tratam-se de realidades únicas. Cada indivíduo é único, na verdade somos todos diferentes, seja por constituição física, valores, crenças, convivendo num mesmo espaço histórico-geográfico, numa realidade caleidoscópica multifacetada, com “diferentes diferenças” em jogo (CAVALCANTI; MAHER, 2009).

Cabe à escola o rico e sensível papel de integrar os diferentes “eus”, as diferentes vozes, construindo um trajeto de relações de alteridade concomitante à construção das identidades (CAVALCANTI; MAHER, 2009). Neste processo essencialmente dialógico, os indivíduos constroem-se e humanizam-se mutuamente, questão bem explanada por Paulo Freire (1981) em sua obra-prima “Pedagogia do Oprimido”.

Vale ressaltar que vivenciar relações de alteridade não dilui a identidade de ninguém. Pelo contrário, é justamente na prática da interculturalidade que nossa identidade se constrói, pois “[...] é ilusório atribuir ao sujeito uma identidade fixa, imutável porque ela não é constituída por essência alguma [...] todos nós somos

⁴ Entenda-se como conservadora a prática enraizada e reprodutora das estruturas de ensino que se perpetuam no tempo-espaço, mesmo que amplamente combatida pelas Ciências e Filosofias, permanecem invadindo o ideário pedagógico.

constituídos por múltiplas identidades [...] a partir das nossas relações de alteridade [...]” (CAVALCANTI; MAHER, 2009, p. 17).

Nesta ótica, temos 30⁵ “mundos” em sala de aula, uns mais parecidos com o nosso e outros tão distantes... Cada ano letivo é uma oportunidade para adentrar em novas realidades. É preciso compreender como os sujeitos, em suas singularidades, expressam suas habilidades, suas necessidades e suas percepções a respeito dos mundos que os cercam, neste confronto ativo e imprescindível onde os horizontes espaço-temporal, temático e principalmente o axiológico encontram-se em jogo (COSTA-HÜBES, 2017).

O segundo mito aqui elencado trata-se da “homogeneidade linguística dos discentes”. O Brasil de fala portuguesa não foi uma construção histórica natural, mas efetivada na “ponta da espada”, forjada a ferro e fogo. O viés ideológico da língua materna nacional está marcado por relações de poder e opressão. Trata-se de uma extensa caminhada iniciada pela mortificação das línguas nativas indígenas e africanas pelos exploradores portugueses, à aculturação ou proibição das manifestações linguísticas estrangeiras em solo brasileiro, por vezes sistematizada por força estatal, utilizando-se da escola como sede de controle do purismo linguístico (CARBONI et al., 2017).

É importante mencionar, no entanto, que os movimentos de resistência sempre existiram, mesmo que sutis ou mascarados. Sobrevivem resquícios das línguas nativas, africanas e de imigrantes, apesar da forte repressão por meio de forças legais ou ideológicas. Estes fragmentos de manifestações tão brasileiras chegam sutilmente nos bancos escolares e promovem não apenas o estranhamento do professor, como despertam seus mais ocultos temores no sentido de não conseguir atender a diferença – fruto da massificação ideológica do país monolíngue. Realidade que se intensifica pela situação geográfica de tríplice fronteira⁶, onde “[...] limites cartográficos e enunciativos ditam regras econômicas, políticas, linguísticas e culturais em detrimento à prática da interculturalidade [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 2).

Entretanto, ao transitarem entre os limites geográficos, a população fronteiriça elege um modo de falar amigável, de solidariedade e intercâmbio comercial, em

⁵ Fazendo referência ao número médio de alunos em sala de aula no Ensino Fundamental I.

⁶ Em Foz do Iguaçu (sede geográfica deste ensaio) por constituir-se em região de fronteira, não é raro o trânsito diário de alunos estrangeiros cujas famílias optam pela educação brasileira, além dos constantes movimentos migratórios típicos dessas regiões.

constante contato, conflito e hibridização – a chamada língua de fronteira (RIBEIRO, 2017). Temos, portanto, salas de aula multi/plurilíngues, onde, no entanto, apenas uma língua (e uma versão desta língua, diga-se de passagem) é aceita. Garcia (2019) assevera que a comunicação plurilíngue do século XXI precisa ser concebida com base na Translinguagem (apud LUCENA; NASCIMENTO, 2016, p. 49), cuja “[...] perspectiva consegue relacionar criatividade e produção de significados alternativos com justiça social (GARCIA; WEI, 2014, p. 21 apud LUCENA; NASCIMENTO, 2019, p. 50), incorporando voz, valores e identidades sociais. Fica aqui a reflexão: a quantos alunos a escola atende com efetividade e justiça social?

Historicamente a escola ofertada ao povo está longe de atender às necessidades da demanda e faz emergir o terceiro mito aqui destacado – o mito da “degradação linguística”. Para aqueles que concebem o multiculturalismo/multilinguismo sob uma ótica negativista, “[...] as diferenças existentes na sociedade devem ser ‘consertadas’, de modo a contribuir para que essa mesma sociedade se torne uniforme” (CAVALCANTI; MAHER, 2009, p. 20). Assim, cabe à escola “consertar” os educandos, garantindo o purismo linguístico.

A escola aliena-se da sociedade no movimento da construção linguística apegando-se aos princípios de uma língua inerte que não se vive, mas tem-se a obrigação de dominar. Não que a escola deva abandonar o ensino da norma padrão, mas deve repensar sua função e exclusividade (fato que será abordado mais adiante). Neste aspecto pode-se fazer um paralelo com os cultos religiosos católicos onde a homilia⁷ era realizada em latim, língua nobre (observada pela ótica das estruturas de poder em questão), que ignorando o interlocutor e invalidando o contexto comunicativo, asseverava a supremacia de um discurso opressor. É claro que o presente exemplo revela uma atitude hiperbólica da realidade, mas auxilia no esclarecimento das possíveis consequências do “[...] posicionamento purista em relação à língua como um sistema homogêneo e estático, principalmente em contexto escolar de fronteira [como ocorre em Foz do Iguaçu, constituindo-se em], [...] motivo de fracasso e evasão escolar” (PIRES-SANTOS, 2004; PIRES-SANTOS; CAVALCANTI, 2008 apud SANTOS, 2017, p. 525).

⁷ Diz-se do discurso explicativo que se faz após a leitura do texto bíblico, ou seja, o sermão propriamente dito.

Intrincado aos demais mitos já mencionados, tem-se o quarto mito – a existência de uma “fala correta”. As variações linguísticas podem até ser percebidas em sala de aula, mas seu espaço reduz-se às atividades extraoficiais, pois são vistas como “perversões” do purismo linguístico que precisam ser controladas, através da exaltação do falar correto – o falar elitizado. Marcos Bagno (2007) aponta esta crença em seu primeiro mito, apresentando a face cruel daqueles que se intituam detentores do “português correto”, estigmatizando qualquer variação, principalmente aquelas expressas pelos grupos sociais marginalizados.

É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que, no entanto, não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal [...] (BAGNO, 2007, P. 16).

Rompendo este conceito, nem sempre o falar elitizado é a única opção, ou a que melhor satisfaz a necessidade estilística da enunciação; e ademais, as variações graduais são provas de que todos nós, de alguma forma, somos pecadores da ortodoxia linguística padronizada, principalmente nos momentos em que optamos pelo menor monitoramento linguístico.

O interessante deste mito é sua sutil exequibilidade em sala de aula. Cada vez que um aluno se expressa de maneira diferente da norma padrão, professores ou até mesmo os próprios colegas (pois foram instruídos na sua vivência escolar que é assim que se aprende) têm a necessidade/obrigação de corrigir interpolando o discurso que está sendo enunciado. Prática de ensino comum e compulsória, recheada de “boas intenções”, mas com consequências perversas e por vezes até traumáticas. Não é por acaso que muitos brasileiros nativos, tendo o português como língua de berço, acreditam não saber falar o “português correto”, pelo fato de conviverem com uma das inúmeras variações da língua materna. Adentrando nesta crença é possível observar que seus fundamentos se encontram nos primórdios da formação da nação brasileira, onde

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação [e que] podemos e devemos

questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais [...] (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 14).

Por sua vez, Bakhtin (e seu Círculo), trouxe luz através do contexto extraverbal do discurso; a sua dimensão social extrapola os elementos linguísticos indo além da materialidade do gênero. É neste ponto onde elege-se, dentro da construção arquitetônica do texto-enunciado, uma expressão linguística, um estilo que melhor se adequa ao contexto de enunciação (COSTA-HUBES, 2017, p. 555-557).

Logo, além de evidenciar todos os falares e falantes dentro do contexto de sala de aula, cabe ao professor instrumentalizar seus alunos às melhores escolhas estilísticas à enunciação de seus discursos. Agindo assim, a norma padrão perde seu status de exclusividade no reino linguístico e passa-se a conceber um bídialetismo de acréscimo, que não condena à periferia as demais variações da língua, centrando-se na adequação do contexto de produção dos textos-enunciados. É possível promover autonomia no educando, habilitando-o a agir com competência na sua arte enunciativa, sem aculturá-lo, sem calá-lo.

Por fim, (mas não esvaziando a caixa de Pandora) o quinto mito – “o sacerdócio pedagógico”; aquele que tem a missão de salvar o educando das trevas da ignorância e do futuro de degradação, “ajustando-o” para que se dê bem na vida. Denominado por Magda Soares (1988) de ideal da “Escola Redentora”, seu dever supremo de libertar o educando da sua marginalidade prevê a “louvável” tarefa corretiva de suas “deficiências linguísticas” como exercício de “inserção” social. Para cumprir tal empreitada, defende-se o emprego da educação compensatória, que objetiva a “correção” dos desvios do padrão médio das turmas (mais uma vez visando a homogeneização) e a substituição dos dialetos populares, pelo exclusivismo da norma padrão, que nada mais é do que uma prática de aculturação.

O que chama atenção neste mito é o contraste entre a nobreza das intenções e seu vil conteúdo ideológico. Cabe ressaltar, contudo, que boa parte dos professores não se dá conta dessa face hostil e empreende suas atividades laborais como se fossem “missões sacerdotais”. A frustração proveniente do fracasso do “sacerdócio pedagógico” leva muitos professores à desilusão com a carreira do Magistério e à adoção de uma postura de rendição, ao que Magda Soares (1988) chama de “Escola Impotente”; e vai além: “Mais que impotente, a escola nessa perspectiva, chega a ser

perversa, porque na verdade, colabora para a preservação [das] discriminações econômicas e sociais [...] (SOARES, 1998, p. 71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme citado anteriormente, os cinco mitos aqui destacados são pinceladas de um extenso arcabouço ideológico que constituiu e insiste em continuar traçando os horizontes das nossas escolas, apesar de bastante denunciado e amplamente confrontado.

Contudo, a práxis docente nos confronta e nos impulsiona. Em outras palavras, o verdadeiro professor não pode se satisfazer com sua formação inicial. Deve associar a sua jornada pedagógica às bases teóricas, revoltando-se com a injustiça e agindo para transformar a realidade dos “mundos” ao seu redor, de todos que conseguir alcançar.

Como consequência do choque inicial da prática pedagógica, cada professor define que atitude, qual escolha tomará: será mais um conformado com o sistema, alienado e alienando que está sob sua tutela, ou um revoltado com o sistema que ousa pensar “fora da caixa” e atreve-se a tentar caminhos alternativos.

O ato de desnudar as mazelas, de expor as feridas exige mais do que coragem. É preciso incorporar o senso ético da profissão para abandonar o utópico protagonismo epopeico e assumir o papel de coadjuvante da profissão de professor.

O sujeito professor deve professar esperança. A única virtude encontrada na caixa de Pandora, ou o que restou dentro dela, deve ser liberta. Se nos restar apenas esperança, será suficiente para reiniciar nossa caminhada quantas vezes for necessário, a fim de corrigir as distorções do nosso fazer pedagógico diário. Não somos perfeitos, dignos de uma fabulosa epopeia heroica, nunca seremos. Mas que a constatação da impossibilidade da excelência não seja subterfúgio para a acomodação, a alienação... Nas palavras de Paulo Freire:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! (FREIRE, 1992, p. 110-111).

É no embate com a realidade que o professor se forma ou se deforma. Depende de sua postura – reativa ou passiva – frente à demanda que se descortina a sua frente. É preciso informar-se, ter a coragem de duvidar das certezas e questionar as incertezas. Não há como ser professor sem professar esperança e sem recheiar a prática pedagógica com motivação, com concretude, com desafios tangíveis às singularidades de cada educando e regando tudo com boa dose de afeto. Aquele afeto altruísta, de sentar-se emocionalmente na carteira do aluno, perceber seus conflitos, mediar seu percurso. Eis a virtude do ser docente.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico** – o que é, como se faz. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. Heterogeneidade linguística e ensino da língua: o paradoxo da escola. In: _____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006.

CARBONI, F. *et al.* O Plurilinguismo na História do Brasil: considerações exploratórias. **Organon**, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 26 jun. 2017. Semestral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/72315>. Acesso em: 08 jul. 2021.

CAVALCANTI, M. C.; MAHER T. M. **Diferentes diferenças**: desafios interculturais na sala de aula. 1 ed. Campinas: CEFIEL/ IEL/ UNICAMP/ MEC, 2009.

COSTA-HÜBES, T. C. A Pesquisa em Ciências Humanas sob um viés bakhtiniano. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 9, p. 552-568, dez. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/issue/view/9>. Acesso em: 10 jul. 2021

DIANA, D. Caixa de Pandora. **Toda matéria**: Mitologia, c2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caixa-de-pandora/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LUCENA, M. I. P.; NASCIMENTO, A. M. Práticas (Trans)Comunicativas Contemporâneas: uma discussão sobre dois conceitos fundamentais. **Revista da Anpoll**, Campinas, v. 1, n. 40, p. 46-57, 28 jun. 2016. ANPOLL. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1014/0>. Acesso em: 11 jul 2021.

NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos ídolos**: como se filosofa com o martelo. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, P. C.; CARVALHO, P. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. **Paidéia, Ribeirão Preto**, v. 17, n. 37, p. 219-230, ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/wCTvB3PvYqXHvSYDnBSCq6F/?lang=pt&format=html>. Acesso em 20 jul. 2021.

RIBEIRO, S. B. C. Políticas Linguísticas e Ensino de Língua(s) de Fronteira na Escola. **Organon**, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 26 jun. 2017. Semestral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/72274>. Acesso em: 12 jul 2021.

SANTANA, E. Epopeia. **Educa mais Brasil**: Guia Enem, 2021. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/epopeia>. Acesso em 18 jul. 2021.

SANTOS, M. E. Portunhol Selvagem: translinguagens em cenário translíngue/transcultural de fronteira. **Gragoatá**, Niterói, p. 523-539, 13 jul. 2017. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - UFF. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33483>. Acesso em: 08 jul. 2021.

SOARES, M. **Linguagem e escola** – uma perspectiva social. 6 ed. São Paulo: Ática, 1988.

Capítulo 5
NARRATIVAS DAS MEMÓRIAS DO MUNDO DO
TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:
DA INVISIBILIDADE AO DESTAQUE

Shirlene Bemfica de Oliveira
Nathalia Emanuele Oliveira
Thaís Ellen Romualdo de Oliveira

NARRATIVAS DAS MEMÓRIAS DO MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: DA INVISIBILIDADE AO DESTAQUE

Shirlene Bemfica de Oliveira

Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG. Professora EBTT do IFMG – Campus Ouro Preto. E-mail: shirlene.o@ifmg.edu.br

Nathalia Emanuele Oliveira

Discente do Curso de Graduação em Geografia do IFMG - Campus Ouro Preto E-mail: nathalia.emanuele@hotmail.com

Thaís Ellen Romualdo de Oliveira

Discente do Curso de Graduação em Geografia do IFMG - Campus Ouro Preto E-mail: thaisellen1999@gmail.com

Resumo: Cada um de nós carrega dentro de si suas vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens. O que a memória grava, recalca, exclui, relembra é o resultado de um trabalho de organização, pois nossa memória é seletiva ao considerar o que é significativo ou não, e a seletividade resulta da relação entre o espaço e o tempo em que vivenciamos e que verbalizamos em nossas histórias. A história de cada um de nós contém a história de tempos, espaços, grupos aos quais pertencemos e das pessoas com as quais nos relacionamos. Nossas narrativas, que ouvimos e contamos, tem um papel intrínseco na humanidade e contribuem com a construção de culturas e reconstrução de identidades (GOMES Jr., 2020). As narrativas são dinâmicas, pois em reciprocidade, lançam a vida para dentro da própria história e isso alarga o campo de ação, além de trazer história para dentro da comunidade e extrair a história de dentro da comunidade (BUENO et al., 2006). Esta investigação tem como epicentro as pessoas, suas histórias, vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens do / no lócus do trabalho. A metodologia de coleta e análise de narrativas possibilita-nos observar, pela linguagem, algumas dimensões do mundo do trabalho em que os entrevistados vivem e como os sentidos são construídos por eles em relação a sua vida e a sua profissão. Além disso, nessa pesquisa, a sistematização da memória institucional, é vista como uma ferramenta de comunicação, de fortalecimento da marca e de potencial para o aprimoramento do relacionamento das instituições com seus públicos e com a sociedade (OLIVEIRA, 2019). Os dados deste estudo foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada com uma servidora da área de Gestão de Pessoas e os resultados apontam para uma ressignificação dos papéis desempenhados e atribuídos ao mundo

do trabalho no contexto escolar e tornam explícitas as percepções sobre o processo de constituição dos Institutos Federais e da Educação Profissional.

Palavras-chave: Narrativas. Memória. Análise textual.

Abstract: Each of us carries within himself his experiences, impressions, accompanied by his learning. What memory records, represses, excludes, remembers is the result of a work of organization, because our memory is selective when considering what is significant or not, and selectivity results from the relationship between space and time in which we experience and that we verbalize in our stories. The history of each of us contains the history of times, spaces, groups to which we belong and the people with whom we relate. Our narratives, which we hear and tell, have an intrinsic role in humanity and contribute to the construction of cultures and the reconstruction of identities (GOMES Jr., 2020). Narratives are dynamic, because in reciprocity, they throw life into the story itself and this broadens the field of action, in addition to bringing history into the community and extracting the story from within the community (BUENO et al., 2006). This investigation has as its epicenter people, their stories, experiences, impressions, accompanied by their learning from / in the locus of work. The methodology of collecting and analyzing narratives allows us to observe, through language, some dimensions of the world of work in which the interviewees live and how the meanings are constructed by them in relation to their life and their profession. In addition, in this research, the systematization of institutional memory is seen as a tool for communication, brand strengthening and potential for improving the relationship of institutions with their audiences and with society (OLIVEIRA, 2019). The data of this study were collected through a semi-structured interview with a servant of the People Management area and the results point to a resignification of the roles played and attributed to the world of work in the school context and make the perceptions about the process explicit. constitution of the Federal Institutes and The Professional Education.

Keywords: Narratives. Memory. Textual Analysis.

INTRODUÇÃO

O homem com sua racionalidade e criatividade estabelece uma relação com o trabalho que vai além de ser fonte de valor, mas que abarca seu caráter ativo, sócio-histórico-cultural e metafórico do ser, trabalhar e existir. Historicamente, a concepção de trabalho mudou com as transformações diversas advindas da globalização e essas modificações trouxeram ao debate o princípio educativo do trabalho como fonte de nossas narrativas e como fator fundante da humanidade (PERES, 2011; SANTOS, 2012).

A origem da palavra trabalho, segundo Peres (2011), vem do latim vulgar “tripalium”, que era um instrumento formado por três paus aguçados, com o qual os agricultores batiam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los, enfiá-los, etc. Esse conceito dos primeiros tempos do cristianismo, segundo Ribeiro e Léda (2004,

p. 76) nos informam que o trabalho tinha um caráter negativo, associado ao fardo e ao sacrifício. Ele representava o “castigo divino, punição, fardo, incômodo, carga, algo esgotante para quem o realiza”. Em outros tempos, a partir do Renascimento, o trabalho passa a ser entendido como fonte de identidade, auto-realização espaço de criação, crescimento pessoal, e de possibilidade de o homem construir a si mesmo e marcar sua existência no mundo, ou seja, como constituinte das representações e das identidades.

Nesse sentido, o trabalho é anterior à Educação, constituído historicamente por um processo de divisão das classes em que há parâmetros de Educação diferentes e que se constitui como categoria ontológica, que permite entender o que está por trás das relações trabalhistas, além do fenomênico. O trabalho é entendido como um instrumento transformador das relações sociais e da sua autorelação e autoregulação enquanto espécie, como ser genérico (SANTOS, 2012).

Se por um lado, a história do homem é a história do desenvolvimento crescente de suas possibilidades de trabalho, ela é ao mesmo tempo de uma crescente alienação. Para Marx (1988), o trabalho é que nos humaniza, pois ele conciliado à Educação se constitui como um processo cíclico e desenvolvimental, uma vez que sem o trabalho nossa espécie tende a desaparecer. Temos a limitação no enfrentamento da natureza, mas avançamos na interferência e na transformação dos meios naturais. Desta forma, para Peres (2011), o trabalho é a aplicação da energia do homem para o bem da humanidade, pois no trabalho, o homem é capaz de se qualificar e modificar a própria natureza, colocando-a a serviço de todos nós. No entanto, historicamente, com a divisão social do trabalho, com a criação de novas formas sociais, áreas e culturas sociais sofreram também uma desumanização no processo de relação com o trabalho, com a qualificação para o trabalho gerando alienação, discriminação, exclusão, exploração, etc.

Para Segnini (2000, p. 79), a qualificação para o trabalho é uma relação social (de classe, de gênero, de etnia, geracional), que vai muito além da escolaridade ou da formação profissional. Para a autora, essa relação se estabelece nos processos produtivos, no interior de uma sociedade regida pelo valor de troca e fortemente marcada por valores culturais que possibilitam a formação de preconceitos e desigualdades. Segnini (2000, p. 79) afirma que os conhecimentos construídos pelo trabalhador através de diferentes processos interativos e instituições sociais, tais como: a família, a escola, a empresa, etc. somados às suas habilidades, são também

aprendidos socialmente e acrescidos de suas características pessoais, de sua subjetividade, de sua visão de mundo, e constituem um conjunto de saberes e habilidades.

Dessa forma, entendemos que aprendemos no coletivo para organizar a produção da existência (manutenção) e desta forma se constitui o princípio educativo do trabalho. A escola, enquanto forma social é o espaço onde a Educação, entendida como um conceito amplo, possibilita o desenvolvimento de políticas e ações concretas que rompam definitivamente com o quadro de desigualdade social e econômica (SEGNINI, 2000).

Historicamente, a escola tem sido considerada um espaço formal de Educação, que visa possibilitar o acesso aos conhecimentos produzidos e organizados cientificamente e compartilhados ao longo do tempo (VIGOTSKY, 1998). Mas para, além disso, a escola é o lugar onde o sujeito se constitui, em termos sociais, físicos, emocionais e culturais. E se formos adentrar ao mundo dos que atuam no contexto escolar, além da constituição identitária, representações subjetivas do mundo e memórias são construídas. Essas memórias são constituídas na enunciação, e podem ser de natureza pedagógica, relacional positiva ou negativa, mítica, lúdica, socializadora e de transformador (AQUINO; ALBUQUERQUE, 2014). E nesse sentido, a preservação da memória daqueles que atuam na escola é um dos aspectos fundamentais da nossa sociedade. A memória daqueles que trabalham agrega valor, ajuda a ter sentimento de pertença e afeição aos espaços e pessoas que nos são caras e gera, por conseguinte, a ideia de tradição, importante na consolidação de uma dada instituição e de uma dada ideia (OLIVEIRA, 2019). Para o autor, a preservação da memória gera sentimento de pertença a um grupo, uma comunidade, e leva a que se adotem posturas e medidas que objetivam sua preservação e perpetuação para as gerações seguintes.

Diante do exposto, este estudo propõe uma interface entre as áreas de Educação e Linguística, para o entendimento das narrativas orais e/ou escritas de servidores de setores diversos, principalmente aqueles que estão nos bastidores do funcionamento da escola. A compreensão desses textos permite a tomada de consciência da trajetória histórica dessas pessoas enquanto indivíduos que se constituíram na coletividade institucional, das conquistas, dos desafios, das contradições e desigualdades na escola, sobretudo através do conhecimento do outro. Para este artigo, analisamos as narrativas construídas por uma das personagens que

estiveram envolvidas no processo histórico a partir do qual o Instituto Federal foi instituído, na tentativa de dar-lhe sentido, de modo a contribuir para a consolidação de um sentimento de unidade e pertencimento que é fundamental para o crescimento e longevidade das instituições.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho tem como base teórica os princípios educativos do trabalho e o papel da memória institucional na constituição da identidade do trabalhador. A seguir, serão discorridas algumas considerações envolvidas nessa base.

Sobre o Princípio educativo do trabalho

Há uma relação entre os processos educacionais e os processos produtivos. Esse princípio educativo do trabalho se dá na medida em que as transformações no mundo do trabalho fazem aumentar a presença da maquinaria em detrimento do trabalho humano (SANTOS, 2012). Num primeiro sentido, o trabalho é princípio educativo na medida em que determina pelo grau de desenvolvimento social atingido historicamente, o modo de ser da Educação em seu conjunto. Nesse sentido, aos modos de produção correspondem modos distintos de educar com uma correspondente forma dominante de Educação (FRIGOTTO, CIAVATTA E RAMOS, 2005, p. 31).

E num segundo sentido, o trabalho é princípio educativo na medida em que coloca exigências específicas que o processo educativo deve preencher, em vista da participação direta dos membros da sociedade no trabalho socialmente produtivo (FRIGOTTO, CIAVATTA E RAMOS, 2005, p. 31). Finalmente, o trabalho é princípio educativo à medida que determina a educação como modalidade específica e diferenciada de trabalho: o trabalho pedagógico (FRIGOTTO, CIAVATTA E RAMOS, 2005, p. 31).

Para Santos (2012), uma das vias do princípio pedagógico do trabalho é dada pela própria interface do trabalhador com seu objeto de trabalho, que elucida que o trabalhador mobiliza saberes todo o tempo e não de forma residual respondendo as lacunas do trabalho prescrito. Dessa forma, uma educação sincronizada com os interesses dos trabalhadores pode se constituir pelo e no trabalho, e, portanto, uma via que confronta o saberes investidos com implicações sociais, políticas e

econômicas para ultrapassar o que Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) denunciam como cidadão mínimo.

A Educação deve, nas palavras de Santos (2012), oferecer a apropriação da produção artística, cultural, científica e tecnológica do seu tempo. (...) a filosofia da práxis não busca manter os simplórios na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior (p.18).

Sobre a memória

Esta investigação aqui apresentada assume, no primeiro plano, a ideia de que o estudo das narrativas sobre o passado, no que diz respeito aos marcos temporais e as estruturas de pesquisa, é resultado de uma escolha (OLIVEIRA, 2019). Conforme Le Goff, estas escolhas acontecem seja “pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e das Humanidades”, ou por aqueles que se dedicam ao estudo do passado. Esta fala, de acordo com Oliveira (2019) nos sugere que o conhecimento dessas narrativas ou as histórias de vida, são subjetivas, pois aquilo que se depreende do passado é fruto de escolhas do narrador (LE GOFF, 1996, p. 535).

O trabalho proposto se insere no campo da análise do passado por meio das narrativas, do que resulta termos a oportunidade de entender o processo de criação dos institutos federais, de entender nuances da educação profissional e das relações estabelecidas pelos profissionais com os mundos do trabalho. Nestes termos, iremos nos valer dos conhecimentos das narrativas orais e escritas como fontes de pesquisa. A narrativa oral, em face à literatura pertinente ao tema, está na confluência de ser vista como uma técnica, uma disciplina e uma metodologia (FERREIRA, 2011, p. 177). Para Marieta Ferreira, a narrativa oral tem papel fundamental no seu trato enquanto metodologia, pois estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição e depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre o seu trabalho - funcionando como ponto entre teoria e prática (FERREIRA, 2011, p. 178).

Assim, o conjunto dos depoimentos levantados e analisados são encarados como textos narrativos, como acontecimentos discursivos e como tal passam pelo processo de discussão teórico-metodológico da Educação e da Linguística de forma interdisciplinar. Mesmo considerando a singularidade do depoimento, ele não deixa

de passar pela crítica documental. Isso porque a construção do depoimento é um processo subjetivo, que se liga a construção de uma memória sobre um lugar ou evento, do que pode resultar, mesmo que subjetivamente, um jugo de luz e sombra na exposição de determinados temas.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo se constitui em uma pesquisa narrativa com análises qualitativas de base discursiva. Ele foi desenvolvido em um instituto federal da região Sudeste com a participação de uma servidora técnico-administrativa do setor de gestão de pessoas (Flora), duas bolsistas da modalidade PIBIC e a pesquisadora. A seguir, serão explicitadas as características da natureza desta pesquisa, os instrumentos de geração de dados, bem como os critérios de análise.

Pesquisa Narrativa

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana (SAHAGOFF, 2015, p. 1). Segundo Clandinin e Connelly (2011), trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois tornam explícitos processos dinâmicos de viver e contar histórias, se reviver e de recontar histórias. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18). Para os autores, nesse tipo de pesquisa, os relatos são entendidos como formas e modos de vida que servem para interligar o processo de educação e de vivência:

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 27)

De acordo com Sahagoff (2015), as pesquisas narrativas tratam de conceitos, tais como os relatos de experiência, a interação entre o pessoal e o social, a relação entre tempo e espaço, a subjetividade dos indivíduos, que estão sempre em interação e sempre inseridas em um contexto social (SAHAGOFF, 2015, p. 3). Para a autora, esse conjunto de termos forma um espaço tridimensional para a investigação narrativa.

Este estudo tem como epicentro as narrativas de trabalhadores sobre seu local de atuação, sobre as condições pessoais apresentadas por meio dos sentimentos,

emoções verbalizadas, metáforas, desejos, reações, estéticas e disposição moral. A investigação se justifica, pois as condições sociais, atitudinais e emocionais dos participantes podem desvendar um processo de visibilidade e/ou invisibilidade que toca nas condições existenciais, e que podem exercer forças subjacentes e afetar as pessoas e os espaços de atuação do contexto dos indivíduos. Por meio das análises das narrativas, segundo Sahagoff (2015, p. 4), a experiência pode se desenvolver a partir de outras experiências e essas experiências podem levar a outras experiências, pois “a experiência acontece narrativamente”.

Pesquisa qualitativa

Esta pesquisa é qualitativa e são utilizados recursos para compreender as percepções e relações pessoais. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47-50), as análises qualitativas são descritivas, feitas de forma indutiva, têm foco no processo e no significado, com coleta de dados em ambiente natural. Os investigadores levam em consideração o contexto em que os participantes estão inseridos e suas características pessoais. Uma vantagem na utilização de análises qualitativas é a sua característica orgânica, como demonstrado por Nunan (1992, p. 80), pois, há interação entre perguntas/hipóteses e a coleta/interpretação dos dados. Davis (1995, p. 444), corrobora com Nunan (1992) e acrescenta que a partir desse processo cíclico de coleta de dados e análise, o estudo pode mudar de direção em termos das questões que estão sendo levantadas e das perspectivas teóricas trazidas para o estudo.

A escolha pela análise qualitativa e interpretativa neste estudo foi motivada pelo fato de este tipo de pesquisa buscar variações nas relações entre as formas de comportamento. Os significados construídos pelo grupo e a intenção acompanham os participantes no momento em que tratam de suas questões mais pessoais no que tange ao seu lugar no trabalho. Bogdan e Biklen (1994, p. 23), afirmam que, no estudo qualitativo, privilegia-se a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos participantes. E segundo Erickson (1986, p. 130), o trabalho do pesquisador, neste tipo de pesquisa, é o de combinar uma análise bem detalhada e bem próxima do comportamento e do significado da interação social do dia-a-dia com uma análise do contexto social mais amplo.

Instrumentos de geração de dados: entrevistas

Nesta pesquisa foram utilizadas entrevistas semiestruturadas em formato digital com o uso da plataforma *Google Meet*. Os participantes foram gravados em áudio e vídeo para discutirem suas experiências na instituição e tiveram a oportunidade de se posicionarem em relação ao seu papel na instituição.

Esses relatos em primeira pessoa da experiência de vida profissional foram documentados e analisados através de padrões discursivos recorrentes ou eventos salientes analisados de forma interpretativa. O momento introspectivo para reflexão e criação das narrativas orais foram construídos com base em perguntas abertas lidas com certa antecedência para que o participante pudesse pensar, refletir e expressar suas ideias, sentimentos, motivos, razões, processos e estados mentais em relação ao fazer laboral.

METODOLOGIA DE ANÁLISE:

Acontecimentos Discursivos

O trabalho de análise das histórias coletadas parte da seleção de recortes considerados como acontecimentos discursivos que, para serem compreendidos, requerem que se descrevam as suas condições de produção, que incluem o contexto histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do referente. Portanto, aquilo que passaremos a designar como acontecimento discurso significativo. Nesse sentido o

“discurso narrativo aparece como lugar privilegiado para elaboração da experiência pessoal, para a transformação do real em realidade, por meio de mecanismos linguísticos discursivos, e também para a inserção da subjetividade (entendida aqui, do ponto de vista discursivo), como um lugar que o sujeito pode ocupar para falar de si próprio, de suas experiências, conhecimento do mundo, ou, mais sucintamente, entendida com a forma pela qual o sujeito organiza sua simbolização particular”. (TFOUNI, 2005, p. 73-74)

Para Pêcheux (2006), o acontecimento discursivo se situa no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória e transita entre estrutura e acontecimento, para explicar a impossibilidade de completude compreensão dos enunciados, e que ocorre em meio a rupturas que o transformam a cada novo momento marcante da história ou da enunciação. No uso discursivo, segundo Mendes et al. (2020, p. 184), a possibilidade de se repetir e re-significar um enunciado se deve a sua existência numa estrutura vertical, ou seja, numa estrutura que pode ser a formação discursiva que afeta o sujeito ou o interdiscurso. Num nível horizontal, há a estrutura do

intradiscurso, que é a prática discursiva do sujeito, sua formulação imediata, é o ato de enunciar no presente.

Desta forma, enquanto a estrutura vertical garante a existência anterior do enunciado, a estrutura horizontal garante sua atualização, pois dá conta da formulação do enunciado na prática discursiva. Para os autores, a fala de um sujeito do discurso se dá justamente neste ponto de encontro entre estrutura vertical e estrutura horizontal, entre interdiscurso e intradiscurso. O intradiscurso se refere à formulação, às palavras em si, ou seja, à estrutura do discurso. Já o interdiscurso é a constituição do sentido do discurso (MENDES et al. (2020, p. 184). Este ponto é o onde a memória e a atualidade se encontram, portanto, é o local do acontecimento. É ali onde o enunciado é repetido, atualizado, rememorado ou re-significado.

Pêcheux (2006) coloca o acontecimento discursivo como ruptura da memória que seria eternizada através do interdiscurso, da estrutura vertical. Ele nasce, segundo o autor, do choque da atualidade com a memória que não produz repetição, mas sim re-significação. Além disso, o acontecimento discursivo pode provocar uma nova possibilidade para o enunciado produzir outros significados, entretanto, ele não apaga os significados anteriores. Ele instaura uma relação tensa com a memória que tenta adequá-lo na ordem da repetibilidade e com o discurso novo, que precisa re-significá-lo. A seguir serão apresentados alguns gestos de interpretação das narrativas da servidora participante.

Gestos de interpretação

Os resultados a seguir trazem recortes de uma entrevista semiestruturada feita no ano de 2021, por meio da plataforma *Google Meet*, com uma servidora técnica administrativa que atua no setor de Gestão de Pessoas em um Instituto Federal no estado de Minas Gerais. Ela escolheu ser chamada de Flora na entrevista que foi conduzida por uma das bolsistas da modalidade PIBIC. Os dados apresentados pela narrativa de Flora demonstram, por meio de suas histórias, que ela afirma, modifica, cria novas história e re-significa os papéis desempenhados e atribuídos aos seus mundos do trabalho no contexto investigado. Os excertos retirados da narrativa construída pela servidora trazem “sua presença, suas atividades, seus gostos e suas maneiras de agir e de ser” em seu ambiente laboral e trazem traços de sua relação com as pessoas (LE GOFF, 1990, p. 539-540). Para melhor apresentar os

resultados, organizamos os trechos em unidades de contexto que foram nomeados de acordo com os conteúdos dos acontecimentos discursivos.

Do fardo a auto-realização

A participante atua no setor de Gestão de Pessoas, se define como uma mulher, na casa dos cinquenta anos com mais de trinta anos de trabalho na instituição e que se prepara para o processo de aposentadoria.

Excerto 1:

Paula: Há quanto tempo que você trabalha no IFMG e qual é a função que você exerce hoje o Instituto Federal?

Flora: Então eu comecei a trabalhar na antiga Escola Técnica, em dezembro de 1991, há muitos anos atrás e hoje eu trabalho na Gestão de Pessoas, no setor de gestão de pessoas e gerencio /coordeno o setor de Gestão de Pessoas.

Paula: Flora, quando você entrou ainda era Escola Técnica?

Flora: Escola Técnica, isso foi em 1991, era Escola Técnica, porque passou para CEFET em 2002.

Paula: Você passou por Escola Técnica. CEFET e o Instituto, né?

Flora: Isso, passei pelo três períodos.

Flora aponta o espaço de trabalho em que atua há mais de trinta anos, que marca as diferentes configurações da Educação Profissional: Escola Técnica, CEFET e Instituto Federal, como um lugar de desenvolvimento e evolução. Os enunciados de Flora sobre o trabalho são atravessados por experiências pessoais e profissionais anteriores, que apontam para uma retrospectiva e um conflito entre a função do labor com caráter negativo de sobrecarga, fardo e esgotamento e consecutivamente com experiências positivas que contribuíram para a reconstrução identitária, a auto-realização pessoal e profissional (RIBEIRO; LEDÁ, 2004). Além disso, o discurso é marcado pela ação, pela flexibilidade e pela “aptidão de mudar de posto de trabalho para aprender e para controlar diversos segmentos dos processos produtivos” (BENKO, 1999, p. 235), como nos mostra o excerto 2:

Excerto 2

Paula: Conte-nos sua história

Flora: Então, na verdade eu era servidora efetiva no Estado, dava aula para o Estado, só que eu tinha dois cargos na época e o Estado você ter dois cargos efetivos no Estado é um desgaste muito grande, porque você fica o tempo todo por conta de lecionar. E aí, fiquei sabendo de um concurso que teria na escola técnica e eu já estava com casamento marcado para maio de 1992, como aquilo, os dois cargos estavam me tomando muito tempo e aí eu pensei em fazer esse concurso, aí eu fiz o concurso na antiga Escola Técnica, passei e me exonerei de um cargo no Estado e continuei o outro, aí depois eu vi que estava muito apertado e exonerei também o outro cargo também e continuei só na escola, porque nessa época também, antes de passar no concurso da Escola Técnica, eu trabalhava em uma pousada chamada Pousada do Mondego, tem até hoje em Ouro Preto, na pracinha de pedra a sabão, e eu trabalhava como coordenadora do setor de contábil. Então assim, eu trabalhava o dia inteiro, trabalhava de manhã, de tarde e de noite. Eu era solteira na época, então era minha vida e eu.

Então trabalhava o dia inteiro, e realmente aquilo estava me desgastando muito, então de início, fiquei na Escola Técnica, fui desfazendo, primeiro exonerei de um cargo, depois exonerei de outro e depois pedi demissão da pousada do Mondego e aí fiquei realmente só na escola técnica e com as coisas que gosto de fazer que é meu artesanato que faço a vida toda.

Paula: E você faz de artesanato também, não é?

Flora: eu tenho uma linha de banho natural, chamada Aroma e Sabor, faço essências aromáticas, sabonete de glicerina natural, sabonete líquido e sais de banho, eu gosto bem de fazer isso é um momento de relaxamento, nesta época de pandemia tá meio que parado, mas como eu estava pensando em me aposentar e depois da administração, eu já ia me aposentar, mas o diretor me pediu para trabalhar por mais quatro anos, aí desisti de quatro anos da minha aposentadoria, mas eu até construí o ateliê pra mim, tá prontinho, só falta fechar, colocar o fechamento da suíte, ficou lindo, aí agora eu vou aposentar daqui um tempo e ficar só no meu ateliê mesmo.

O enunciado *“você ter dois cargos efetivos no Estado é um desgaste muito grande, porque você fica o tempo todo por conta de lecionar”* parece nos informar que atuar nessa instituição como docente e em dois cargos representava uma experiência esgotante e de exaustão que lhe causava uma forma de frustração. Ele nos remete há um tempo no passado em que o labor é descrito como algo que ela não desejava fazer e que não havia um sentimento de satisfação ou prazer. A servidora nos informa que o artesanato atravessa toda a sua trajetória pessoal e profissional como o labor que lhe dá prazer e satisfação, conforme nos mostra o recorte discursivo *“eu gosto bem de fazer isso é um momento de relaxamento”*. Além disso, sua narrativa nesse excerto marca uma divisória temporal e espacial do antes e o depois do concurso em 1991; o antes e o depois do casamento em 1992. Por ser solteira, ela nos informa que se sentia disponível a trabalhar de manhã, de tarde e à noite sem se preocupar com outras atividades, *“então era minha vida e eu”*. Vida nesse sentido é sinônimo de trabalho. Mas, ela deixa clara sua insatisfação com o cansaço e esgotamento naquela fase. A partir do concurso, como veremos em outros enunciados, trabalhar após o concurso como servidora Federal lhe trouxe muita satisfação e auto-realização pessoal e profissional.

O terceiro excerto detalha mais sobre a trajetória da servidora nos três períodos da instituição, na forma como ela lida com seu aprimoramento e sua flexibilidade em assumir postos diversos.

Excerto 3

Flora: Olha, na verdade quando eu entrei, eu entrei na telefonia, para trabalhar como telefonista e logo depois que eu entrei teve um curso na escola sobre relações humanas, isso tem muitos anos, foi em 1993 e aí nesse curso de relações humanas as pessoas tinham momento que falavam sobre suas expectativas, do que elas queriam e eu me manifestei nesse curso e tudo, voltei a trabalhar normalmente só que a coordenadora do curso, professora do curso, foi assim uma coisa muito interessante, ela gostou da minha fala e aí ela comentou da minha fala, para na época com o diretor de gestão de pessoas, que na época era diretoria. Ela comentou da minha fala e na semana seguinte eles me

tiraram do setor de telefonia e eu passei a exercer a função de Secretária do conselho superior e passei a trabalhar no setor de gestão de pessoas, ai eles me levaram para lá. (pausa) E aí depois disso né, as administrações vão alterando, aí eu já trabalhei em praticamente todos os lugares da escola, eu trabalhei na gestão de pessoas por muitos anos, trabalhei na Diretoria de Ensino, trabalhei na Diretoria de Administração, já trabalhei no setor de Tecnologia da Informação há muitos anos atrás a gente publicava nas páginas da escola, trabalhei na Comunicação Social, trabalhei em quase todos os setores, trabalhei na DIPE, então assim eu trabalhei em quase todos os setores da escola, mas eu sempre rodo e volto para o setor de Gestão de Pessoas.

Esse excerto nos remete a fala Aristotélica sobre o prazer no trabalho que aperfeiçoa a obra. Nele, para Flora, o trabalho na instituição nos três períodos (Escola Técnica, CEFET e IF) está atrelado à obtenção e transmissão de conhecimentos, aperfeiçoamento e no exercício contínuo das virtudes, onde a sabedoria é a maior delas. Ela relata buscar a perfeição no que se faz com prazer, capacita-se para melhorar a cada dia, no trabalho e nas relações sociais estabelecidas naquele local.

Gestão de Pessoas: acolhimento

Flora nos informa que já trabalhou em quase todos os setores da escola, que aprendeu muito nesses contextos e explica porque se identifica com a Gestão de Pessoas. Essa identificação passa pelo afeto e pela relação de cuidado que estabelece com os outros nesse local, conforme mostra o excerto 4, a seguir.

Excerto 4

Flora: O que eu mais me identifico na gestão de pessoas eu acho que é o convívio, sabe? Com as pessoas e poder ajudar solucionar os problemas delas. (...) As pessoas vão lá desabafam contam os problemas delas e pedem ajuda para resolver problemas, sabe? É um setor bem peculiar e muitas vezes a gente não tem a capacidade de dar instrução para resolver aquele problema da pessoa, para conversar, direcionar. (...) então a gente faz isso do jeito que pode, da melhor forma possível, mas tem a instrução necessária para isso, mas eu gosto muito da gestão de pessoas, adoro é o setor que mais gosto que tem aqui na escola. Ainda bem que é o setor que mais gosto, mas eu vou dizer para vocês todos os outros setores que participei não foi perdido, então assim quando trabalhei na Diretoria de Pesquisa, Como que a gente aprende na DIPE, né? Nossa a gente aprende muito, aprendi tanta coisa que achava que nem existia e é muito bom. Então, eu acho que todo lugar que você trabalhou é um aprendizado, você só tem que acrescentar seu conhecimento e é sempre bom.

Esse enunciado de identificação se relaciona com o caráter pessoal e afetivo do trabalho na Gestão de Pessoas. Flora nos indica o papel do gestor de pessoas que, de acordo com Neves (2016, p. 56-58), cria vínculos, através do processo de escuta, e que traz humanização aos serviços. Segundo a autora, a habilidade em se perceber os graus de vulnerabilidade da pessoa e a sensibilidade em direcionar a demanda, caso necessite, também fazem parte de uma efetiva resposta ao servidor que procura a Gestão de Pessoas, que, normalmente, chega a este “lugar”

fragilizado. Flora reflete e se identifica sobre seu papel de atender essa demanda afetiva dos outros servidores. No entanto, o setor também apresenta desafios, como veremos a seguir.

Desafios: mudanças e conflitos

Flora menciona os desafios do setor de Gestão de pessoas e sua narrativa apresenta a resistência a mudanças por parte dos outros servidores e o conflito que vivencia em seguir a legislação e atender as demandas que lhe são apresentadas de forma acolhedora. No excerto 5 a seguir, ela narra o maior desafio:

Excerto 5

Flora: Eu acho que os desafios são as mudanças, a grande maioria das pessoas não estão satisfeitas, não estão preparadas para as mudanças, então qualquer mudança que você faz, geralmente ela é benéfica, né? Ela não é aceita no início, você custa quebrar o paradigma porque você quer mostrar para as pessoas que aquela alteração que você está fazendo naquele momento é para o benefício e geralmente é ligada a área de tecnologia. (...) Por exemplo, as T.Is⁸ agora, causaram uma grande resistência E assim as Tis, elas facilitam muito a vida da gente, porque você tem acesso ao seu processo, de casa você consegue ver tudo que está acontecendo com o seu processo, você não precisa mais ir mais na GGP⁹ e pedir a pastinha do seu processo. E, no entanto, apesar dessa facilidade o povo teve resistência. Eu acho que tudo que é ligado à tecnologia e a mudança é um desafio para a gente superar isso.

Excerto 6

(...) E você solucionar os problemas da melhor forma possível, que os servidores entendam que aquilo que você está fazendo, que você não tá pretendendo prejudicar ele, que é a melhor forma de fazer e que às vezes você até prejudica o outro servidor, mas você tem uma legislação a seguir. Assim, justiça e legislação não andam juntas, que às vezes é uma coisa muito injusta, mas é legal. E você tem que seguir aquilo que é legal, porque seu CPF tá ali, porque a CGU está ali, então você tem que seguir a legislação mesmo que aquilo não beneficie o servidor.

No excerto 5, Flora nos apresenta o desafio em mostrar para o servidor que mudanças e quebra de paradigmas são necessários e que as mudanças não passam somente no nível individual, e sim em prol da coletividade. Ela nos apresenta uma prática que valoriza os vínculos construídos no afeto e as soluções permeiam o cuidado coletivo, pela cooperação e pelo diálogo. O acolhimento da Gestão de Pessoas, para Flora, no nosso entendimento, “não é um espaço ou um local”, mas posturas éticas que ela assume para a solução dos problemas por meio do “compartilhamento de saberes, angústias e invenções, tomando para si a responsabilidade de abrigar e agasalhar outrem em suas demandas” (Neves, 2016,

⁸ TI: Tecnologias da informação é um conjunto de todas as atividades e soluções providas por recursos de computação que visam a produção, o armazenamento, a transmissão, o acesso, a segurança e o uso das informações (FOINA, 2001).

⁹ GGP: Gerência de Gestão de Pessoas.

p. 56-58). E esse desafio gera um conflito subjetivo, mostrado no excerto 6, em que Flora quer atender as demandas dos servidores de forma ética e acolhedora, mas ao mesmo tempo responsável por ter que seguir uma legislação que nem sempre é justa aos olhos dos servidores.

O encerramento da narrativa de Flora é marcado pelo sentimento de dever cumprido, zelo pelo trabalho e desejo de aprendizado. Ela relata aspectos positivos em toda sua trajetória profissional no Instituto Federal que é atravessado por desafios, como mostra o próximo trecho da narrativa:

Excerto 7:

Flora: Meu sentimento, é o de dever cumprido, sabe? eu acho que me dediquei bem, trabalhei bem e poderia ter feito coisas melhores, que a gente nunca atinge o máximo da gente, poderia ter aprendido mais, né? Se eu tivesse passado por outros setores ainda poderia ter aprendido mais do que aprendi, mas para mim foi muito bom, eu não tenho o que reclamar, nesses três momentos de Escola Técnica, CEFET e IFMG, assim a gente passou por muita coisa difícil, mas para mim foi muito tranquilo, vou me aposentar com muita tranquilidade.

Os advérbios de modo e de intensidade estão presentes ao longo da narrativa demonstrando o gosto pelo trabalho que desempenhou no Instituto Federal que é descrito como o lugar de 'muito' aprendizado, o lugar do 'bem', do 'mais' e do 'melhor'.

Considerações Finais

Essa primeira análise da trajetória de trabalho de uma das servidoras da Instituição permitiu observar algumas dimensões dos mundos do trabalho e como os sentidos são construídos e re-segnificados por ela em relação a sua vida e a sua profissão. A produção de sentidos desencadeada pela reflexão sobre a trajetória de trabalho da servidora parece ter favorecido para a tomada de consciência e ampliação de seu poder de ação sobre sua realidade. Esse processo pôde ser percebido por meio das conexões tecidas entre as atividades de trabalho e na apropriação e internalização das experiências vividas dentro de um contexto histórico-cultural. Além disso, este estudo valida a riqueza da pesquisa narrativa que proporciona aos participantes um contato com sua subjetividade e a reflexão sobre a atividade laboral num viés que considera questões de ética e de alteridade. Igualmente, a pesquisa narrativa se apresenta como um desafio ao pesquisador, aquele de estar conectado ao processo, envolvendo a ação de ouvir, respeitar e

tecer gestos de interpretação das falas dos participantes, levando em consideração toda singularidade abarcada em cada história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Fabíola de Sousa Braz; ALBUQUERQUE, Jéssica Andrade. O que pensam as crianças sobre a escola? Uma análise de relatos e desenhos infantis. In: GUZZO, Raquel Souza Lobo (Org), *Psicologia escolar: Desafios e bastidores na Educação Pública*. Campinas: Alínea, 2014, p. 55-83.

BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradutores: ALVAREZ, M. J. SANTOS, S. B. BAPTISTA, T. M. Portugal: Porto Editora, 1994.

BUENO, Belmira Oliveira, CHAMLIAM, Helena Coharik; SOUSA, Cintia Pereira de, CATANI, Denice Barbara. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 32, n. 2, 2006, p. 385-410.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

DAVIS, Kathrin. A. Qualitative Theory and Methods in Applied Linguistics Research. *Tesol Quartely*. v.9, n.3, Autumn, p. 427-453,1995.

ERICKSON, Frederick. Qualitative Methods in Research on Teaching. In: M. C. Witrock. (eds) *Handbook of Research on Teaching*. New York: MacMillan Publishing Company, 1986, p. 119-161.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (Orgs.) *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

FOINA, Paulo Rogério. *Tecnologia de informação: planejamento e gestão / Paulo Rogério Foina*. - São Paulo: Atlas, 2001.

GOMES JUNIOR, Ronaldo Corrêa. *Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. (organizador). São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 243p.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. (Org.) *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Livro I. Tomo I. (Coleção Os Economistas).

MENDES, Conrado Moreira; SOUZA, Jocysare; SILVA, Sueli Maria Ramos da. A noção de acontecimento à luz da Análise do Discurso, da Semântica do Acontecimento e da Semiótica Tensiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 20, n. 1, p. 179-195, jan./abr. 2020.

NEVES, Gisele Baeta. *Qualidade de vida no trabalho e o acolhimento como intervenção*. Dissertação (Mestrado em Docência e Gestão em Educação, Programa de especialização em Administração Escolar) – Universidade Fernando Pessoa, Porto - Portugal, 2016. 120p.

NUNAN, David. *Research Methods in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, Pablo Menezes e. *Projeto submetido a Pró Reitoria de Extensão do IFMG para a construção do centro de memória institucional*, 2019. (Trabalho não publicado)

PERES, Angelo. *O Homem, O Trabalho e o Mundo do Trabalho*. Administradores.com. Julho de 2011. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/o-homem-o-trabalho-e-o-mundo-do-trabalho> Acesso em 28/04/2019.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 17.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; LÉDA, Denise Bessa. O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. *Estudos e pesquisas em psicologia*. v.4, n.2, p. 76-83. Rio de Janeiro: dez. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000300006#. Acesso em 28/03/2022.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia: para compreender a experiência humana. *Anais... XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq*. Centro Universitário Ritter dos Reis. 19 a 23 de outubro de 2015.

SANTOS, Geraldo Marcio Alves. Pedagogia do trabalho e inteligência operária: contribuições na perspectiva da produção associada. *Revista Trabalho Necessário*, v. 10, n. 15, 2012, p. 1-24. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.10i15.p6863>

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. *Educação e Trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente*. São Paulo Perspec. v.14, n. 2, São Paulo, 2000.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Capítulo 6
ANGLICISMOS NA MODA E NO SETOR
ALIMENTÍCIO: REFLEXOS DE
TRANSFORMAÇÕES NA REALIDADE SOCIAL

Clarice Cristina Corbari
Raquel Terezinha Ratajczyk
Daniel Seidel Ruppenthal

ANGLICISMOS NA MODA E NO SETOR ALIMENTÍCIO: REFLEXOS DE TRANSFORMAÇÕES NA REALIDADE SOCIAL

Clarice Cristina Corbari

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: ccorbari@yahoo.com.br.

Raquel Terezinha Ratajczyk

Graduanda em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon. Pesquisadora de Iniciação Científica Voluntária. E-mail: raquelratajczyk28@gmail.com.

Daniel Seidel Ruppenthal

Graduando em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon. Pesquisador de Iniciação Científica Voluntária. E-mail: avengerplay1@gmail.com.

Resumo

Este estudo apresenta alguns resultados de pesquisa bibliográfica sobre o uso de anglicismos na linguagem da moda e do setor alimentício no contexto da pandemia da Covid-19. A partir de revisão de literatura sobre empréstimos e estrangeirismos e sobre as possíveis motivações para o uso desses termos, e guiados por uma contextualização dos setores em foco, expomos resultados de análise de dois textos, um de cada área, publicados em sítios especializados na internet. A partir do mapeamento de termos em língua inglesa nesses textos, discutimos, com base na categorização proposta de Corbari e Salvini (2020), os possíveis motivos para a adoção de anglicismos nessas áreas, mesmo em casos em que existem termos correspondentes na língua adotante. Os resultados da análise indicam diversas motivações possíveis para o uso de anglicismos. Foram identificados anglicismos emergentes a partir dos impactos da pandemia de Covid-19 na sociedade e, conseqüentemente, nessas áreas, que foram significativamente afetadas pelas medidas sanitárias de prevenção da Covid-19, especialmente o isolamento social. Concluímos que o surgimento de anglicismos pode refletir mudanças na realidade social e, conseqüentemente, nos usos da língua.

Palavras-chave: Léxico. Anglicismos. Moda. Setor alimentício.

Abstract

This study presents some results of bibliographic research on the use of anglicisms in the language of fashion and food industry in the context of the Covid-19 pandemic. Based on literature review on borrowings and foreign words and on the possible motivations for their use, and guided by a contextualization of the mentioned sectors, we present results of analysis of two texts, one in each area, published on specialized websites. After surveying the English words in the texts, we discuss, based on the categorization proposed by Corbari and Salvini (2020), the possible reasons for adopting anglicisms in these areas, even in cases where corresponding terms exist in the adopting language. The results of the analysis indicate several possible motivations for the use of anglicisms. We identified anglicisms emerging from the impacts of the Covid-19 pandemic on society and, consequently, on these areas, which were significantly affected by the preventative measures for Covid-19, especially social isolation. We conclude that the emergence of anglicisms may reflect changes in the social reality and, consequently, in language use.

Keywords: Lexicon. Anglicisms. Fashion industry. Food industry.

INTRODUÇÃO

Neste texto, objetivamos, a partir de recortes de pesquisas de Iniciação Científica Voluntária (ICV), tecer algumas reflexões sobre o uso de termos em língua inglesa na linguagem da moda e do setor alimentício, em textos publicados na internet no contexto da pandemia da Covid-19. Partimos do pressuposto de que a língua é um fenômeno social (SCHMITT, 2010, p. 10) e, conseqüentemente, “constrói e é construída pelos modos como entendemos a nós mesmos, nosso ambiente social, nossas histórias e possibilidades de futuro” (TOOHEY, 2004 *apud* ASSIS-PETERSON, 2008, p. 324). Isso equivale a dizer que a língua é um fenômeno social em constante mudança e os falantes a moldam de acordo com as necessidades comunicativas.

Além de neologismos, outra prática recorrente na língua para incorporar novos vocábulos é a adoção ou importação de termos de outras línguas, resultante das trocas linguísticas, frequentemente assimétricas, entre povos (FARACO, 2001; CRYSTAL, 2003; GOIS, 2008). Esse fenômeno

[...] reflete, em certa medida, a extensão da predisposição de um povo em se relacionar com pessoas de outros países e realizar intercâmbios culturais. Uma vez que o falante precise de um termo importado, por não encontrar no léxico de sua língua um equivalente satisfatório, o estrangeirismo se faz necessário. Ele representa, assim, a mesclagem cultural entre povos de origens diferentes bem como uma troca de influências (SANTA MARIA, 2017, p. 23).

Conforme esse autor, “quando um idioma não apresenta, em seu léxico, um termo que se faz necessário à comunicação e à interação entre falantes, o enunciador se coloca em busca de uma construção linguística que o satisfaça” (SANTA MARIA, 2017, p. 19), que pode ocorrer por meio da criação de novos termos na própria língua ou da recorrência de termos de outras línguas. Pelo fato de os empréstimos e estrangeirismos, assim como ocorre com os neologismos, serem convocados para nomear novas realidades, entendemos que eles são capazes de refletir mudanças que ocorrem na realidade social.

Faraco (2001) e Gois (2008) apontam que o inglês está no topo do *ranking* de línguas fornecedoras de empréstimos, e os estrangeirismos provenientes do inglês norte-americano são os mais presentes. As razões podem ser as mais diversas, todas relacionadas entre si: prestígio da língua, hegemonia econômica e cultural do país, monopólio tecnológico, entre outras.

Em vista desse contexto, neste texto, primeiramente, apresentamos a fundamentação teórica, em que discutimos as noções de empréstimos e estrangeirismos e as possíveis motivações para a adoção ou importação de termos estrangeiros. Em segundo lugar, para contextualizar as áreas em que as pesquisas se concentraram, tecemos algumas reflexões sobre a moda como reflexo do comportamento social e sobre as mudanças que atingiram o setor alimentício durante a pandemia de Covid-19. Posteriormente descrevemos a metodologia da pesquisa. Na sequência, apresentamos o resultado do mapeamento de anglicismos em dois textos, um de cada área, e refletimos sobre seus usos no contexto pandêmico. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Empréstimos e estrangeirismos

De acordo com Faraco (2001), o contato interlinguístico, com dinâmica propícia à interculturalidade, é um evento recorrente na história. As razões para a adoção de termos de outras línguas podem estar relacionadas ao poderio militar ou religioso e ao monopólio cultural, econômico e tecnológico do país da língua provedora. Nesse sentido, as trocas linguísticas podem ser de cunho íntimo ou cultural: no primeiro caso,

resultam da convivência geográfica simultânea, isto é, do contato direto entre povos e línguas distantes, a exemplo do que ocorreu no português, na Idade Média, quando recebeu influências do árabe devido à invasão da Península Ibérica pelos mouros; no segundo caso, resultam da influência distante entre povos, estabelecida especialmente no âmbito cultural, e não por proximidade (FARACO, 2001).

Na contemporaneidade, a adoção de termos estrangeiros tem principalmente origem cultural. Gois (2008), entre muitos outros autores, atribui à globalização a responsabilidade pelo crescente volume de estrangeirismos nas línguas adotantes, pois a conectividade proporcionada pela tecnologia ignora as limitações físicas e facilita o acesso frequente e intensificado a outras línguas. Por exemplo, o português brasileiro recebe constantes influências do inglês norte-americano em virtude da troca cultural, de caráter assimétrico, existente entre o Brasil e os Estados Unidos.

O processo pelo qual as palavras estrangeiras são integradas ao léxico das línguas adotantes não ocorre sempre da mesma forma. Conforme Faraco,

Algumas, por exemplo, acabam por ser incorporadas diretamente [...], sendo submetidas aos ajustes fonológicos e morfológicos determinados pela gramática receptora (podendo ou não receber forma gráfica nativizada, como *uísque* e *show*, respectivamente); outras são substituídas por decalques de forma, i.e., traduções diretas das palavras ou expressões (como *centroavante* do inglês *center-forward*; [...] ou por decalques de significação (os chamados *loan-shifts*), pelos quais uma palavra nativa adquire um significado por empréstimo (como o uso – principalmente na linguagem acadêmica – de *assumir* com o sentido de “pressupor”, por influência do verbo inglês *assume*) (FARACO, 2001, p. 133).

Para designar tais processos, usam-se os termos *empréstimo* e *estrangeirismo*, que alguns autores utilizam como sinônimos. Contudo, com base em Faraco (2001) e Garcez e Zilles (2004), consideramos estrangeirismos as palavras provenientes da língua A que são utilizadas na língua B, sem adaptações gráficas ou fonológicas, o que confere certo caráter alienígena aos empréstimos. Os empréstimos linguísticos propriamente ditos, por sua vez, estariam no “último estágio na incorporação do estrangeirismo ao sistema da língua que o toma emprestado” (OLIVEIRA, 2010 *apud* SCHMITT, 2010, p. 3), isto é, são palavras e expressões idiomáticas que passaram pelo processo de adaptação ortográfica e fonológica para o português antes de serem consideradas parte do léxico. Em decorrência disso, os empréstimos linguísticos podem ser caracterizados por sua maior dificuldade de identificação como um termo

oriundo de outra língua, tanto em razão de sua adaptação fonológica e morfológica por parte da língua adotante em relação à língua provedora quanto em virtude de seu uso, por vezes prolongado, pelos falantes, que garante sua permanência no léxico. Conforme Bagno (2004, p. 80), muitas palavras que “soam perfeitamente naturais para um falante de português” são estrangeirismos que se adaptaram à língua de chegada, em um lento processo de aportuguesamento, mesclaram-se ao vocabulário e não são vistas como termos importados em uma primeira análise.

Os estrangeirismos assumem designação específica conforme sua origem. Assim, o termo *anglicismo* refere-se à introdução, na língua adotante, de termos ou expressões oriundas da língua inglesa, tendo em vista que, na atualidade, graças ao fenômeno da globalização, esse idioma se tornou um grande fornecedor de itens lexicais (RAJAGOPALAN, 2004 *apud* SCHMITT, 2010). A presença de anglicismos é um fato evidenciado nos textos ou discursos orais e escritos que circulam socialmente, incluindo os das áreas da moda e da alimentação, conforme veremos adiante.

Possíveis motivações para o uso de termos estrangeiros

Diversos autores (FARACO, 2001; VALADARES, 2014; SANTA MARIA, 2017, entre outros) apontam que a incorporação de termos provenientes de outros idiomas geralmente é fruto da necessidade de nomear novas atividades e novos objetos na cultura que absorve o empréstimo. Valadares (2014, p. 111) explica que essas palavras são “[...] tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade conceitual, de ordem tecnológica, ou para a expressão de elementos socioculturais, referentes às trocas de ordem linguístico-cultural entre comunidades falantes de idiomas diversos”.

Conforme Santa Maria (2017), a função dos anglicismos, da mesma forma que os neologismos, é suprir necessidades comunicativas e interacionais, e seu uso é motivado pelos fatores economia – isto é, a propriedade do termo de ser sintético – e sentido – ou seja, a capacidade de veicular todo o feixe de significados envolvido no conceito. Para exemplificar, o autor menciona o termo *benchmark*, usado na área da administração, que significa o processo de busca de estratégias, produtos ou resultados de empresas concorrentes ou que demonstram as melhores práticas:

É possível atribuir a motivação para o uso aos atratores economia e sentido, uma vez que não existe, na Língua Portuguesa, uma palavra que consiga carregar sozinha toda a carga semântica que o termo *benchmark* possui. Hipoteticamente, se os autores dos exemplos quisessem evitar o uso desse anglicismo, teriam de, obrigatoriamente, construir uma frase para explicar o processo ao qual *benchmark* se refere (SANTA MARIA, 2017, p. 87).

Esse autor frisa que, além do uso para preenchimento de lacunas linguísticas, há anglicismos utilizados para veicular significados tecnicamente já existentes na língua. As pesquisas de Iniciação Científica Voluntária desenvolvidas por Ratajczyk e por Ruppenthal (vejam-se RATAJCZYK; CORBARI, 2021; RUPPENTHAL; CORBARI, 2021) mostram alguns exemplos: no caso da moda, termos como *street style* (estilo de rua), *T-shirts* (camisetas) e *effortless chic* (chique sem esforço), e no caso do setor alimentício, termos como *fast food* (comida rápida) e *snacks* (lanches) poderiam ser preteridos em favor dos termos correspondentes em português.

Alguns autores defendem que o uso de termos estrangeiros ultrapassa a questão meramente linguística e relaciona-se a questões de identidade nacional, poder e colonialismo (FAWCETT, 1997 *apud* BRANCO, 2011). De acordo com Branco (2011), é preciso vislumbrar a adoção dos termos estrangeiros na perspectiva de uma visão do poder entre “centro” e “periferia”, em que, “[...] sob o rótulo de ‘neutralidade’, por exemplo, ou de ‘terminologia de área tecnológica’, o uso de empréstimos linguísticos acaba por reavivar o imperialismo cultural disfarçado de globalização em países subordinados, como o Brasil” (BRANCO, 2011, p. 243). Ressaltamos que a discussão empreendida neste estudo centra-se mais no aspecto linguístico, ainda que não se desconsiderem as relações de poder envolvidas nas trocas ou, mais propriamente, importações lexicais.

Corbari e Salvini (2020), em estudo sobre os anglicismos no jargão corporativo, observaram que as motivações para o uso desses termos podem estar ligadas aos seguintes fatores: necessidade de nomear um objeto ou conceito para o qual inexistente termo equivalente no português; capacidade de síntese do anglicismo, em comparação com sua tradução ou seu correspondente em português; dificuldade de tradução fiel sem prejuízo para o sentido; tradição ou preferência (por exemplo, para atribuir certo “valor” ou “glamour” ao objeto nomeado). Esses fatores podem, inclusive, associar-se, a depender do caso.

A busca de identificação com culturas consideradas superiores é atemporal e global, pois “as classes dominantes e emergentes sempre buscaram um ‘padrão de excelência’ exterior para imitar” (BAGNO, 2004, p. 58). Em especial, o brasileiro, conforme Gois (2008), costuma identificar no estadunidense um padrão de vida que deseja ter para si e atribui também à língua desse povo uma valoração positiva; dessa maneira, tenta aderir à identidade cultural do outro mais bem-sucedido e credita àquela cultura o domínio dos avanços tecnológicos e, conseqüentemente, a detenção dos mais complexos termos para diversos conceitos daí emergentes. Nessa busca por identificação, o falante do português brasileiro, por vezes, prefere termos em inglês a palavras equivalentes da própria língua materna, o que conferiria, na percepção do falante, certa distinção e prestígio ao objeto da nomeação. Esse “comportamento coletivo permite às diversas áreas sociais e econômicas a exploração desse desejo como forma de imposição de determinados produtos, como é o caso da moda” (GOIS, 2008, p. 5), como veremos adiante. Na prática, é possível inferir que produtos nacionais que utilizam em sua marca ou em seu *marketing* termos em inglês podem receber maior destaque e indicar qualidade superior, somente pelo fato de “falarem inglês”.

Importa destacar que o uso de estrangeirismos na língua vernácula é frequentemente alvo de julgamento dos “puristas”, ou seja, daqueles que rejeitam qualquer interferência ou mudança na língua. Contudo, Valadares (2014) explica que essas interferências linguísticas tornam a língua mais rica e não a contaminam, pois as experiências culturais e sociais contidas na palavra importada agregam mais valor à comunidade linguística que a recebe. Segundo esse autor, os empréstimos são necessários para a modernização de uma língua e são de escolha dos falantes que os importam, ou seja, não são impositivos e estão sempre sujeitos a substituições.

Para Bagno (2004, p. 53), “querer indiciar e punir quem se servir de expressões estrangeiras é de uma profunda violência”. O autor lembra que os brasileiros, em especial, já foram violentados idiomáticamente quando tiveram de abandonar a língua geral e adotar o português de Portugal “a ferro e fogo”, por lei imposta em 1757 pelo Marquês de Pombal. Outro exemplo, mais recente, foi o polêmico Projeto de Lei n. 1676/1999, de Aldo Rebelo, que determinava a restrição do uso de estrangeirismos. Talvez a atitude mais sensata seria evitar tanto a permissividade exagerada quanto o protecionismo linguístico. Caberia ao falante, então, e não aos legisladores e “guardiões” da língua, ter senso crítico no uso dos estrangeirismos.

UM BREVE OLHAR PARA OS SETORES DA MODA E DA ALIMENTAÇÃO

A moda como reflexo das mudanças sociais

A moda, conforme Eco *et al.* (1989 *apud* NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016), é um fator essencial para as transformações socioculturais da sociedade e, apesar de ser vista por alguns como efêmera, “faz parte de um processo que se articula no tempo, composta pelas diversas modas que se sucedem” (MUZZARELLI; RIELLO; BRANDI, 2010, p. 1 *apud* ORSI, 2015, p. 1).

Nascimento e Ropelatto (2015), ao discutirem sobre a moda em momentos críticos do século XX, mostram como essa área reflete as transformações sociais. Na passagem do século XIX para o XX, as influências da *Belle Époque* pairavam na sociedade, e a moda, especialmente no nicho da alta-costura, refletiu os desejos das classes altas na busca por ostentação através de artigos personalizados, com tecidos nobres, raros e permeados de detalhes (MOUTINHO, 2008 *apud* NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016). Posteriormente, a moda acompanhou o desejo de mudanças, pela insatisfação generalizada da população contra os excessos da alta sociedade, e as roupas se tornaram mais utilitárias e democráticas.

Sobre o período da iminência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Nascimento e Ropelatto (2016) pontuam que, embora os acontecimentos nessa área tivessem rareado, houve mudanças: a mulher, principalmente, largou “sua maneira frívola de levar a vida” (MOUTINHO, 2000, p. 66 *apud* NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016, p. 232) e foi inserida no mercado de trabalho, e seus trajes foram adaptados com base em vestimentas masculinas. Os autores, com base em Frings (2012 *apud* NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016), pontuam que a democratização da moda foi uma das consequências da redução de custos na produção têxtil, pois faltava mão de obra e materiais, e a roupa foi simplificada. Ainda no período da Primeira Guerra Mundial, o vestuário foi mais bem desenvolvido com apoio das tecnologias da guerra, e também ganhou referências militares e traços provocativos em roupas femininas, pois isso “impulsionava os índices de natalidade, compensando a perda da população em guerra” (NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016, p. 232).

Apesar das adequações, até então a alta-costura havia conseguido manter-se funcionando, e somente sentiu-se abalada na crise de 1929 e na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesse período, faltavam materiais e havia racionamento de

peças, de forma que cada cidadão recebia uma quantidade limitada de cupons para comprar peças. Findada a guerra, permaneceu o utilitarismo na moda e alargou-se a produção, agora “em massa”, culminando na criação do *fast fashion* (LAVIER, 1989 *apud* NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016) para um consumidor que privilegiava o mais barato.

Com a chegada do século XXI, “as identidades individuais e sociais continuam obscuras, com a moda representando subversão para ambos os gêneros” (QUEIROS, 2004 *apud* NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016, p. 236), em virtude de diversos movimentos, que se refletiram em diferentes estéticas, tais como a minimalista, a *grunge* (combinação dos movimentos *hippie* e *punk*) e a de apelo ecológico. Nesse sentido, assim como a língua, a moda

sofre, comunica, escandaliza, protesta e encontra novos meios para seguir em frente, mesmo que, para isso, precise se reinventar com poucos recursos, com a máxima funcionalidade e em um pequeno espaço de tempo. Neste sentido, a mesma moda que serve para ostentar os valores e a grandeza de uma época, tem a função de suportar a crise e os tempos incertos de outra (NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016, p. 230).

Na atualidade, ao iniciar a terceira década do século XXI, a moda se vê diante da necessidade de se adaptar ao contexto da pandemia da Covid-19. De acordo com Ivo (2020), com alguns fatores similares ao que aconteceu nas grandes guerras, a população se vê empobrecida, sem poder de compra e socialmente vulnerável, tendo o *fast fashion* como principal aliado no que diz respeito ao vestir-se. Além disso, em um contexto isolamento domiciliar e uso extensivo da tecnologia, as peças são escolhidas por seu conforto, e os desfiles tomam espaço nas mídias digitais. Todo esse cenário favorece o surgimento de termos relacionados a essa nova realidade, incluindo os anglicismos.

Moda e língua se assemelham no sentido de que ambas são formas de expressão. Barthes (2006 *apud* ORSI, 2015) evidencia que a diferença entre essas dimensões está na volatilidade: enquanto a língua encara os fenômenos com um olhar receoso e suas mudanças são vagarosas, a moda tem uma imediata resposta ao ambiente em que se insere e é capaz de despontar de padrões pré-concebidos, apresentando mudanças a curto prazo. Dessa maneira, a moda pode ser “usada como instrumento social para afirmar o *status* econômico e o próprio papel na sociedade”

(ORSI, 2015, p. 2). Espelhando as mudanças constantes e com um consumidor cada vez mais globalizado, o léxico da moda tende a “apelar” aos estrangeirismos, especialmente anglicismos, como elemento atrator. Assis-Peterson (2008, p. 329) constata a existência de um “apelo esnobe”, em que o inglês exerce grande atração, por força da mídia, da indústria, da tecnologia, isto é, incorpora mais relações de poder em sua utilização do que propriamente trocas linguísticas para suprir demandas. Segundo Hermann Paul (1970 *apud* FARACO, 2001), existe uma necessidade identitária vinculada ao câmbio de termos provenientes de culturas supostamente mais prestigiadas. A essa motivação, baseada no desejo de glamurização do produto ou serviço por meio da adoção de anglicismos, pode-se agregar outros fatores já mencionados (como o critério de economia e sentido, por exemplo), como podemos ver mais adiante, na análise.

Reações do setor alimentício no contexto da pandemia da Covid-19

A emergência da pandemia da Covid-19, decretada em março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), representou muitas alterações na vida das pessoas, em virtude da necessidade de adoção de medidas sanitárias, incluindo isolamento social e/ou restrição de contato social. Nas empresas do setor alimentício, especialmente restaurantes, bares, lanchonetes e feiras de rua, houve necessidade de fechamento do comércio ou uso de alternativas viáveis para atendimento ao público, em respeito às normas de segurança sanitária. Esse contexto acarretou diversos impactos (positivos e negativos) nas empresas desse segmento, entre os quais podemos citar: a) mudanças no processo de produção, a partir da necessidade de reforçar medidas de higiene e de evitar aglomeração dos funcionários; b) queda no faturamento por parte de alguns estabelecimentos, devido ao isolamento social e à consequente diminuição da alimentação fora de casa; c) crescimento do comércio eletrônico, com a venda de alimentos para entrega em domicílio; d) a valorização do comércio local, com a preferência dos consumidores por estabelecimentos situados mais próximos de suas casas. Nesse contexto, novos conceitos surgiram, muitos dos quais foram nomeados com termos da língua inglesa.

No Brasil, no ramo da alimentação, circulam muitos anglicismos, como exemplificam alguns termos amplamente conhecidos, tais como *bacon*, *burger*, *fast food*, *nugget*, *milkshake*, *cheesecake* e *delivery*, coletados por Ruppenthal em sua

pesquisa de Iniciação Científica Voluntária (veja-se RUPPENTHAL; CORBARI, 2021). A pesquisa de Gonçalves (2017) constatou forte influência de línguas estrangeiras na culinária comercial, com destaque para o inglês, especialmente na denominação de marcas e estabelecimentos. Parte disso, segundo a autora, deve-se à expansão das multinacionais do setor alimentício, como McDonald's, Burger King e Subway. Segundo Assis-Peterson (2008), diversos estabelecimentos comerciais criam seus nomes a partir de termos oriundos do inglês, adaptando-os ou não, ou ainda mesclando-os a elementos do português, o que a autora denomina de processo transglóssico, tal como ocorre em Picanha's House e Art's Sabor. Tais escolhas podem estar ligadas à necessidade de atribuir determinado "valor" ao elemento nomeado. No caso da análise apresentada neste estudo, mais adiante, outros fatores podem concorrer para a manutenção do anglicismo – por exemplo, a dificuldade de encontrar termo correspondente em português –, mas acreditamos que o desejo de glamurização do produto ou serviço esteja presente em grande parte dos casos.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Metodologicamente, a pesquisa classifica-se como básica, de natureza qualitativa interpretativista, pois os dados são interpretados com base na compreensão do objeto de pesquisa (MINAYO, 2001). Trata-se de pesquisa bibliográfica, em que realizamos revisão da literatura para a fundamentação teórica da pesquisa, e análise de dois textos, publicados na internet, para este estudo: uma matéria de revista feminina de moda e um texto de blogue voltado a empreendedores do setor alimentício, os quais são descritos a seguir.

Para ilustrar estrangeirismos relacionados à moda no contexto pandêmico/pós-pandêmico, foi selecionada a matéria intitulada *Como usar a calça 'wide leg', o modelo queridinho da vez* (VARELA, 2021), doravante Texto 1, de autoria de Thaís Varela, publicada em 9 de setembro de 2021 na plataforma digital da Revista Glamour, uma produção do Grupo Globo que atua no Brasil desde 2012 e cujo público-alvo é composto por mulheres. Segundo Orsi (2015), revistas femininas são extremamente receptivas a neologismos e empréstimos linguísticos, e isso transparece já no *slogan* do veículo: "conteúdo engajado e bem-humorado para quem ama moda, beleza e *lifestyle*".

Para ilustrar estrangeirismos relacionados ao setor alimentício no contexto pandêmico/pós-pandêmico, foi selecionada a matéria intitulada, *Mercado de alimentação pós-pandemia: projeções, tendências e dicas para adaptar sua franquia* (PACHECO, 2021), doravante Texto 2, de autoria de Filipe Pacheco, publicada em 26 de fevereiro de 2021 no blogue abrigado no sítio eletrônico da Central do Franqueado, descrita como “um sistema para franquias que otimiza a padronização, promove o engajamento e acelera a expansão de rede de franquias”. Em outras palavras, trata-se de um sistema *online* que facilita a comunicação entre franqueados e o gerenciamento de franquias.

Os anglicismos mapeados nesses textos são apresentados um a um, com a informação do número de ocorrências no texto e apresentação das definições e de alguns recortes em que esses termos aparecem no texto. Foram descartados da análise os anglicismos não relacionados ao vocabulário específico da moda e do setor alimentício, de forma que nomes de redes sociais (Instagram, Facebook) e termos não relacionados diretamente a produtos, processos e atividades dessas áreas foram ignorados. Igualmente, não foram considerados os anglicismos presentes em legendas de fotos, onde eventualmente se repetem alguns anglicismos presentes no texto, especialmente quando se tratam de termos-chave.

Na sequência, discutimos as possíveis motivações para o uso desses anglicismos, com base especialmente na categorização proposta por Corbari e Salvini (2020), que mostram que os anglicismos são usados: a) quando inexitem termos equivalentes no português; b) quando existem correspondentes no português, mas estes não atendem ao critério de economia de palavras; c) quando existem correspondentes no português, mas, por não se tratar de traduções fiéis, seu sentido pode ficar prejudicado; d) por tradição ou por preferência. Acredita-se que os mesmos fatores possam influenciar na adoção de anglicismos na linguagem da moda e da área da alimentação, com destaque para os fatores economia linguística e desejo de glamurização.

ANÁLISE DE DADOS

Anglicismos encontrados no Texto 1

No Texto 1 (VARELA, 2021), foram encontrados dez anglicismos relacionados à linguagem da moda, somando 17 ocorrências:

A) *Wide leg* (4 ocorrências)

O termo foi o anglicismo mais recorrente, por ter relação direta com o tema da matéria. Literalmente, traduz-se por “perna ampla”. Na moda, trata-se de um modelo de calças compridas com a barra mais larga. Para verificação do contexto, destaca-se um dos trechos em que o termo aparece no texto:

- (01) *Descolada é a palavra certa para descrever a calça de alfaiataria com modelagem **wide leg**. A barra ampla transforma o modelo arrumadinho em um item moderno e ainda atualiza a peça para o ambiente urbano.*

B) *Look(s)* (2 ocorrências)

Na moda, *look* refere-se às escolhas de uma pessoa ao se vestir, como em “o *look* do dia”. O termo poderia ser traduzido como “visual” (substantivo).

- (02) *Esta calça que vamos falar por aqui ganhou o nosso coração com o seu visual estiloso e a modelagem soltinha que garante um **look** confortável.*

C) *Baggy* (1 ocorrência)

O termo deriva de *bag* (saco), que significa “folgado(a) / largo(a)”. Refere-se a um modelo de calça larga com cintura alta. Destaca-se o trecho em que o termo aparece no texto, juntamente com outro anglicismo:

- (03) *O modelo com a barra ampla é um meio termo entre a icônica calça pantalona, que possui as pernas superlargas, e a **baggy**, que tem o **oversized** como marca registrada.*

D) *Oversized* (1 ocorrência)

O termo se traduz, literalmente, por “superdimensionado”, “grande demais”. Na moda, refere-se a peças com modelagem mais ampla que o convencional. O contexto de ocorrência é o apontado no exemplo anterior.

E) *Jeans* (3 ocorrências)

Não há tradução para o português. Em inglês, trata-se de calças de brim em diversas tonalidades de azul. Em português, refere-se ao tipo de tecido, e usa-se o termo geralmente em função adjetiva, como em “calça *jeans*”.

- (04) *A versão **jeans** foi uma das primeiras a bombar e fez ainda mais sucesso durante o isolamento social devido a sua modelagem larguinha que funcionava*

*como uma alternativa confortável para quem queria voltar a usar o tecido **fashionista** após um longo período só vestindo moletom, mas não estava disposto a abrir mão do bem-estar que se tornou a prioridade do guarda-roupa nos últimos meses.*

F) *Fashionista* (2 ocorrências)

Derivado de *fashion*, que significa “moda”, o termo se refere à pessoa muito interessada em moda ou que trabalha nesse setor. Observa-se a característica híbrida do termo: mantém-se como estrangeirismo em sua base (*fashion*), considerando-se que não houve adaptação fonológica e morfológica nessa parte, mas absorve o sufixo *-ista*, do português. Um dos contextos de uso foi ilustrado no exemplo anterior.

G) *Vintage* (1 ocorrência)

Refere-se a algo clássico e antigo, que foi e segue sendo usado em determinado estilo de vestuário. O contexto de ocorrência é o seguinte:

- (05) *Sucesso nos anos 1990 e 2000, a peça está dominando as ruas novamente e pode ser encontrada em diferentes estilos, da versão de alfaiataria, que fica mais descolada graças ao formato extenso, ao **jeans**, que traz a **vibe vintage** das décadas passadas quando feito seguindo o formato **wide**.*

Observa-se, nesse trecho, a presença do anglicismo *vibe*, forma reduzida de *vibration* (vibração). Trata-se de uma gíria para referir-se a estado de espírito, de modo geral, que, neste caso, reflete-se na moda. Outro termo similar em sentido, que aparece no texto, é o termo *mood*, cuja tradução direta é “humor”.

H) *Fake* (1 ocorrência)

Literalmente, significa “falso”. Na moda, refere-se a material ou produto que imita algo verdadeiro. O contexto de ocorrência é o seguinte:

- (06) *Diferentes tecidos, cores e estampas são uma ótima aposta para inovar o **look** com a peça. Explore modelos de linho, couro **fake**, sarja e mais para diversificar as produções.*

I) *Blazer* (1 ocorrência)

Trata-se de um modelo de jaqueta. O contexto de ocorrência é o seguinte:

- (07) *Versáteis, eles combinam com qualquer estilo de complemento e podem ir bem do **blazer** chique ao **cropped** de alcinha à lá [sic] anos 1990.*

J) *Cropped* (1 ocorrência)

Literalmente, pode ser traduzido como “recortado” ou “curto”. Refere-se a blusas ou camisetas com modelagem mais curta no corpo. O contexto de ocorrência foi apresentado no exemplo anterior.

Os anglicismos identificados nesse texto podem ser assim categorizados:

- a) palavras que não têm termos equivalentes na Língua Portuguesa: *baggy*, *vintage*, *fashionista* e *cropped*;
- b) termos para os quais uma tradução literal soaria estranha: *wide leg* (uma alternativa seria utilizar “calça de perna larga”, mas não se trata de expressão econômica linguisticamente) e *oversized*;
- c) termos utilizados por tradição (por já terem sido incorporados ao português) ou preferência: *look*, *jeans*, *fake* e *blazer*.

Em termos de localização temporal, alguns anglicismos usados nesse texto já são de uso consagrado no vocabulário da moda há décadas: *jeans*, *look*, *blazer*. Não é possível precisar exatamente quando eles ingressaram no português, mas talvez grande parte dos falantes os reconheça. Outros talvez sejam um pouco mais recentes, mas já se tornaram bem conhecidos a aqueles que, de alguma forma, interessam-se por moda, tais como *fake*, *fashionista* e *vintage*. Outros, por fim, são bastante recentes e, provavelmente, desconhecidos pela maioria dos falantes, tais como *oversized*, *cropped* e *wide (leg)*.

Com relação à possível influência do contexto pandêmico e pós-pandêmico na moda, talvez nada reflita mais esse momento quanto os termos ligados ao conceito de conforto, especialmente relacionado à característica da amplidão: *oversized*, *wide (leg)* e *baggy*. A necessidade de isolamento social e trabalho remoto confinou as pessoas no ambiente doméstico, propício à adesão ao uso de roupas mais confortáveis. Destacamos que muito dos recortes apresentados como exemplo dão conta de contextualizar os objetos nomeados na realidade da pandemia da Covid-19.

Anglicismos encontrados no Texto 2

No Texto 2 (PACHECO, 2021), foram encontrados sete anglicismos relacionados ao setor de alimentação, somando 31 ocorrências:

A) *Self-service* (7 ocorrências)

Literalmente, traduz-se por “autosserviço”, termo que, inclusive, aparece quatro vezes no texto. Trata-se de atendimento em que o próprio consumidor se serve. Para verificação do contexto de uso, destaca-se o seguinte trecho do texto:

- (08) *Uma nova forma de oferecer o **self-service** tem se projetado como uma tendência para negócios de alimentação neste modelo.*

B) *Grab&go* (7 ocorrências)

Literalmente, traduz-se por “pegue&leve”. No próprio texto, encontra-se a definição do termo: “O formato *grab&go* se trata de disponibilizar as refeições em porções protegidas por embalagens descartáveis para serem levadas pelos clientes para consumir no estabelecimento ou fora” (PACHECO, 2021, s.p.). Além desse trecho, pode-se mencionar o seguinte:

- (09) *Para exposição dos alimentos no formato **grab&go** são utilizados uma espécie de vitrine, como **freezers** de supermercados, que dispõem as opções do cardápio.*

C) *Take away* (1 ocorrência)

Literalmente, traduz-se por “leve embora” e tem significado similar a *grab&go*. Trata-se de “comida para viagem”, expressão equivalente que é também bastante usada, quando se opta por evitar o anglicismo. No trecho em que o termo ocorre, há outros anglicismos presentes:

- (10) *As **dark kitchens** são formatos de operação em que não há um restaurante físico para atender aos clientes, operando apenas no formato de **delivery** e **take away**.*

D) *Delivery* (9 ocorrências)

No texto, além das ocorrências do anglicismo, também aparecem “entrega” e “sistema de entregas”. Destaca-se o seguinte trecho em que o termo ocorre:

- (11) *O **delivery** continua forte no momento pós-pandemia e tende a se desenvolver trazendo novos modelos de negócio.*

E) *Cloud kitchens* (1 ocorrência)

Traduz-se literalmente por “cozinhas nuvem”. O trecho em que o termo aparece contém a explicação desse modelo de negócio:

- (12) *Um outro formato ainda é possível, que são as conhecidas como **cloud kitchens**. Neste modelo, a franquia pode terceirizar toda sua produção a uma empresa que se responsabiliza desde a preparação dos produtos até a entrega, onde a rede irá receber ‘royalties’ dessa empresa que detém a cozinha.*

F) *Dark kitchen(s)* (5 ocorrências)

Traduz-se literalmente por “cozinha(s) escura(s)”. Trata-se de restaurante virtual, voltado para entrega em domicílio. No próprio texto, há a seguinte definição: “Neste formato, o negócio possui uma cozinha para preparação dos produtos e os disponibiliza por meio de um aplicativo de *delivery*, seja ele da própria marca ou de terceiros” (PACHECO, 2021, s.p.). Outro trecho que ajuda a esclarecer o conceito é o apresentado no exemplo relacionado ao termo *take away*. Como exemplo para contextualizar o uso do termo, apresenta-se o seguinte:

- (13) *A ABF também apontou que o **dark kitchen** é uma tendência bem consolidada no segmento de alimentação.*

G) *Snackfication* (1 ocorrência)

Este termo também não tem equivalente no português. Trata-se da tendência, especialmente entre os mais jovens, de consumir mais lanches (*snacks*, no inglês) em vez de refeições tradicionais, como se pode verificar no seguinte trecho:

- (14) *Um dos benefícios é se adaptar à tendência de consumo das novas gerações, chamada de **Snackfication**. A prática consiste na forma que a alimentação tem sido praticada, onde se consome diversas vezes no dia, na sua maioria lanches, ao invés das refeições tradicionais.*

Seguindo a proposta de Corbari e Salvini (2020), os anglicismos relacionados à alimentação encontrados nesse texto podem ser categorizados desta maneira:

- a) termos para os quais existem correspondentes em português, o que não justificaria, a princípio, o uso dos anglicismos: *self-service*, *grab&go*, *take away* e *delivery* (este último, juntamente com *self-service*, tem seu uso já bastante difundido no Brasil, o que já os inclui na categoria de uso por tradição);

- b) termos para os quais a tradução literal soaria estranha no contexto ou que exigiriam uma descrição dos processos a que se referem, para que o leitor entendesse o conceito: *cloud kitchens* e *dark kitchens*;
- c) termos para os quais não há correspondentes em português, o que requereria uma descrição desses processos para que o leitor entendesse do que se trata, como é o caso de *snackfication*.

Nota-se que a maioria dos termos identificados no texto, assim como mostram seus contextos imediatos de uso (cotexto) retrata uma realidade que se amplificou no contexto pandêmico, no qual muitos estabelecimentos tiveram de fechar suas portas ou restringir a presença de consumidores no local. O formato dos negócios teve de ser adaptado para que, por um lado, as empresas pudessem sobreviver, e por outro, os consumidores tivessem opções para a alimentação sem que necessitassem elaborar suas próprias refeições o tempo todo. Esses formatos incluem preparação de refeições para entrega em domicílio, preparação de refeições rápidas para o cliente retirar no local, disponibilização de comida já pronta e embalada para o consumidor retirar, entre outros modelos alternativos à tradicional forma de consumir refeições no local de sua produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão aqui apresentada reforça a ideia de que os empréstimos linguísticos e estrangeirismos podem refletir mudanças na realidade social, uma vez que novas realidades requerem nomeação, e a ausência de termo adequado para definir determinados objetos, ações, processos etc. gera uma lacuna que precisa ser preenchida de alguma forma. Muitas vezes, a motivação para uso desses termos pode ser relacionada à falta de termos correspondentes, aos critérios de economia e de sentido ou à possível estratégia de evitar a estranheza de uma tradução literal, que frequentemente é extensa e feriria os critérios de economia e sentido. Porém, nos inúmeros casos em que não se justificaria o uso do termo estrangeiro, a escolha provavelmente ocorre devido à preferência dos envolvidos na área, talvez até para imprimir certa glamurização aos produtos e às tendências.

Quanto à movimentação de anglicismos como termômetro de mudanças no comportamento social, verificamos o surgimento ou a popularização de alguns termos da língua inglesa no contexto da pandemia da Covid-19, especialmente em virtude da

necessidade de isolamento social e de manutenção de protocolos sanitários. Na área da moda, que é particularmente volátil e movimentada com frequência novos termos, incluindo anglicismos, verificamos a movimentação de termos relacionados à ideia de conforto, na busca de adequar-se à situação de confinamento e trabalho remoto. No setor de alimentação, a necessidade de adaptar-se à nova realidade imposta pela pandemia demandou novas formas de consumo e atendimento ao público, resultando na popularização de anglicismos que refletiam essa realidade. Em muitos casos, os modelos de atendimento ao consumidor são “importados” de outros países, especialmente dos Estados Unidos, e, no “pacote”, vêm os termos que designam esses modelos.

REFERÊNCIAS

ASSIS-PETERSON, A. A. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos translíngüísticos e transculturais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, p. 323-340, dez. 2008.

BAGNO, M. Cassandra, Fênix e outros mitos. *In*: FARACO, C. A. (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 49-85.

BRANCO, S. O. Diferenciais de poder e o empréstimo linguístico em traduções no Brasil. **Antares: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 236-250, jul./dez. 2011.

CORBARI, C. C.; SALVINI, L. M. O uso de anglicismos no jargão corporativo: algumas reflexões com base em textos voltados a empreendedores. **Alpha**, Patos de Minas, v. 21, n. 1, p. 80-98, jan-jul. 2020.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. 2nd. ed. New York: Cambridge University Press, 2003.

FARACO, C. A. Empréstimos e neologismos: uma breve visita histórica. **Alfa**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 131-148, 2001.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. Estrangeirismos: desejos e ameaças. *In*: FARACO, C. A. (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 15-36.

GOIS, M. V. S. A influência dos estrangeirismos na língua portuguesa: um processo de globalização, ideologia e comunicação. **Philologus**, Rio de Janeiro, v. 40, p. 14-34, 2008.

GONÇALVES, B. C. **Estrangeirismo e gastronomia**: uma análise nos cardápios em *shoppings* de Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Línguas

Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

IVO, F. Pandemia já provoca mudanças sazonais e permanentes no mercado da moda. **Hoje em Dia**, jun. 2020. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/plural/pandemia-já-provoca-mudanças-sazonais-e-permanentes-no-mercado-da-moda-1.792104>. Acesso em: 2 nov. 2021.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, N. G.; ROPELATTO, L. Moda, efemeridade e os momentos críticos do século XX. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 11, n. 16, p. 228-238, ago. 2016.

ORSI, V. A presença de empréstimo da Língua Inglesa na revista brasileira Glamour. *In*: COLÓQUIO DE MODA, 11.; CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA, 2., 2015, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2015.

PACHECO, F. Mercado de alimentação pós-pandemia: projeções, tendências e dicas para adaptar sua franquia. **Central do Franqueado** [blogue], s.p., 2021. Disponível em: <https://centraldofranqueado.com.br/blog/mercado-de-alimentacao-pos-pandemia/>. Acesso em: 12 set. 2021.

RATAJCZYK, R. T.; CORBARI, C. C. Anglicismos em matérias de moda na revista *Glamour*: reflexos de transformações na realidade social. *In*: JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 23., 2021, Marechal Cândido Rondon. **Anais [...]**. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2021. Disponível em: <https://server2.midas.unioeste.br/sgev/eventos/23jell/anais>. Acesso em: 15 abr. 2022.

RUPPENTHAL, D. S.; CORBARI, C. C. Anglicismos usados no setor alimentício no contexto da pandemia de Covid-19. *In*: JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 23., 2021, Marechal Cândido Rondon. **Anais [...]**. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2021. Disponível em: <https://server2.midas.unioeste.br/sgev/eventos/23jell/anais>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SANTA MARIA, A. B. **Anglicismos na Administração de Empresas**: reflexões cognitivistas sobre motivações de uso. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

SCHMITT, L. G. Anglicismos no português brasileiro: uma questão de preenchimento do léxico ou desvalorização da língua? *In*: SEMINÁRIO NACIONAL EM ESTUDOS DA LINGUAGEM, 2., 2010, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: Unioeste, 2010.

VALADARES, F. B. Uso de anglicismos, variação e mudança linguística: o caso da Revista Exame. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, n. 8, p. 93-110, 2014.

VARELA, T. Como usar a calça 'wide leg', o modelo queridinho da vez. **Glamour**, 09 set. 2021. Disponível em:
<https://revistaglamour.globo.com/Moda/Tendencias/noticia/2021/09/como-usar-calca-wide-leg-o-modelo-queridinho-da-vez.html>. Acesso em: 10 nov. 2021.

AUTORES

Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

Doutora em Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UEMS –
tribesse@yahoo.com

Clarice Cristina Corbari

Doutora em Letras. Docente do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon.

Daniel Seidel Ruppenthal

Discente do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon.

Drielly Santos de Souza

Tem experiência na área da Educação, Licenciatura Plena em Pedagogia, com experiência na regência de aulas, coordenação de ensino, monitoria e docência de disciplinas, orientação de alunos, elaboração de atividades interdisciplinares e desenvolvimento e implementação de projetos educacionais e pedagógicos, contribuindo para a conquista de melhorias na qualidade dos processos de ensino e aprendizagem. Experiência na digitação de aulas, atividades, provas e trabalhos, bem como na criação de materiais didáticos, reestruturação e estabelecimento de novas metodologias de ensino, aperfeiçoando as práticas pedagógicas, considerando normas, regulamentos e programas propostos pela Secretaria da Educação.

Kelin Regina Bergamini do Nascimento

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino (Stricto Sensu) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Foz do Iguaçu. Professora da rede pública de ensino do município de Foz do Iguaçu. E-mail: kelinbergamini@gmail.com.

Lara Beatriz A. Teixeira

Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: bialara56@gmail.com

Lucirene da Silva Carvalho

Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: lucirenesilva@cchl.uespi.br

Maria de Lourdes Mazza de Farias

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (1986), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1997) e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). É Pedagoga na Rede Pública do Estado da Educação do Paraná e também professora na Faculdade Educacional da Lapa (FAEL).

Maridelma Laperuta-Martins

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa UNESP-AR. Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Foz do Iguaçu. E-mail: chomsky1928@yahoo.com.br.

Nathalia Emanuele Oliveira

Discente do Curso de Graduação em Geografia do IFMG Campus Ouro Preto. Bolsista PIBIC - IFMG.

Raquel Terezinha Ratajczyk

Discente do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon.

Shirlene Bemfica de Oliveira

É Doutora em Linguística Aplicada pelo PosLin: Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (PosLin-UFMG/CAPES). Professora efetiva de Língua Inglesa dos Cursos de Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto. Orienta pesquisas na Educação Profissional, Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT., Formação de Professores e processos de ensino e aprendizagem.

Silmara Cristina Batista da Silva

Doutoranda em Estudos de Linguagens – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS – silsfc@hotmail.com

Thaís Ellen Romualdo de Oliveira

Discente do Curso de Graduação em Geografia do IFMG Campus Ouro Preto.
Bolsista PIBIC - IFMG.



ISBN 978-658452521-4



9

786584

525214


Editora
REALCONHECER